This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.

+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.

+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.

+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

SA6050.4

HARVARD COLLEGE LIBRARY

SOUTH AMERICAN COLLECTION

THE GIFT OF ARCHIBALD CARY COOLIDGE, '87

AND CLARENCE LEONARD HAY, '08

IN REMEMBRANCE OF THE PAN-AMERICAN SCIENTIFIC CONGRESS

SANTIAGO DE CHILE DECEMBER MDCCCCVIII

61795

MEMORIA ANALYTICA

A CERCA

DO

COMMERCIO D'ESCRAVOS,

E

A CERCA DOS MALLES

DA

ESCRAVIDÃO DOMESTICA.

DE

F. L. C. B.

RIO DE JANEIRO.

TYPOGRAPHIA COMMERCIAL FLUMINENSE.

1837.

n° 6424

MEMORIA ANALYTICA

A' CERCA DO

COMMERCIO D'ESCRAVOS

E

A' CERCA DOS MALLES

DA

ESCRAVIDÃO DOMESTICA.

POR

F. L. C. B.

Le mot traite de nègres ne signifie plus au jourd'hui qui ceci: A qui restera l'Amerique? à l'Afrique ou bien à l'Amerique?
Tout cargaison de nègres, transportée en Amerique, equivant a une cargaison de poudre destinée a embraser le pays, ou bien á celle d'animaux prêts a la dévorer.

DE PRADT.—*Congrés du Panamá.*

RIO DE JANEIRO,
TYPOGRAPHIA COMMERCIAL FLUMINENSE.
1837.

SA 6050.4

Harvard College Library
Gift of
Archibald Cary Coolidge
and
Clarence Leonard Hay
Jan. 3, 1913

Impresso por S. F. Surigué, rua dos Ourives n. 45.

INTRODUCÇÃO.

A Sociedade Defensora da Liberdade e Independencia Nacional no Rio de Janeiro, publicou hum programa que poz a concurso, debaixo das seguintes bazes:

1.ª Mostrar a odiosidade toda do Commercio de escravos, refutando os sophismas com que usão defendel-o os seus apologistas;

2.ª Expender os meios por os quaes a introducção dos escravos Africanos póde ser supprida, quer mandando vir colonos por conta de particulares, quer admittindo machinas que simplifiquem e facilitem os progressos da agricultura e mineração, quer melhorando a condição dos escravos existentes, e procurando indirectamente removêl-os das Cidades para os Campos;

3.ª Notar detalhadamente as vantagens que tem o serviço de homens livres sobre o que pódem prestar braços cativos, forçados ao trabalho;

4.º Fazer vêr a nociva influencia que a introducção de escravos Africanos exerce em nossos costumes, civilisação, e liberdade.

Desejando tratar hum assumpto tão importante e de que julgo depende o futuro destino do nosso paiz, e que nos collocará no numero das Nações civilisadas, ou entre as hordas barbaras; sem consultar o que realmente podia, ouzei discutir huma materia magistralmente de-

batida por homens abalisados, com quem nem por imaginação atrevo a comparar-me, e a appresentar algumas idéas mal expressas, na verdade, porém que são filhas de bons desejos, e da intima convicção em que estou, de que com a praga dos escravos o Brasil nunca poderá prosperar, e que as suas instituições estão ameaçadas a cada passo, e talvez mesmo a sua existencia como Nação.

Confesso que, na confeição da presente Memoria, obrigado a consultar muitos Tratados, nem huma destas obras me parecem mais forte, nem mais bem escripta que o Tratado de Legislação do celebre Charles Comte; nenhuma me convenceu mais intimamente, a mim que desejo convencer os outros.

De todas as suas idéas me aproveitei, huma vez que tivessem relação com o nosso estado de cousas; e muitas vezes, não podendo usar de termos mais acertados nem mais energicos, por mais torturas que desse a imaginação, fui antes seu copista que seu commentador: mas tive sempre o cuidado de cital-o; e espero que esta ingenua confissão aparte de mim toda a accusação de plagiato.

A Sociedade Defensora faria hum serviço relevante ao Brasil, e que serviria como de complemento a tantos outros prestados á nossa Patria desde a sua instalação, se mandasse tradusir e vulgarisar o 4.º volume do Tratado de Legislação d'este profundo publicista, que a meu vêr he obra unica no seu genero.

As quatro condições ou bazes do programma formão materia para outros tantos Capitulos; mas eu julguei dever alterar a sua ordem para melhor ligação das idéas, tal como concebi o plano da memoria, muito mais vasto

na realidade do que as bazes do mesmo programma; porque, não considerei sómente os males e inconvenientes da maior ou menor importação d'escravos, mas os males permanentes e duradouros que nascem em geral da existencia da escravidão domestica. Na verdade o commercio de entes humanos póde augmentar até hum certo ponto os males que já soffre o paiz; porém he dos principios e systema da escravidão que elles se gerão todos.

Attaque-se o mal pela raiz, se o queremos extirpar. Não he com paliativos que se curão enfermidades mortaes; e o melhor meio de evitar os perigos he encaral-os sem pavor, para que se possa fugir do precipicio a tempo.

Com tudo esses remedios heroicos não pódem ser applicados de chófre a huma associação inteira, sem que muitas vezes se evitem os perigos e as tormentas que se querião previnir; ao contrario elles devem ser applicados lentamente, com a maior circunspecção e a longos intervallos: quando se quer pôr em pratica huma medida apparentemente violenta, deve imitar-se ao sabio e prudente Medico, que antes de executar huma operação tão dolorosa como arriscada, persuade ao padescente que a mutilação de hum membro gangrenado o salvará da morte e o fará gosar longos annos de felicidade.

He assim que deve proceder o Legislador sisudo e bem intencionado; he assim que deve marchar o patriota illustrado, que vê o mal e o remedio, mas que não ousa extirpar a hum e applicar a outro, com temor de férir de frente prejuizos inveterados e habitos bebidos com o leite, fructos da ignorancia e de huma serie de pessimos governos. A arma da persuasão he pois a

primeira de que deve usar-se. He por meio de escriptos cheios de logica, que a nossa população proprietaria começará a despersuadir-se da nenhuma utilidade dos escrâvos, e dos inconvenientes que causão ao paiz e aos particulares essa multidão de infelizes, que só servem para desmoralisar nossos costumes e atrasár todas as nossas cousas. Mas, quando se quer persuadir, he necessario conhecer o genio, os habitos e os prejuizos dos individuos ao espirito dos quaes se quer levar a convicção; sem este prévio conhecimento, póde dar-se em falso, e produzir, se não hum effeito ridiculo, ao menos tornar sem gume a arma da persuasão que se emprega. Felizmente não he necessario conhecer profundamente o coração humano, para saber que os homens em toda a parte se dividem em duas classes, que muitas vezes se confundem na verdade, graças aos deffeitos inherentes ao genero humano, mas que sempre convem extremar, em honra da mesma especie humana.

A' classe menos numerosa, a Logica a mais efficaz he aquella que tem por fim mostrar-lhe os inconvenientes que nascem de tal ou tal abuso, quando este abuso tende a diminuir a prosperidade do paiz natal, a desmoralisar seus concidadãos, ou finalmente tornar sem estabilidade instituições virtuosas, fundadas no interesse commum, e de que julgão dependentes toda a felicidade que o homem póde gosar n'este mundo de miserias. A outra classe, que comprehende talvez os dois terços do genero humano, menos illustrada e por tanto mais egoista, só vê em tudo o seu interesse, o seu commodo, ou a sua segurança pessoal e nada mais.

Para que a convicção seja geral, he pois indispensavel empregar raciocinios differentes; mas estes raciocí-

nios não são igualmente faceis para ambas as Classes em que se dividem os membros de todas as Sociedades.

Demonstrar á primeira que a existencia da escravidão he huma origem fecunda de immoralidade, despotismo e ruina, he muito mais difficultoso do que convencer á segunda do nenhum interesse que dão os escravos aos seus proprietarios, e que a sua segurança, a de suas familias e seus bens, estão de continuo ameaçadas pela existencia de huma numerosa raça de inimigos domesticos, cujo unico fito deve ser a destruição e o exterminio de seus oppressores. Com effeito as demonstrações dependentes de idéas abstratas exigem talentos consumados, huma logica forte e clara, o que não está ao alcance de todos; e de mais, o raciocinar sobre cousas, cuja realisação só póde verificar-se no futuro, arriscão o raciocinador a passar por falso profeta no espirito do commum: mas demonstrar o que todos observão, o que todos sentem, nada ha mais facil. Huma tal demonstração não entra no numero das cousas *possiveis*, mas no das cousas *reaes e existentes:* basta appresentar os factos taes quaes elles são, e hum calculo sem réplica.

Debaixo d'estes principios, a presente memoria póde considerar-se como dividida em duas partes. Em huma deligenceio convencer os patriotas illustrados, chamando á sua attenção sobre os perigos que corre a liberdade por elles conquistada á custa de tantos sacrificios, o atraso em que existe o paiz em consequencia do systema da escravidão, e a dependencia real da nossa nação em quanto durar tão intensamente hum estado de cousas que prohibe o desenvolvimento das luzes e da industria, a propagação da civilisação, e a multiplicação de huma população livre e homogenea. Ao commum, á classe

egoista, de que serve dizer-lhe que a palavra *liberdade* está em contradicção com a existencia de *escravos;* que a escravidão he opposta á religião; que philantropia e caridade são nomes vãos, em hum paiz dividido em opressores e opprimidos? de que servirá excitar a sua compaixão para com huma raça tyranisada á tantos seculos? Finalmente que impressão poderá fazer no seu espirito acanhado considerações da mais alta monta? Dizer-lhe, por exemplo, com hum author de renome (Volney): " Meditemos que esta raça de homens negros, hoje nossa escrava e o objecto de nossos despresos, he a mesma a quem devemos as artes, as sciencias, e até mesmo o uso da palavra; e quanto he triste imaginar que he entre povos, que se dizem amigos da liberdade e da humanidade, onde se tem sanccionado a mais barbara das escravidões, e posto em problema se os homens negros tem huma intelligencia da especie dos brancos! "

He o interesse, e sómente o interesse o lado fraco do attaque; he por esta parte, a unica vulneravel, que dirigirei a arma da persuasão; arma fraca para espiritos rebeldes, mas a unica que deve usar-se entre concidadãos.

Pela ordem que julguei dever dar ás materias, o 1.° Capitulo, que he igualmente a 1.ª condicção do programma, he destinado a mostrar o odiozo do commercio de escravos e a refutar os sophismas, alguns absurdos e outros atrozes, com que o costumarão defender em todos os tempos e paizes, os que n'elle tinhão interesse. Mas não se deve considerar este Capitulo como o unico destinado a esta refutação; todos os outros têm por fim combater estes sophismas e demonstrar os horriveis crimes commettidos em todos os tempos pelos contrabandistas e introductores d'escravos, e ainda mais a attacar

os principios e o systema da escravidão; systema de tyrania, que chamará o reinado da tyrania para o selo dos povos que o consentem e o sanccionão, como tem sempre acontecido.

Este Capitulo e o seguinte são especialmente destinados a convencer os espiritos susceptiveis de admittirem idéas de moralidade, de conveniencia social e de virtude: os espiritos formados de materia bruta, classe egoista a quem o interesse bem ou mal entendido, só move, no Capitulo terceiro acharão a refutação de seus errados calculos. N'elle verão que os escravos bem longe de produzirem esses grandes lucros que imaginão, não lhe dão interesse algum, ao contrario consomem em pouco tempo tudo quanto seus proprietarios podem alcançar por outras vias, e por fim levão para a sepultura o capital que custarão, e com elle as fortunas de seus alucinados Senhores.

A comparação entre os trabalhos, o custo e os productos dos escravos e dos homens livres, confirmará ainda mais o que disser sobre as nenhumas vantagens que dão os primeiros aos seus proprietarios, e a economia que lhes proveria occupando jornaleiros livres.

O Capitulo quarto começa por huma especie de projecto, para a abolição gradual e lenta da escravidão domestica. Deve notar-se que tendo a memoria por fim principal o commercio d'escravos, trato mais particularmente dos inconvenientes da escravidão domestica. A razão d'isto vem no decurso da mesma memoria, e já disse a este respeito duas palavras n'estas paginas; isto he, que o commercio d'escravos só podia augmentar os malles que nos pezão, mas que era da existencia e do systema da escravidão d'onde elles todos

se originavão. He pois a escravidão que deve attacar-se. E de mais, de que se trata? De persuadir? Porem haverão razões que convenção a hum homem avido, que cesse de occupar-se em hum commercio do qual lhe rezultão grandes interesses? Penso que toda a eloquencia de que hum grande orador he capaz não alcançará produzir hum semelhante effeito. Se as Leis e os Tratados, se penas graves o não apartão de huma occupação immoral e deshumana, todas as palavras são sons perdidos, e não farão impressão alguma em corações impedernidos.

Medidas preventivas, Leis rigorosas e sobre tudo bem executadas, são sem duvida os melhores argumentos.

He por esta persuasão que só mostro em geral o odiozo do commercio de êntes humanos, com o fito, não de convencer os contrabandistas, seus cumplices e protectores, mas aos indifferentes de que elles não devem coadjuvar de maneira alguma hum commercio infame, e que se oppoem ás Leis do seu paiz e á sua prosperidade.

Algumas vezes excedo aos limites marcados no programma, e mesmo uso de frases hum tanto acerbas a respeito do desleixo, ou o quer que seja, das nossas authoridades encarregadas de vedarem o contrabando; mas estas frazes de indignação acharão desculpa perante aquelles que só veêm n'esta violação dos Tratados e das Leis, hum acto de malvadeza e de cobiça.

Devo com tudo dizer que não tentei nem levemente increpar o governo geral: as medidas ultimamente tomadas, e a energia desenvolvida pelos agentes do Poder executivo, desvanecem até á mais leve sombra de suspeita que possa formar o espirito o mais prevenido. A

respeito porém da maior parte das aúthoridades subalternas, não se póde dizer outro tanto; ou seja conivencia, ou a persuasão funesta da necessidade de escravos no Brasil, o caso he que as authoridades locaes pactuão com os infames contrabandistas, ou escondem os seus maleficios por huma mal entendida comiseração.

Quanto ás vistas e medidas que appresento sobre a agricultura, o estabelecimento de manufacturas e outras, *eu as dou pelo que ellas valem.*

Quem paga ao seu paiz o tributo que lhe deve, conforme o gráo da sua intelligencia, tem cumprido a sua rigoroza obrigação: elle póde na verdade ser taxado de presumpçoso, mas não de Cidadão indifferente ou egoista; podem despresar as suas idéas como inuteis; porém sempre lhe resta o prazer de ter feito o que estava a seu alcance em beneficio do seu paiz e de seus Concidadãos.

ADVERTENCIA.

A Sociedade Defensora tendo-se tacitamente dissolvido, antes que a presente memoria lhe fosse apresentada, o seu Conselho não a pôde consequentemente tomar em consideração; assim ella deve ser reputada como a simples opinião do que a escreveu, e não como obra authorisada pela Sociedade ou pelo seu Conselho, ainda que n'ella se desenvolva o Programma publicado por sua ordem.

MEMORIA ANALYTICA

A'CERCA

DO COMMERCIO D'ESCRAVOS.

CAPITULO I.

Mostrar a odiosidade toda do commercio d'escravos, refutando os sophismas com que usão defendel-o os seus apologistas.

Quando os Piratas Barbarescos, á fôrça d'armas, e com risco de suas vidas, fazião prizioneiros alguns centenares de Christãos, e os reduzião á escravidão, quantos clamores se não ouvião de toda a parte! As miserias e os castigos que soffrião estes captivos, a perda da sua liberdade, a ausencia da terra natal, e das familias, erão objectos das mais tocantes lamentações. Como! Soffrer-se-há, que homens sejão escravos de outros homens, que a força prostergue direitos; consentir-se-há que Christãos sejão captivos de Mahometanos, de barbaros infieis?

Assim fallavão os mesmos individuos que ao depois, esquecendo-se do que tinhão dito, fizerão expedições para captivarem os seus semelhantes, sem se lembrarem que as suas Piratarias erão sem contradicção mais odiosas que as d'esses barbaros, pois que estes obravão consequentemente com a sua crença religioza, que lhes ordena a destruição de seus inimigos, e em conformidade com os seus costumes e governo. Mas os Christãos? O Evangelho, suas leis e costumes, tudo se oppunha a taes crimes. Que comparação póde haver entre hum homem que arrisca a sua vida para expoliar a alguns de seus bens e liberdade, e outro que sem risco, e a troco de alguns miseraveis generos priva a muitos milhares d'homens, da Patria, da liberdade, das familias, e os condemna a miserias e á oppressões sem termo, reduzindo assim o Ente feito á semelhança de Deos, de pessoa a *couza*, de tudo a *nada!*

Se se quizesse entrar em comparações detalhadas relativamente á violação de todos os direitos da parte dos Piratas Barbarescos, e dos Piratas Christãos, conhecer-se-hia que os primeiros á vista dos segundos são virtuosos, se tal expressão póde ser permittida; achar-se-hia a mesma paridade que póde haver entre hum ratoneiro ordinario, e hum salteador assassino: para bem a comparar bastaria só notar que entre os primeiros o captivo podia ainda ver o sólo natal, respirar o ár da liberdade, consolar-se no seio das familias dos martyrios soffridos: mas entre os Christãos, qual he o infeliz que póde esperar tal futuro? A morte he para elle o termo de suas longas miserias! De todos os crimes que espantão a humanidade, nem'hum iguala aos commettidos por estes contrabandistas da carne humana pelo espaço de tantos seculos!

Amontoar individuos da especie humana no interior de hum navio, carregal-os de ferros, exterminal-os ao menor signal de resistencia, dar-lhes hum sustento insalubre e mesquinho, negar-lhes as vestimentas que cubrão a nudez, trazel-os ao mercado como brutos animaes, e vender para sempre a sua liberdade, a de seus filhos e descendentes; degradar assim huma parte do genero humano, negando a seu respeito a existencia de todos os deveres moraes, e entregal-a ao exercicio continuo de todas as violencias, de que a mais refinada tyrania póde ser susceptivel: eis o quadro resumido dos crimes de que são responsaveis perante Deos e os homens, os primeiros introductores d'escravos, e seus imitadores?

Forão os Portuguezes os primeiros Europeos, que depois de devastarem a Africa e a Asia, fizerão hum ramo de commercio da introducção d'escravos nas Colonias Europeas. São elles hoje quem ainda continuão, depois da abolição deste infame trafico, a introduzir-nos furtivamente hum sem numero de miseraveis Africanos, augmentando assim os males que muito nos pezão. * Soffreremos nós isto? Será possivel que estrangeiros ludibriem de continuo o nosso Governo, sem que este ponha cobro, ainda que só fosse para manter a sua reputação? Continuará este commercio impune, e sem freio? Entrarão de continuo nos nossos portos muitos e muitos navios, depois de terem lançado nas costas huma mul-

* *He necessario diser, em abono da verdade, que não são somente os Portuguezes, propriamente ditos, os que se manchão com este nefando Commercio: muitos Brazileiros, de adopção ou não, empregão nelle os seus capitaes. A bandeira Portugueza sómente acoberta o crime!*

tidão d'infelizes que trazem comsigo a peste, o atrazo social, e o perigo? Consentir-se-há que voltem impunemente a trazer-nos novos carregamentos? Mas que lhes importa? O Brazil não he a sua Patria; os males que disto lhes provier não lhes tocará; ao contrario, tanto mais o paiz se arruinar, tanto mais satisfeita ficará a sua sanha: saciarão o seu odio Nacional, e farão ao mesmo tempo os seus interesses. Mas, consentirão isto as nossas Assembléas Legislativas, o nosso Governo, nós mesmos? O atrazo de todas as nossas couzas, o risco eminente que nos ameaça nos não commoverá? Se somos surdos aos brados da humanidade, que ao menos a nossa segurança e o nosso interesse nos faça sahir do torpôr imbecil em que jazemos á trez seculos. Façamos todos os exforços para extirpar d'entre nós tão grandes males, ou ao menos para que se não augmentem de continuo. O espectaculo e a convicção destes males já fazem levantar d'entre nós vozes generozas e illustradas; ja começamos a dispersuadir-nos de que o nosso paiz só pode ser cultivado por mãos d'escravos boçaes e inimigos; já finalmente começamos a convencer-nos de que em quanto o paiz se dividir em senhores e escravos, elle não prosperará, e que a existencia de escravidão domestica he hum volcão que de continuo ameaça a nossa ruina. Entremos pois sem temor na carreira encetada; cuidemos desde já no mal, antes que chegue a catastrophe: a humanidade, a prosperidade do nosso paiz, nossa segurança individual, e a de nossas instituições, nosso proprio interesse, tudo de nós reclama o mais decidido e energico Patriotismo. Se o antigo Despotismo foi insensivel a tudo, se elle protegeo com todas as suas forças a introducção espantoza de tantos milhões d'Africanos, assim lhe convinha; era esta a sua politica tenebroza para de nós formar hum Povo mesclado, sem espirito de nacionalidade, sem civilização.

Esta politica teimozamente seguida por trez seculos, falhou felizmente para nós; porem á semelhança dos cometas, que ás vezes chocão, e abalão o globo, deixou a póz si huma longa cauda d'erros, males, e crimes; se com effeito são erros e males dos mais funestos o aviltamento das pessoas, e das profissões industriaes, e divizão da população em oppressores e opprimidos, a multidão de prejuizos que oppõe barreira insuperavel aos progressos em todo o genero, e finalmente as consequencias inevitaveis de huma ordem de couzas, que póde arrastrar comsigo a desordem, a guerra civil de castas, e o mais atroz despotismo.

Estas verdades são sem duvida conhecidas pelos primeiros que

pozerão em andamento hum tal systema que foi logo desde o principio atacado; porque em todos os tempos, e em todos os paizes, sempre tem existido homens que prevêm o futuro, e deffendem os privilegios da humanidade. Foi para responder a estes attaques, e enganar aos indifferentes pouco pensadores, a classe mais numeroza neste mundo, que os interessantes neste infame commercio publicarão hum sem numero de mizeraveis sophismas dos quaes sómente alguns merecem séria refutação, mas que defficilmento se podem discutir a sangue frio. Estes apologistas a quem justamente se pode chamar infames, dizião ser hum acto de caridade transportar os habitantes d'Africa ás Colonias; primeiro, porque elles assim escapavão do cutelo dos Regulos; segundo, que a não virem esses escravos ficarião privados da luz do Evangelho, que todo o Christão deve promover e vulgarizar; terceiro, que para elles, (independentemente das duas primeiras apologias), he hum beneficio a escravidão, porque assim passão de hum clima horrivel para outro ameno; 3.° que nas guerras, que de continuo devastão a Africa, não se dando quartel aos prizioneiros, he para elles hum bem a conservação das vidas, ainda que seja em captiveiro. Mas estes apologistas conhecendo sem duvida que taes sophysmas fazião pouco effeito (porque simples principios de bem-ser e de moralidade influem pouco no coração da maior parte dos homens,) accrescentarão, que a não haverem escravos os possuidores de terras se verião obrigados a mudarem as culturas, e não poderião exportar generos que exigem grandes dispendios e trabalhos, e isto em paizes onde o clima se oppõem a que elles sejão explorados por mãos de Colonos industriozos, pois que os habitantes livres d'estes paizes são frouxos, e preguiçozos. Estas propozições, todas falsas e erroneas, são tão especiozas como os sophismas com que se custumão justificar os castigos e os máus tratamentos que os senhores dão aos escravos: elles disem que se os negros não fossem de continuo estimulados pelo açoute, e os supplicios, se tornarião preguiçozos, e insolentes; como se os castigos dessem amor ao trabalho, e reprimissem os impetos espontaneos do coração!

Quando disse serem estes os principaes sophysmas dos apologistas da escravidão domestica, quiz mostrar logo á primeira vista a fraqueza de taes sophismas; porque dos cinco que aprezentei, trez trazem comsigo mesmo a sua propria refutação. E com effeito, que beneficio póde rezultar a taes infortunados da mudança de clima, pois que estavão acostumados ao seu, pelo simples facto

de terem nascido debaixo da sua influencia; e se assim escapão ao cutêlo dos tyranos Regulos, e não morrem nas guerras, qual he o bem que se lhes faz reduzindo-os á escravidão, e por tanto ao exercicio de todas as violencias, de todas as crueldades, a todo o genero de privações, e de mizerias? A hum homem a quem se propozesse a comutação da pena capital, por huma prizão perpetua, e cheia de tormentos, seria reputado insensato se preferisse esta á aquella, porque huma faria cessar em hum instante seus soffrimentos, e a outra o faria supportar tormentos por longos annos.

Mas essas guerras, essas tyranias, roubos e incendios que dessolão a Africa, e que nos produzem tantos escravos, d'onde produzem? Forão os proprios introductores d'escravos que as fomentarão entre os negros, para mais barato comprarem os prizioneiros! Hoje talvez não seja necessario empregar a seducção, e os prezentes para que estas guerras se fação; mas he a continuação d'este in'humano e infame commercio, que as mantêm; se elle cessasse, he natural que ellas tambem cessassem em parte; porque então, a cobiça não tendo mais nutrição, os sentimentos de compaixão e caridade, que o interesse póde fazer calar no coração do homem, porem nunca extinguir, talvez desse outra direcção a esse espirito de crueldade, e de sangue d'avidez, que apenas destingue dos animaes feroses a esses regulos d'Africa. Se este commercio nunca tivesse existido, he natural que esta desgraçada parte de Globo já tivesse adquirido alguma civilização pela frequentação e commercio das Nações estrangeiras; assim hum tal commercio se oppoem ao mesmo tempo á civilização, e á prosperidade das duas maiores porções do mundo. Estas apologias valerião alguma couza, se os traficantes d'escravos os fossem buscar para estabelecel-os como colonos, libertando-os; mas perpetuar a escravidão, tornar esses desgraçados mais infelizes do que serião se tivessem sido mortos no seu proprio paiz, e pelos seus proprios compatriotas, dar azo a que se perpetuem taes horrores, he certamente hum attentado contra as leis da eterna justiça, he hum peccado contra a humanidade e a Divindade. E se isto valle a respeito dos individuos transportados, porque continuarão e continuão a ser escravos os filhos d'esses Africanos, e os filhos de seus filhos por tantas gerações? Forão estes apanhados na guerra? Custarão dinheiro? Mudarão elles de hum máu clima para hum outro melhor? Sahirão das trevas do paganismo para a luz do Evangelho? Não certamente; e então de que valem taes sophismas? Elles só servem de manto para cobrir todas as torpezas da avareza, e da cobiça.

O sophisma fundado na Religião, he tão forte como o precedente e se he possivel mais atroz, porque denota grande hypocrezia da parte dos apologistas.

O Systema da escravidão exclue toda a idéa de religião, porque esta de necessidade traz comsigo a idéa de deveres, e he impossivel separar deveres a preencher das idéas d'independencia e de vontade. Mas o que he a escravidão? He a abnegação de todas as vontades, e de sua subgeição absoluta aos caprixos dos outros. Os deveres que a nossa religião impõe se referem ou ao proprio individuo, ou aos outros, e á Divindade. Ora, o systema d'escravidão excluindo a respeito do escravo a idéa de todos os deveres, he evidente que os principios de religião, que se inculcarem aos escravos, estarão sempre em contradicção com a subgeição de todas as suas vontades aos caprixos de seus senhores. Se ao contrario admittisse, que todo o individuo da especie humana deve restrictamente preencher os deveres que a religião lhe impõe na qualidade de homem, d'espozo, de filho, d'irmão, ou de amigo, he igualmente evidente que a escravidão estaria de facto abolida, pois que assim ficaria o escravo ao nivel do senhor; pondo-se limites á authoridade de hum, e á obediencia do outro.

„ Se quizessemos saber, diz o judiciozo e profundo Charles Com-
„ te, * se a religião Christãa he conciliavel com a escravidão,
„ supponhamos de hum lado hum numero maior, ou menor de pessoas
„ a quem chamamos *escravos*, e d'outro lado huma outra pessoa a quem
„ chamamos *senhor* ou *proprietario*; suponhamos mais, que os escravos
„ estão plenamente convencidos das verdades das maximas da Religião
„ que se lhes ensinou, na firme rezolução de conformar suas conductas a
„ estas maximas, e que da sua parte o senhor esteja tambem firmemente
„ persuadido do seu poder absoluto, e disposto a uzar da força pu-
„ blica para fazer executar a sua vontade. Agora reflicta-se sobre
„ o que se hade passar entre huma multidão desarmada, mas rezol-
„ vida a condusir-se segundo os principios que se lhes ensinou, e huma
„ tropa armada que considera como hum dever a execução cega das
„ ordens da classe dos proprietarios. „

A vista deste simples thema, todo o homem a quem o interesse e o prejuizo não cega, póde logo tirar todas as conclusões contra esse miseravel motivo que dão os apologistas da importação dos escravos.

O primeiro e o principal preceito da religião, e o que a torna a mais perfeita de todas, he o que ordena aos homens amarem-se

* *No 4.° Volume do seu celebre Tratado de Legislação.*

como irmãos. Como poderá amar hum escravo fraternalmente, ou como a seu proximo ao algóz de sua familia, e de si proprio?

O Evangelho ordena expressamente á mulher: abandonarás teu Pay e tua Mãy, e seguirás teu esposo. Ora, de hum casal de escravos casados, o marido desagrada ao senhor, e este quer vendel-o, mas não á mulher; que fará esta se quiser cumprir o preceito do Evangelho? Resistirá? A força e os castigos separará infallivelmente o marido da mulher contra os principios que lhes inculcarão.

Se huma escrava recebe ordem de seu senhor, e outra differente de seu marido, a quem obedecerá? Se a seu senhor, pecca contra o Evangelho que ordena a submissão da esposa ao esposo; e se a este, será infalivel e asperamente castigada.

A religião e a moral ordenão aos Paes protejão a seus filhos e a estes que obedeção e respeitem seus Paes. Mas se huns, e outros quiserem restrictamente cumprir o que se lhes ensina, estas relações de familia estarão de continuo em opposição, ou com exercicio do poder dos senhores, ou com o cumprimento dos deveres moraes e religiosos dos escravos.

A religião ordena a castidade, e não admitte outros laços que não sejão os do matrimonio. Mas que fará huma filha, ou huma esposa, para resistir a seu senhor que as quer sedusir? Ou ha de succumbir, ou soffrerá todo o genero de supplicios. A religião ordena que a cada hum se dê o que lhe he devido. Ora, ensinando-se-lhe este preceito, que sahio dos proprios labios do Salvador, he necessario explicar-lhe que a Divindade reputa e castiga como hum grande crime o expolio da propriedade alheia e o roubo do fructo de seus trabalhos. Mas como ensinar hum tal preceito a individuos a quem se rouba tudo, que nada podem possuir, para quem as fadigas, os trabalhos, e a industria só produzem máos tratos, castigos e supplicios?

Finalmente se se lhes ensina que a vingança e a crueldade são crimes de primeira ordem, e que só á justiça compete punir, e ao mesmo tempo elles continuão a soffrer castigos arbitrarios, sem processo, e sem limites, huma tal contradicção os fará considerar a seus senhores como hum aggregado de malvados, que só escapão ás penas legaes pela parcialidade dos juizes.

Se os senhores para serem consequentes, não lhes ensinão os preceitos, mas sim alguns dogmas, então nada se tem feito relativamente á religião; então ella consistirá, como realmente acontece nos paizes d'escravos, em hum systema de superstições e de abusos anti-sociaes; porque alias o ensino dos deveres moraes, que a religião impoem, deve

destruir a escravidão, ou a escravidão deve impedir o estabelecimento da verdadeira religião. *

Bem se vê por este esboço quanto a escravidão he contraria ao espirito da religião, que os apologistas da escravidão inculcão quererem dar aos escravos, que a sua cobiça faz hir buscar á Africa. Mas, o que he ainda pior, ella exclue dos mesmos senhores toda a idéa de moral e de religião. No Capitulo seguinte mostrarei a influencia que a escravidão exerce sobre a população livre a respeito de todos os preceitos e das doutrinas, que a nossa religião nos ensina. Nós tyranisamos, escravisamos homens, redusimol-os a brutos animaes, e elles nos inculcão todos os seus vicios, e o esquecimento de todos os deveres, e assim o mal se compensa com hum mal maior.

Não he só entre os Catholicos que taes males existem; todas as seitas christaãs, excepto os Quakers e os Metodistas, † tiverão o mesmo espirito; todas fizerão este commercio anti christão: mas elle já cessou

* *Com effeito todo o culto que entre nós se ensina aos escravos, consiste em hum Baptismo irrizorio, e em algumas rezas, no numero das quaes entrão os preceitos do Decalogo, que certamente os encheria de indignação se os entendessem. Estas mesmas rezas são apprendidas á força de castigos; não esquecendo sobre tudo as pinturas do inferno.*

Que idéa farão elles de huma religião de caridade e misericordia, que se lhes incute por meio de maus tratos!

† *Os Quakers se tem dedicado á abolição inteira da escravidão. Para darem o exemplo, libertarão todos os seus escravos, e forão sempre os mais tenazes denunciantes dos introductores e cumplices do commercio d'escravos, e pregão constantemente contra a sua existincia.*

Os Methodistas estão possuidos do mesmo espirito, e se dedicão especialmente á educação moral e religiosa desta infeliz raça.

Em quasi todas as Colonias Inglezas, e nos Estados Sul da America-Unida, ha Missionarios desta Seita, que algumas vezes tem sido martyres do seu zelo. Deve diser-se em honra dos Dinamarquezes, que esta Nação foi a primeira da Europa, que abolio este horrivel trafico nas suas Colonias. Hum facto digno de notar-se, he que Genova se enriqueceo principalmente pelo trafico dos negros, cujo monopolio lhe foi vendido por hum nobre Flamenga a quem Carlos 5.° o tinha vendido. Em punição deste crime de leza humanidade, esta alcunhada republica foi sempre a menos livre de todas, e perdeu a sua independencia justamente na época em que tantos outros povos ganharão ou recobrarão a sua.

entre ellas, e só as Nações Catholicas, que se prezão de puristas na fé, he que ainda continuão hum tão infame, quanto deshumano, e anti-social trafico, contra os mais expressos e solemnes tratados, a cuja frente apparece o signal o mais sagrado da Religião! Taes Piratas peccão ao mesmo tempo contra Deos e contra a justiça humana, e como taes deverião ser punidos sem contemplações e sem misericordia. Por melhor que se escreva e se persuada, nunca taes Piratas se convencerão de que não devem continuar a introdusir-nos semelhante peste.

Penso que o melhor meio de os convencer seria o de applicar-lhe as penas as mais fortes, e fazer a lei a mais rigorosa, digo mesmo a mais barbara, que de huma vez cortasse o cancro, pela raiz, exterminando a todos os Contrabandistas, seus cumplices e protectores, sem admittir desculpas, e subterfugios; e tanto mais pois que taes malvados são Piratas estrangeiros que as Leis Patrias não devem favorecer de maneira alguma.

Se o despotismo e o arbitrio valessem alguma vez a favor da humanidade seria em tal occasião sem contradicção; porque na verdade como diz o illustre Humboldt * nada póde senão o arbitrio, extinguir as especulações de hum vil interesse em luta com os deveres da humanidade, a honra Nacional, e os direitos da Patria. Pela honra e brio Nacional, pela reputação do nosso Governo, todos os meios deverião ser postos em pratica para extirpar hum semelhante commercio. Mas o genio do mal, o indifferentismo e o egoismo o mais cego nos adormece nas bordas do precepicio. Esperaremos nós que o terramoto nos acorde, ou dormindo nos deixaremos sepultar? Se o mal já he gravissimo com a existencia dos escravos actuaes, onde hiremos parar continuando inpune e sem termo a introducção de tantos milhares d'inimigos?

Que legalidades podem haver a respeito de malvados que peccão contra todas as leis Divinas e humanas?

Taes legalidades parecem mais conivencià ou desleixo, que amor da justiça..... Porem julgo mais acertado não metter a mão profundamente na ferida, e cingir-me ás generalidades: ellas irritarão a poucos, e talvez persuadão aos indifferentes.

Aos Cidadãos eu direi: lêde a Constituição Federal de Guatimala, e lá acharcis no artigo 13: " o que faz o commercio d'escravos não póde ser cidadão. ,, Esta disposição observa hum grande Publicista, he sabia e justissima; hum Povo que ama a sua liberdade, não deve permittir o exercicio de poder algum politico a individuos que não admit-

* *Alexandre Humboldt. Viagens ás regiões Equinoxiaes, Tom. 2.° pag.* 311.

tem a existencia de dever algum, ou que regulão a extensão dos seus direitos pelos da sua força. Assim, se amais a Patria, e se as suas Leis vos importão e merecem veneração, não empregueis vossos cabedaes, vossas pessoas, nem deis protecção a hum tal commercio, e se quereis guiar-vos no exercicio dos vossos previlegios Politicos, não deis o vosso voto para cargo algum aos protectores, ou cumplices de hum commercio, que bem longe de contribuir para o bem-sêr commum, ao contrario só serve para augmentar os males já existentes, que de continuo ameação vossos bens, vossas familias, vossa liberdade; que atraza a nossa civilisação; que nos torna crueis, sem industria, ignorantes, e immoraes. Na Inglaterra, os carniceiros, não podem ser Jurados, porque a sua profissão suppoem excluir todos os sentimentos de humanidade. Como pois hum homem que vende, ou contribue para o escravisamento do seu semelhante póde ser membro de hum governo livre e fundado na justiça? Se fordes surdos, tanto pior para vós, e vossos filhos. Notai como se faz hum tal commercio, os males que naturalmente traz comsigo para os mesmos que o praticão, para as victimas, e para nós mesmos, desde o tempo em que elle começou até agora, e reflecti nos resultados da sua continuação por muitas gerações. Já disse, que os primeiros contrabandistas d'escravos, forão os proprios que promoverão guerras entre as Nações da Africa, e continuão a fornecer-lhes armas que alimentão, e fazem perpetuas essas guerras assoladoras. E a que preço, e porque preços esses canibaes da Africa, e os não menos canibaes traficantes, vendem e trocão tantos milheiros d'individuos da especie humana? He a troco de mizeraveis fazendas, d'armas e veneno, que as feras vendem seus compatriotas seus filhos e parentes! * Não me occuparei em relatar as scenas

* *Ninguem ignora ser a aguardente ou cachaça, o principal genero do commercio d'escravos, e o mais procurado pelos negros. Todos sabem que o uso immoderado deste licor faz o effeito de hum verdadeiro veneno; mas nem todos sabem, que, para tornar este genero mais forte, e ao mesmo tempo produzir mais interesse aos traficantes lhe ajuntão huma infuzão concentrada de fumo, e a misturão com agoa salgada. Julguem que effeitos não devem produsir taes ingredientes, e se he hyperbolico o termo* veneno *de que usamos no texto. O resto das carregações constão d'armas, munições, algumas roupas já em desuso, mas que satisfazem a vaidade dos negros, e em miseraveis fazendas, rebutalho das fabricas Inglezas! Se algum dinheiro em moeda vai, não he certamente para os negros: esta mercadoria só a querem alguns miseraveis brancos estabelecidos tempo-*

horriveis que se passão na Africa para obter-se em ultimo resultado a escravidão e o massacre de muitos milhares de homens. Não he dos actores destas scenas de crueldade, que temos de tratar: a barbaridade e estupidez bruta em que vivem, os disculpa, se a pode haver; mas he aos infames que se alcunhão Christãos, e se dizem membros das Sociedades cultas, a quem devemos votar toda a nossa execração: elles são a origem de todos os males que affligem á Africa, que pezão á America e em geral á humanidade inteira. E a que acazos desh'humanos não estão sugeitas as victimas, antes que abordem as nossas prayas, e alcancem esse bello ideal dos apologistas da escravidão! Centenares d'individuos de todo o sexo, e de toda a idade são recebidos, carregados de ferros, em navios que apenas pódem conter metade, e logo que chegão a bordo são lançados em alojamentos escuros e infectos, pela falta absoluta de luz e ar. Se algum contagio se declara entre elles, o que não póde deixar de acontecer pelo pessimo local em que vivem mezes, applicão-lhe no principio algum remedios da pior qualidade, remedios receitados por Cirurgiões ignorantes, e sempre os mesmos, seja qual fôr a natureza das molestias. Se estes medicamentos não fazem prompto effeito, e há receio de que o contagio se propague, desgraçados dos infecionados! infallivelmente serão lançados nas ondas. Sé o calor do local, o máu ár que respirão; se algumas lembranças do seu paiz, que deixão para sempre, exaltão a sua imaginação e lhes dá o furor da dezesperação, então o receio da propria segurança fáz empregar contra as victimas o ferro, e o fogo: o navio fica coberto de sangue e de membros mutilados; e os que restão com vida são lançados ao mar, e perecem nas ondas, ou nas garras dos monstros marinhos que, como por instructo, seguem de continuo os navios negreiros!

Porem o que he ainda mais horrivel, mesmo no meio de taes horrores reina o mais torpe deboche. As mulheres desde o embarque, cuidadozamente separadas dos homens, e encerradas na Camara, são as victimas dos infames dezejos dos Sybazitas Canibaes; alli tem os principaes do navio o seu serralho, e raras vezes consentem que o resto da equipagem partilhe os ediondos encantos das infelizes Africanas.

Se o navio encontra por acazo hum outro Pirata, que quer obter de graça os escravos, então o combate começa, e os negros em maior numero, e apinhoados como fardos são as victimas indefezas da co-

rariamente no Paiz, e que aspirando a deixal-o quando tiverem adquirido alguma fortuna, só querem moeda, que facilmente se transporta.

biça, e do furor dos brancos; sobre elles he que cahem as ballas, a metralha, e todos os instrumentos de morte!

Tem-se visto exemplos da mais horrivel barbaridade em outras conjunturas. Hum navio negreiro transportava huma carregação d'escravos, e foi encontrado por hum cruzador Inglez que lhe deu cassa. O traficante vendo que não podia escapar, para não soffrer as penas da sua pirataria, começou a lançar ao mar toda a sua carregação, de sorte que apenas o Cruzador pôde salvar poucas vidas.

Ha innumeraveis exemplos de outros factos não menos horriveis, e que provão a toda a luz até que ponto póde chegar a des'humanidade entre homens que a cobiça desnatura. Não poucos destes Piratas, perseguidos por outros Piratas, depois de se terem batido, vendo que não podem mais rezistir lanção ao mar todos os negros para que o seu inimigo não se aproveite das victimas da sua barbara cobiça. Não ha muito tempo que hum facto horrorozo teve lugar em huma das Provincias do Imperio, que confirma, as nossas portas, o que disse acima. * Vio-se de terra estarem lançando ao mar, de hum navio de negros, alguns toneis: estes toneis continhão os escravos ainda vivos, attacados do mal de Loanda, que o Capitão, para evitar o contagio dos outros, fazia perecer nas ondas!

Qual foi o habitante da Capital do Imperio, que não prezenciou em huma das ruas principaes, no tempo em que este commercio, éra legal, o immundo e immoral espectaculo da venda dos escravos? Quem não vio, homens e mulheres de toda a idade, nus ou cobertos de trapos, serem examinados com a mesma exactidão que se custuma ter-se na compra de hum animal? Abria-se-lhe a bôca á força para se lhes verem os dentes, os olhos, para conhecer-se se tinhão boa vista; érão virados, e revirados para examinar-se se tinhão algum vicio phisico occulto. Mesmo as pessoas do bello sexo parecião desconhecer inteiramente as leis do pudôr, fazendo com suas proprias mãos, e seus olhos os exames do uzo! Nestas compras e vendas extraordinarias, então como hoje nem'huma attenção se tinha, ou se tem aos laços de parentesco: óra se quer o maride, e

* *Eu se li a narração deste facto em hum Jornal da Provincia do Rio Grande do Sul (O Noticiador), e se passou em hum dos Portos da Costa da mesma Provincia. Qual de nós não léo com horror esse outro facto narrado por hum Magistrado de S: Paulo, de muitos cadaveres de negros, que surdião do Porão de huma embarcação sossobrada! Este triste accidente teve lugar quasi ás portas da Capital do Imperio, e no anno de* 1834!

não a mulher, óra os filhos, e não os Pais, segundo a vontade, os meios, ou o caprixo dos compradores.

Se os negros são homens como nós, e não formão huma especie de brutos animaes, se sentem e pensão, que quadro de dôr, e de mizeria taes espectaculos não devem produzir no coração de todo o ente sensivel! Os mesmos brutos nos condoem quando soffrem; mas tal he o effeito do custume, ou antes tal he a cegueira da cobiça, que os traficantes d'escravos, e o que pior he a maior parte de nós outros, todos vêem correr lagrimas de dôr e desesperação dos olhos destes infelizes, sem que a compaixão produza a seu favor o menor beneficio!

" O homem que pela primeira vez vê hum escravo, diz Sir Francis Hall, * soffre huma penoza sensação, observando hum ente a respeito do qual todas as leis da humanidade forão invertidas, que só conhece da Sociedade tudo quanto he injusto, e da parte de seus semelhantes o mais duro, e atroz egoismo. A mais baixa humildade, as expressões as mais servis com que hum negro se aproxima de hum branco, ferem os sentidos, não como a civilidade de hum mendigo Francez, ou Italiano, que dá huma certa graça á mesma indigencia, mas como indicando huma alma em agonia.

O som dos açoutes se faz sentir em suas expressões de submissão: seus olhos languidos, e que não podem encarar fixamente os de hum branco, indicão o terror dos suplicios, e o pavôr que soffre o seu coração á vista do seu algoz. O custume não permitte a hum senhor, fazer taes observações que certamente o sensibilizarião; mas o individuo que vê pela primeira vez a hum escravo, e o olha com a mesma indifferença, que a qualquer outro objecto que o acazo lhe faz encontrar, pode regozijar-se de ter nascido livre; porem no fundo d'alma he hum verdadeiro escravo. ,,

Como sêr moral, está mesmo muito abaixo do negro; porque se este perdeu todo o sentimento de liberdade he pela tyrania que sobre elle se exerce, e não por insensibilidade. ,, ,, Se o mizeravel estado dos negros (diz o mesmo Viajante n'outro lugar) lhes permittisse a reflexaõ, elles poderiaõ rir-se nas algemas, vendo quanto a existencia da escravidaõ tornou medonho o paiz que cultivaõ, nos Estados Sul da America-Unida. Em lugar das povoações rizonhas, e da feliz populaçaõ dos Estados d'Oeste, só se vê ali as esplendidas equipagens d'alguns proprietarios, e huma mizeravel população

* *F. Hall. Official Inglez: Viagens ao Canadá, e aos Estados Unidos.*

de negros, que vegetaõ em hediondas, e insalubres cabanas: as povoações, a alegria e a felicidade desapparecem; só se encontraõ tristes e mizeraveis plantações, verdadeiros infernos n'este mundo. Isto só diz mais que muitos volumes. „

Esta triste, mas veridica discripçaõ, que nos convem, como a todos os paizes d'escravos, he talvez ainda mais verdadeira entre nós. Se com effeito algum prazer interno fosse permittido a entes taõ desafortunados, naõ só se regosijariaõ do nosso estado de atrazo em todo o sentido, mas começariaõ logo a julgarem-se bem vingados, vendo os soffrimentos dos seus proprios roubadores. Estes mercadores de carne humana, commettem impunemente o maior dos crimes, quanto á justiça dos homens; mas a Providencia que infallivelmente pune a cobiça, os castiga arruinando-lhes a saude perpetuamente. Quem vê entre nós hum homem branco, eégo, opilado, coberto d'ulceras, de lepra, e de tantas outras enfermidades incuraveis, póde logo ficar certo que este mizeravel se empregou no commercio de escravos. Mas se fossem sómente os Canibaes os que soffressem os castigos de seus crimes, o mal naõ seria grande, ou antes deveria ser considerado, como a justa puniçaõ da Divindade neste mundo, a qual (devemos crêl-o firmemente) lhes rezerva na vida futura o premio dos males que causaraõ a seus semelhantes. Porem estes males chegaõ aos innocentes (se innocentes há em hum paiz de senhores, e de escravos), nos decimaõ a populaçaõ, e ferem sobre tudo as mesmas victimas. O commercio d'escravos nos trazia e nos traz ainda todo o genero d'enfermidades da Africa; o contagio estava e está na razaõ directa dos escravos importados. Creio naõ dever insistir em huma coisa que todos sabem; porem insisto em diser-se que com taes traficantes se devem guardar algumas formalidades, ou legalidades, quando infringem todas as Leis; Leis que só podem, e devem protejer ao Cidadaõ, e nunca ao estrangeiro malvado. Para se livrarem das penas que se estabelleceraõ no Tratado d'aboliçaõ com a Inglaterra, Tratado feito, como tudo se fazia entre nós no tempo da tranzacta administraçaõ de abominoza mêmoria, os traficantes uzaõ da bandeira Portugueza; e quer elles sejaõ, ou naõ realmente estrangeiros, o facto he que todos os escravos nos chegaõ em navios com bandeira desta Naçaõ, que os desembarcaõ em toda a extençaõ do Brazil, e depois entraõ impunemente nos portos do Imperio debaixo de mil pretextos, que nada valeriaõ, se da parte das authoridades houvesse mais energia, e patriotismo.

Será isto suborno ou conivencia? Ou será essa mizeravel persuasaõ de que sem escravos naõ podemos viver? Sem temor d'offender

a alguem, póde affirmar-se que saõ todos estes os motivos que assim fazem obrar á maior parte das nossas authoridades; pelo menos as apparencias saõ todas contra ellas. Temos Leis, temos Tratados, * e com tudo as cousas marchaõ como d'antes sem pejo, e sem rebuço. Há menos perigo em introduzir e vender huma carregaçaõ d'homens, mulheres, e crianças, do que a introduzir e vender mercadorias legitimamente adquiridas!

A'vista desto desleixo, ou quer que seja, deve quasi perder-se as esperanças de que tal commercio acabe, quando tudo concorre a perpetual-o; na Africa a barateza de huma tal mercadoria e no Brazil a facilidade de obter prompto e luerozo mercado: he mesmo natural que a introducçaõ dure em quanto alguma Naçaõ estrangeira nos naõ obrigue pela força á extincçaõ d'este commercio. Se ao desleixo das authoridades accressentar-mos o indefferentismo e o egoismo do Povo, naõ se julgará desarrazoada esta opiniaõ. Mas que o Povo considere que a legitimar-se a escravidaõ, he signal que reconhece poder ser feito legitimamente escravo, quer d'um despota, quer d'uma Naçaõ estrangeira. Se na Africa houvesse huma Naçaõ assás forte, para faser expedições ao Brasil, e nos levasse á força como escravos para cultivar-mos as suas terras, que teriamos nós a reclamar: nem as leis da justiça universal, nem as da Religiaõ poderiaõ por nós ser invocadas, nós que exterminamos a tantos seculos a maior parte dos habitantes d'aquella porçaõ do globo.

Os Africanos se valeriaõ dos mesmos argumentos a nosso respeito com que agora pertendemos cohonestar, ou legitimar este infame commercio. Elles nos diriaõ, nós vos fizemos escravos, pelo direito o mais forte, ou sois nossos escravos porque vos compramos por dinheiro. Vinde, vos ensinaremos os principios da nossa Religiaõ que he santissima, de misericordia, e a unica verdadeira; soffrereis toda a sorte de males neste mundo, porem no outro, os

* *Temos a Lei de 7 de Setembro de* 1831, *e a sua ampliativa de* 12 *d'Abril de* 1832, *que a quasi tudo providenceião, se houvesse vontade; ellas d'alguma sorte corrigem o que o Codigo Criminal tem de niniamente brando. O Tratado com a Gram Bretanha, tambem he Ley. E finalmente porque se não aproveitão* 36 *Corvetas, Brigues e Escunas, que possue o Estado, na captura dos navios negreiros, em todo o Brasil? Finalmente começou-se a adoptar esta medida, que deveria lembrar no principio, e não passariamos pela vergonha de ver vazos estrangeiros, tomando embarcações nos nossos mares, e quasi nos nossos Portos.* (*N. B.*) *Isto foi escripto em* 1838.

Fitchés. a quem já sabeis resar, vos daraõ hum Paraiso cheio de delicias; com tanto porem que abnegueis todas as vossas vontades, que sejaes mais brutos que hum irracional; emfim que nos deixeis exercitar sem murmurar sobre vós, vossos filhos, e netos por todas as gerações, as crueldades as mais inauditas; que naõ peçaes nem comer, nem vestir, nem habitaçaõ, nem caridade. Que responderiamos nós a isto? Invocariamos o preceito de justiça universal: naõ façaes aos outros, o que naõ quereis vos façaõ? Dir-lhe-hiamos nós: como? Com dinheiro se póde comprar a liberdade do homem? Póde hum homem ser proprietario d'outro? A propriedade foi sanccionada para o bem de todos, e que bem alcança o escravo em ser propriedade de outro homem; de passar de pessoa a cousa; de perder todos os direitos naturaes? Tal principio naõ he o contrato conservador da propriedade, he o direiro da força. Algum Jurisconsulto Africano respondia: " a escravidaõ he justa, porque as leis " estabellecem, e por tanto deve ser mantida. ,, Logo que as leis saõ legalmente sanccionadas, os máos tratamentos, as extorsões, o adulterio, e o assassinato, saõ acções moraes, e legitimas, relativamente á acçaõ dos possuidores, a respeito dos homens possuidos. — Póde o homem ser considerado como hum movel que se vende e troca a capricho? Póde elle por ventura ser reputado objecto de propriedade, sem attacar a ordem moral das Sociedades, a ordem natural, a Deos que fez os homens livres? Se as leis protejem a propriedade, muito mais devem protejer a liberdade individual; liberdade anterior a todo o contracto, e que contracto algum póde allienar, ou fazer perder. —

Tudo quanto as leis permittem, responderia ainda algum Casuista da Africa, por mais absurdas que ellas sejaõ, he legitimo. Quando dizemos, e altamente clamamos que as propriedades devem ser protegidas, e que ninguem as deve perder sem indemnisação, nós entendemos estes principios a respeito dos homens possuidos, o que entendem os proprietarios da America, e mesmo hum Grande da Polonia, ou da Russia. Em seu entendimento protejer a propriedade, quer dizer abandonar a seu arbitrio os infelizes que a força lhes submetteu; attacar a propriedade, quer dizer, pôr a populaçaõ escravisada a abrigo da violencia, he assegurar-lhe huma parte do fructo de seus trabalhos, he, em huma palavra dar limites ao arbitrario dos possuidores. Se com effeito a Africa podesse conquistar-nos, ou qualquer Naçaõ estrangeira, ou mesmo se nossos escravos podessem subjugar-nos, nem os principios da moral publica, nem a caridade, e misericordia, que todas as Religiões recommendaõ, e que

o Creador imprimio na nossa alma, podião servir-nos para adoçar a ferocidade dos vencedores, ou para consolar-nos na nossa infeliz sorte nós que naõ temos principios de justiça, nem de religião a respeito dos individuos da especie humana que as desgraças da fortuna fez nossos escravos. As leis da justiça, e da moral, naõ se invertem segundo os nossos caprichos, e interesses; he necessario admitil-as a respeito de todos os homens e de todas as Nações, ou renuncial-as francamente. No momento em que a justiça, e a moral cessaõ de ser universaes, naõ existe mais para os homens moral, ou justiça; ha sómente huma força brutal, que algumas vezes pode pôr-se em pratica contra os outros, mas que deve finalmente voltar-se contra aquelles que della fazem a regra dos seus juizos e de sua conducta.

No Capitulo seguinte procurarei mostrar a influencia funesta que a escravidão domestica, exerce sobre as nossas opiniões, sobre a nossa liberdade, civil e politica, e sobre o espirito do nosso governo. Porem desde já póde imaginar-se a facilidade que, com taes principios, tem o Despotismo para estabellecer-se duradoiramente no nosso Paiz. O habito de resolver e mandar arbitrariamente, sem regra, nem freio na nossa propria casa, e a respeito de huma classe de individuos que formão a maior parte da nossa população, deve necessariamente influir nas opiniões dos homens que passão de governar escravos a governar hum Povo livre. Se considerão huma parte da população como devendo ser regida a capricho e com verga de ferro, porque não reputaráõ como sugeita ao mesmo methodo de governo á collecção dos Cidadãos? O individuo que passar do governo d'escravos a mandar homens livres, levará comsigo os habitos e as opiniões que bebeu no primeiro. Esta verdade he de simples instituição, e he necessario não se conhecer o coração humano para negal-a. Se pois hum ambicioso intentasse seriamente enthronisar-se, quantos soccorros não acharia elle, tanto nas opiniões dos senhores, como na população escravisada, para a qual toda a mudança seria hum grande beneficio! „ Julgar-se-hia mui mesquinhamente, diz o judicioso Charles Comte, se se imaginasse que o despotismo começou em Roma, no dia em que houverão Imperadores; Roma teve despotas no mesmo dia em que hum homem teve a faculdade de dispôr de outro arbitrariamente; no momento em que hum individuo póde impunemente maltratar, expoliar, e embrutecer a outro individuo. Se os escravos, e os libertos tivessem tido seus Historiadores, como os senhores; e se estes Historiadores nos descrevessem os vicios e os crimes das classes oppressoras, a historia dos Imperadores nos pareceria menos horrivel; nós

acharíamos em seus reinados a applicação em grande das doutrinas estabellecidas e praticadas durante a Republica. ,,

Resta ainda a refutação do sophisma dos Apologistas, que, a não terem sido transportados escravos da Africa, os Colonos não poderião cultivar os generos que exportão, ou terião mudado de cultura. Isto quer dizer, traduzido na sua genuina linguagem: que na verdade a escravidão he huma fonte perene de calamidades e crimes; mas como estes crimes e calamidades nos dão lucros, devemos ser pouco escrupulosos, e a troco d'algum interesse devemos admittir sem discussão a peste moral e physica que nos trasem os Contrabandistas. Creio mesmo, que a despeito dos outros sophismas; todos fundados na Religião e na felicidade dos escravos, esta foi a apologia que mais agradou aos Colonos, e a que mais alucina aos actuaes proprietarios.

Mas ella he tão miseravel, como as outras, tão falsa e tão erronea, como ao depois procurarei demonstrar.

Porém desde já os citamos a que respondão ás seguintes proposições:

Porque, havendo huma numerosa população d'indigenas, não foi chamada esta população aos trabalhos agricolas, e a exterminarão por não querer sugeitar-se á escravidão? O que querião erão escravos, e não gente livre.

Porque, datando a descoberta do Brasil, e suas primeiras colonisações, da mesma época que a descoberta, e colonisação dos Estados que actualmente formão a união-Norte-America, a exemplo da maior parte destes Estados, não se cuidou em promover as emigrações da gente pobre da Europa? Os emigrados brancos não podião ser escravos, exigião ser bem tratados, e formarião huma população homogenea, industriosa e livre; mas o que queria a Metropole era que as suas colonias fossem pouco illustradas, sem liberdade, sem industria, hum mesclado de raças inimigas. Desta sorte contava ser o seu dominio mais seguro, e ser mais facil o consumo as suas mercadorias; e o que querião os Colonos proprietarios não era certamente huma população d'emigrados livres: querião escravos sugeitos a todos os seus caprichos, e a quem tudo se negasse, por se persuadirem ficarião assim ricos mais depressa, e mais commodamente. Todos imaginarão ganhar, e todos perderão.

Que mal se seguiria da mudança de cultura? Outro não poderia haver, que o de mudar hum genero na verdade mais importante, mas que exige grandes dispendios e trabalhos, por outros que se alcançassem com

menos capitaes, e menos braços, sem esterelisar as terras, sem que fossemos obrigados a opprimir huma raça inteira.

Que he feito de tantos cabedaes consumidos no commercio d'escravos? Que he feito de tantos milhões d'individuos transportados ha trez seculos, d'Africa para o Brasil? Onde existe a sua prole? Todos tem perecido de miseria e de desesperação, tudo tem sido engulido pelo tempo, sem producto para nós e para elles. Testemunhas da prosperidade das outras Nações, só nos resta lamentar o atraso de todas as nossas cousas, e os crimes commettidos por nossos pais; crimes que continuamos a commetter sem que a experiencia, ou a previsão do futuro nos faça apartar de tão falsa estrada! Se somos frouxos, se não temos illustração, se a preguiça, os vicios e a ambição nos perseguem, á escravidão o devemos.

Como haverão costumes, sciencias, industria, actividade, em hum Paiz em que huma parte da população descança, ou antes sobrecarrega a outra com todos os trabalhos manuaes, ou de intelligencia? Entre nós o luxo, e a corrupção nascerão antes da civilisação. Se o luxo e a corrupção são as principaes causas das ruinas das Nações como o affirmão todos os Publicistas, que futuro nos não espera se não procurarmos remedio a tantos males! Estes males espantão a quem sabe reflectir; mas he necessario encaral-os face a face, e determinar claramente em que consistem para prevenil-os com tempo. Fechou os olhos para não ver o precepicio, e marchar depois ao acaso, he hum pessimo meio de evitar a quéda.

Para reunir em breve quadro tudo quanto faz odioso o commercio d'escravos, bastará considerar os males que a huma Nação, provem da existencia da escravidão domestica. A introducção de novos escravos póde prolongar o mal, e augmental-o indifinidamente; mas he da existencia de hum estado de cousas tão contrario ao bem ser, á moral, e á humanidade, que nascem todos os males que pesão sobre as Nações assim organisadas. Já o dissemos, e ao depois deligenciaremos demostrar, que o primeiro effeito que a raça escrava produz sobre as raças livres, he o aviltamento de todas as profissões industriaes. Deste aviltamento resulta que a existencia da escravidão impedirá necessariamente a applicação dos orgãos phisicos ao aperfeiçoamento das cousas que a naturesa póz á nossa disposição. Em segundo lugar resulta, que talvez a escravidão favoreça o desenvolvimento intellectual da raça dos senhores, em tudo o que fôr proprio a estender o imperio do homem sobre os seus semelhantes, mas ao mesmo tempo terá por effeito estacionar e talvez mesmo extinguir o desenvolvimento das mesmas faculdades a respeito de tudo o que póde estender o imperio do

homem sobre a naturesa. Resulta em terceiro lugar que a escravidão viciará a constituição dos orgãos phisicos dos individuos da infortunada raça dos escravos; os porá na impotencia de fazerem qualquer emprego vantajoso para si on para os outros. Resulta finalmente que a escravidão he hum obstaculo invencivel ao desenvolvimento das faculdades de todas as classes d'individuos, exercendo sobre tudo a sua funesta influencia sobre a classe livre laboriosa, não deixando meio algum de subsistencia aos individuos d'esta classe, que, para viverem honestamente tem necessidade d'exercerem a sua industria, viciará seus orgãos, e os exporá á alternativa de mendigarem, ou roubarem.

A escravidão he hum obstaculo invencivel á formação, repartição, e accumulação das riquesas, por que rouba á classe livre laboriosa todos os meios de trabalhar com intelligencia, e economia, dando ao mesmo tempo á classe dos senhores muitos vicios, que lhes faz consumir improductivamente os fructos dos trabalhos da população escrava.

Nos Paizes explorados por escravos, o trabalho he indefinitivamente menos productivo para o reino, e sobre tudo para o proprietario, que nos paizes onde os trabalhos são executados por homens livres, e a pequena quantidade de riquesas que podem ser produzidas por huma associação assim organisada se distribuem da maneira a mais contraria á igualdade, á moral, e á justiça. Nos Paizes em que a população se divide em senhores e escravos, a classe dos senhores se acha collocada entre dous inimigos. De huma parte, está de continuo exposta a ser massacrada e exterminada pelos inimigos domesticos, que são os escravos, ou dilascerada por facções que sem duvida chamarão a raça opprimida em seu soccorro, tornando assim as guerras civiz mais crueis, e mais longas; d'outra parte está de continuo sugeita a ser subjugada pelas nações estrangeiras; e se ao inimigo estrangeiro se reunir o inimigo domestico, quaes os meios de resistencia?

Para que a classe dominante possa contar com a sua segurança, applicará todos os meios que julgar preventivos, isto he os castigos, os supplicios, e o enbrutecimento da raça dominada.

Estes castigos, e estes supplicios desnaturarão o caracter dos mesmos que os empregão, e os tornará barbaros huns a respeito dos outros; os assassinatos, os envenenamentos, e todas as malvadezas dos scelerados serão communs em hum Paiz dividido em raças inimigas. Nunca huma tal associação formará huma Nação homogenea; mas hum mesclado heterogeneo de individuos estranhos huns aos outros, sempre inimigos, alternativamente oppressores, e opprimidos, cheios de prejuizos, e sempre promptos a lançarem mão das armas.

Em hum Paiz assim organizado não poderão haver verdadeiros

prazeres domesticos, nem união publica. Certamente tal aggregado naõ merece o nome de Naçaõ, mas o de horda selvagem. He claro que a Religiaõ Christãa sendo inteiramente contraria á escravidaõ, ella naõ póde existir senão em nome entre os possuidores ou proprietarios d'escravos. Ora, sendo huma condiçaõ ligada á qualidade de possuidores d'homens a incredulidade de todos os deveres moraes e religiosos, segue-se que os individuos pertencentes á raça dos senhores naõ reconheceraõ outra authoridade que naõ seja a que póde dar a astucia e a violencia. Destes vicios rezultão os esforços dos possuidores d'homens para embrutecerem e prevenirem o desenvolvimento das idéas, e dos sentimentos dos homens possuidos, e a tendencia a substituirem aos preceitos religiozos, praticas ridiculas, crenças absurdas, e tudo o que he proprio a depravar a intelligencia humana.

Se a escravidão he para a raça opprimida huma origem de calamidades, he igualmente para os oppressores huma causa de ruina. Sempre a tyrania foi tão funesta aos opprimidos, como aos oppressores. Se a dominação que hum individuo exerce sobre os outros he cedo ou tarde huma causa de ruina para elle, e para os seus; a dominação que hum povo exerce sobre outro povo, mesmo sem resgencia d'este ultimo, he huma causa de despotismo, e de ruina para o primeiro.

Estes males, e esta funesta influencia da escravidão domestica, que aqui apenas apontamos, e que ao depois mais amplamente desenvolveremos, não são as unicas; ao contrario são tantas, e tão diversas que espantão pela sua multidão e intensidade.

Se em breve periodo se quizesse apresentar ao espirito de todo o homem que pensa, os grandissimos males que nascem de hum tal estado de coisas, bastaria dizer, para que as reflexões affluissem á imaginação, que os males que pesão sobre huma Nação são igualmente graves, quer huma fracção da população se aproprie dos productos e dos trabalhos das outras fracções, quer as opprima de qualquer maneira que seja: mas que a posição a mais favoravel a todo o genero de progressos, a sociedade a mais bem constituida, he aquella em que cada hum soffre a pena de seus vicios, em que alguem póde roubar á outrem os fructos das suas virtudes, ou dos seus trabalhos.

CAPITULO II.

Fazer ver a nociva influencia que a introducção d'escravos Africanos exerce sobre os nossos costumes, civilisação e liberdade.

He difficil conceber hum systema cujos effeitos sejão mais funestos e vão tão longe, como os que resultão da existencia da escravidão domestica.

A escravidão he a maior das calamidades para a Nação em que se acha estabelecida; deprava o senhor mais que o escravo, destruindo em huns e outros todo o principio de moral; obsta ao desenvolvimento das faculdades sobre todas as cousas que mais importão conhecer-se; só permitte a industria a mais grosseira, os processos os mais absurdos; condemna a população escrava a huma profunda miseria, e a terriveis castigos, ao mesmo passo, que, reagindo sobre a classe proprietaria, he para ella hum principio de pobresa, e de apprehensões continuas, pois que senão podem privar de toda a sorte de garantias aos possuidos, sem que se tire ao mesmo tempo toda a segurança aos possuidores, pondo huma Nação assim composta na impossibilidade de obter hum governo justo, e imparcial; extingue, ou está em contradicção com os principios de huma liberdade legal; põem a esta Nação na absoluta dependencia das outras Nações; influe finalmente moral e physicamente sobre os costumes, a civilisação, e as opiniões das classes livres. O primeiro e o mais visivel effeito que produzem os escravos sobre seus senhores, he dispensalos dos trabalhos que fornecem immediatamente aos homens todos os meios d'existencia; o segundo he fazer-lhes ver estes trabalhos com despreso, pois que são exercidos por mãos d'individuos, ou antes de cousas reputadas vis. Em todos os tempos os homens proprietarios de outros homens, tem considerado como hum acto aviltante e indigno delles a applicação de seus orgãos a hum trabalho qualquer, por mais productivo que elle seja. Tanto entre os antigos povos, como entre os modernos, esta falsa opinião era não só estabellecida pelos prejuisos como pelas Leis. Nas Colonias formadas pelos Europeos, o mal era, e he ainda mais intenso, pois que ás Metropoles interessava que a população branca desenvolvesse pouco as suas faculdades, que se abastardasse mesclando-se, e que as barreiras dos

prejuisos, e das opiniões, mais fortes que muralhas de ferro, a separasse da população escrava: he dividindo que se impera, disse Machiavel.

Quando na Europa, em consequencia de guerras, e desastres que a assolarão durante muitos seculos, as Nações as mais fortes, conquistarão as mais fracas, e redusirão seus habitantes á escravidão; todos os trabalhos sendo feitos pelas mãos dos conquistados, os conquistadores considerárão como vis todos os trabalhos manuaes, e se applicarão sómente aos exercicios que fortificão o corpo, e lhes devia continuar a dar a primasia da força sobre os escravos já existentes, e sobre as Nações industriosas que pertendião escravisar.

Então, como hoje, erão só nobres aquelles que vivião á custa do suor alheio, e só viz os que alimentavão a aristocracia, contribuindo por meio de trabalhos laboriosos á manutenção de suas familias, ao luxo e ao orgulho da classe dominante. Os effeitos que d'este estado de coisas resultavão, são bem patentes: aviltou aos olhos da população livre todos os trabalhos uteis, fez desapparecer dos campos a população intelligente e interessada na sua e na publica prosperidade, substituindo-lhe hum sem numero d'escravos sem interesse e sem amor ao trabalho. Bem depressa estes campos se converterão em pastos cobertos de miseros rebanhos guardados por individuos que, na qualidade de pastores e de escravos, se tornarão tanto mais estupidos; e relativamente aos habitantes das Cidades, estas causas os tornarão incapazes de exercerem nenhum genero d'industria, os impedio desenvolvessem suas faculdades sobre os meios que poderião fazel-os viver, sem damno de terceiro, independentes, livres, e abastados; mas em recompensa deixou-lhes todos os meios d'exercerem suas faculdades na arte de destruir e conquistar povos, isto he, na arte de multiplicar os escravos, fazendo crescer d'esta sorte o orgulho e o poder da aristocracia, augmentando a sua propria miseria.

A servidão da *gleba*, na Europa, resultado do regimen fundal, produsio os mesmos effeitos: a industria, o commércio, e os trabalhos agricolas, forão considerados como aviltantes; todo o nobre perdia os seus fóros se se applicava a taes meios de vida; o plebêo, para assemelhar-se ao nobre, deixava de trabalhar, e aliás estes trabalhos pouco lhe podião produsir: assim para parecer nobre, era necessario ser mendigo, officio considerado mais cavalheiro que o de occupar suas mãos na cultura das terras, ou nos objectos industriaes.

Quando a *gleba* foi abolida em huma parte da Eupora, sendo necessario que a aristocracia tirasse a sua subsistencia da mesma ori-

gem, mas debaixo de outros pretextos, e de outro nome, estabelecerão-se hum sem numero de contribuições, e direitos, que as classes trabalhadoras pagavão para alimentar as classes nobres. " Considerou-se (diz o judicioso Comte) como unicas profissões nobres, o estado Militar, e de funccionario publico; em hum, como em outro, quando se não vive de pilhagem, vive-se de contribuições, o que algumas vezes se assemelha muito. ,,

Nas Colonias modernas, mesmo os individuos que sahem das ultimas classes da Sociedade, todos considerão aos trabalhos uteis como aviltantes, logo que se possuem escravos.

Entre nós hum homem cessa de trabalhar, logo que consegue comprar hum, ou dous escravos. Não somente os trabalhos são desprezados pelas classes abastadas, como mesmo o mais simples artista só exerce o seu officio pelas mãos de seus escravos, se os possue. Não se pense que isto só tem lugar a respeito da raça livre, nascida no paiz; tal he o contagio, e a força do exemplo, que hum Europeo (sobre tudo os Portuguezes), fosse elle hum malfeitor, ou exercesse no seu paiz a mais ignobil profissão; logo que possue escravos, crê immediatamente, que trabalhando por suas mãos, vilipendia a sua nobreza, e teme o despreso.

Já o dissemos em outro lugar: * hum artista, hum agricultor, consegue comprar dous ou tres escravos; para obtel-os emprega a maior actividade, desenvolve a maior intelligencia; mas logo que tem alcançado os meios de havel-os, cahe na inercia, julgando á sua fortuna sólidamente estabellecida; a sua industria como que morre; e o senhor se entrega á preguiça, e o que pior he ao deboxe, entretanto que o escravo trabalha noite e dia para manter o seu ócio. Segue-se disto, que nenhuma fortuna he sólida entre nós; que os bens se consomem rapidamente; que os trabalhos industriaes e agricolas exercidos por entes accintemente estupidados, deffinhão, são grosseiros, e em quantidade infinitamente menor do que deveria ser, mesmo em relação á população.

Mas os males que resultão deste estado de cousas, devidos á existencia da escravidão, são ainda pequenos em relação ás suas consequencias immediatas. Nada produzindo os trabalhos, e sendo de mais, reputados viz, os Cidadãos os abandonão, se entregão ao ócio, e em consequencia aos vicios, ou se algum resto de moral, producto da educação, ou do temperamento os não conduz ao crime, aspirão então com furor aos car-

* *No preambulo do Projecto sobre o commercio d'escravos, que tivemos a honra de apresentar á Sociedade Defensora.*

gos publicos. Para os individuos que pertendem viver á custa das rondas publicas, todos os empregos são bons, pela opinião de que todos estes cargos são illustres, ou que pelo menos os livrará da miseria.

D'este então os candidatos aos lugares publicos são tão numerosos, que não he possivel admittir nem hum vigessimo; julgando-se todos nobres e convenientemente habilitados, a sua raiva não tem limites quando se lhes não dá a preferencia: intriga, calumnia, espirito de vingança, tudo se põe em pratica; o caracter se desnatura; o furor succede aos sentimentos de benevolencia, natos no coração humano: nunca se perdendo as esperanças, ninguem escogita outro meio de sahir da innercia e da miseria; tudo se conserva estacionaria. A administração, que sempre conta muitos adversarios por hum só amigo (por que não póde comprar a todos, empregando-os), se muda a cada instante, e o mal vai sempre augmentando á proporção que a população livre vai crescendo.

O segredo das conspirações na actual época, he a guerra que se faz aos cargos publicos d'interesse. Não he sómente entre nós que este espirito se tem desenvolvido; elle existe em todas as Colonias estabelecidas pelos Europeos onde a escravidão foi admittida.

As Colonias Hollandezas, Francezas, Hespanholas, e Inglezas, separadas, ou não das Metropoles offerecem os mesmos prejuisos, e as mesmas opiniões aristocraticas, disfarçadas com o manto da democracia, fructos da existencia da escravidão domestica. No Cabo da Bôa Esperança, segundo hum viajante * hum branco nunca trabalha; no momento em que consegue ser proprietario d'escravos, a sua aversão he invensivel para toda a especie de occupação industrial; e este sentimento tem tanto imperio, que antes morrerá de fome do que entregar-se a huma occupação qualquer. Hé igualmente aos escravos, nas Colonias Hollandezas da America, a quem toca todos os trabalhos, e o exercicio de todos os officios, quer nas povoações, quer nos campos. São os escravos (diz outro viajante †), quem tem cuidado do interior das casas, quem cultivão as terras, quem vão á caça e á pesca, quem exercem as artes de carpinteiro, de tonelleiro, de pedreiro, e mesmo de Cirurgião. Nas Colonias Inglezas, os effeitos da escravidão são identicos. A classe dos senhores não executa trabalho de qualidade algum. Estas Colonias são exclusivamente cultivadas pelos escravos, ou pelos libertos negros e seus descendentes. O maior numero dos proprietarios das plantações coloniaes residem na Inglaterra; mas tal he a influencia

* *Barrow, viagens á Africa, e ás Indias.*
† *Stedmann*, Viagem a Surinam.

da escravidão, mesmo em tão grande distancia, que estes proprietarios são menos moralisados, e mais amigos do regimem arbitrario, do que o commum de seus compatriotas: elles sustentão todas as medidas do governo, mesmo quando ellas são contra os sentimentos da nação; todo o Ministerio, sobre tudo o composto de Torys, póde contar com os seus suffragios, e influencia.

Ainda que elles não sintão hum contagio tão immediato, como os que habitão entre os escravos, com tudo elles exigem os mesmos trabalhos desta infeliz raça: de continuo recommendão aos seus administradores castiguem os negros, para que obtenhão maiores productos, e ao mesmo tempo ordenão-lhes a maior economia nos alimentos e vestuario, reduzindo-os ao que he rigorosamente necessario para viver.

Nos Estados Sul da America-Unida, onde está admittida a escravidão, as opiniões, e os resultados são os mesmos, nem podião deixar de ser. Nestes Estados, como entre nós, e em todos os paizes d'escravos, hum branco ceissa de trabalhar logo que possue alguns escravos; a sua posse he objecto principal da ambição de todos; por que não ha outro meio de viver nobremente, isto he na ociosidade, e de ser admittido entre os ricos.

O que não possue esta chamada propriedade, e se acha reduzido a viver do producto do trabalho das suas mãos, he de tal sorte despresado, e maltratado, que emigra de ordinario, e vai levar a sua industria para os Estados do Norte, onde a escravidão não he admittida. Como! me dirá quem tenha lido esses immortaes documentos da Independencia, e as Constituições dos differentes Estados que compõe a união: eu vejo os direitos do homem estabellecidos na Constituição Federal, e nas Constituições particulares, sem excepção d'alguma; eu leio que os homens são livres e iguaes, e vós me affirmaes que estes principios são letra morta! Sem duvida.

Quando os Americanos proclamarão a sua Independencia, foi-lhes necessario invocar os principios da moral e da Justiça universal em seu favôr; em consequencia estabelecerão como principios fundamentaes, que todos os homens nascião livres, iguaes, e com direito de resistirem à oppressão. Mas logo que os escravos quizerão pôr em pratica estes principios em seu beneficio, na qualidade d'homens, seus senhores lhes responderão, que esses principios não lhes podião ser applicados, por que elles erão *cousas*, e não *homens*. Os escravos não lançarão mão das armas a exemplo de seus senhores; reclamarão perante os Tribunaes. Nos Estados do Norte, onde existião poucos escravos, e sim huma numerosa população, que não pertencia á classe dos senhores, elles ganharão a causa; nos Estados Meridionaes ao contrario dividindo-se

a população quasi em senhores e escravos, estes ultimos forão condemnados á perpetua escravidão, elles, seus filhos, e os filhos de seus filhos! Entretanto n'estes Estados do Sul, os habitantes reclamão para si a liberdade a mais extensa, e com maior energia que nos do Norte, onde a escravidão domestica não existe.

Os homens tem sempre duas doutrinas oppostas: huma lhes serve para combater a oppressão, que supportão, e a outra para justificarem a oppressão, que exercem. Nada mais natural, nem mais commum: forma-se a theoria, quando se soffre a oppressão; mas quando se vence, estabellece-se a pratica. He esta a historia de quasi todos os individuos, e de todas as Nações.

Ora se taes são os males gerados pela escravidão entre os descendentes das Nações as mais illustradas, as mais livres, e as mais industriosas do velho mundo, o que acontecerá aos decendentes dos Hespanhoes e Portuguezes, Nações em que estas qualidades existirão sempre tão acanhadas, e certamente as mais cheias de prejuisos civis e religiozos? O que acontecerá sobre tudo entre nós, descendentes de huma nação que esteve sempre mais atrasada dois seculos que a Hespanhola? Nós o ve[illegible] experimentamos os effeitos. Ao menos entre os descende[illegible] Hespanhoes na America, estes males forão atenuados em par[illegible]aior facilidade das communicações. Nestes paizes, assim como entre nós, os cargos civis e Militares, as condecorações e honras, forão sempre preferidas a tudo; porem ao menos o commercio não foi despresado: via-se, he verdade, huma Cidade cheia de individuos, cobertos de medalhas, de fitas, com huma farda agaloada, cheios d'orgulho, e disendo-se descendentes dos mais nobres mitropolitanos; porem via-se ao mesmo tempo o orgulhoso aristocrata, sentado em hum balcão, vendendo com as suas proprias mãos os generos de necessidade, ou de luxo. * Mas entre nós, o que vemos todos os dias, e isto depois da proclamação da Liberdade civil e politica, e da extincção dos fôros e previlegios? Hum me grita: morro de fome, minha mulher e meus filhos,

* *As colonias fundadas pelos hespanhoes, nos levão muitas vantagens: nós a seu respeito estamos atrázados mais de hum seculo. O Commercio dos escravos foi muito mais cedo abolido do que entre nós, a sua importação sempre foi menor, a ponto de haverem muitos lugares e mesmo Paizes inteiros, como o Mexico, onde quasi não existem escravos. As emigrações da Hespanha, sempre forão muito maiores que as de Portugal para o Brasil; e de mais a sua Independencia he muito mais antiga, os prejuisos são pouco intensos, e mesmo já em algumas das novas Republicas se cuida seriamente na emancipação de toda a escravatura.*

mas em que me heide occupar? Taverneiro não posso ser nem Pedreiro, nem commerciante, por que sou Militar, e como tal sou nobre, e não posso exercer o commercio, a agricultura, ou a industria. O mesmo diz o filho, ou descendente do mais pequeno empregado; o condecorado, aspirando sempre aos cargos, não os quer pequenos, para poder sustentar, não á sua familia, mas o peso dos habitos; e finalmente todos só desejão officios publicos, porque os seus prejuisos e dos outros, fazem temer o despreso. Assim todos os descendentes dos antigos colonos, cheios de prejuisos d'esde o seu nascimento, não se occupão em modo algum de vida, porque seus pais erão nobres desta naturesa, por que de mais lhes não mandarão ensinar cousa alguma util, imbuindo-lhes ao contrario dos mais ridiculos prejuisos. Isto se perpetúa de geração em geração, e com tudo estes males provêm sómente de duas cousas; a primeira provêm do systhema metropolitano, systhema que a Independencia extinguio, mas de que ainda sentimos os effeitos, e os sentiremos por longo tempo; a segunda provêm da escravidão domestica, e este he o mal o mais duravel e influente. „ O orgulho, diz C. Comte, foi sempre em todos os Paizes, o vicio o mais saliente da aristocracia; e como a devisão da população em senhores e escravos [illegible] grâu o mais eminente do systhema aristocratico, em parte algu[illegible]ulho humano existe mais exaltado como nos Paizes onde a parte [illegible] da população he considerada como a propriedade d'ociosos q[illegible]m do producto do seu trabalho. „

Nós notamos como o principal vicio das velhas Nações da Europa, a existencia de alguns milhares d'aristocratas, sem nos lembrar nos que a nossa he incomparavelmente mais numerosa, e menos illustrada; se por aristocracia se entende, não os titulos, mas a classe d'individuos que vivem, como os zangões, á custa dos trabalhos dos outros, sem que produzão cousa alguma. Se isto he verdade, a nossa aristocracia se compõe de todos os homens livres, porque todos possuem escravos, ou aspirão a tel-os, o que, graças aos recursos do Paiz, sempre conseguem.

Se a existencia da escravidão influe tanto sobre as opiniões, quanto não influe ella sobre os custumes, e por tanto sobre a civilisação, e a liberdade! Para demonstrar estas funestas influencias, he necessario considerar o estado dos custumes nos Paizes onde existe a escravidão; a sua influenci asobre as faculdades intellectuaes dos senhores e dos escravos; a impressão moral que os castigos e os supplicios podem exercer sobre a população inteira, e que de necessidade influem sobre o caracter dos senhores quer nas suas relações mutuas, e de familia, quer sobre o espirito publico, e no systhema do governo.

Tem-se dito mais de huma vez, que escrever a historia contempora-

nea he empresa difficil, e perigosa, sobre tudo a do Paiz onde se nasceo, e se vive; porem quanto mais difficil não he discrever os custumes, quando estes custumes não estão d'acordo com a virtude e a moral? Huma tal empresa he escabrosa em todo o sentido: o que a emprehende deve ser hum profundo observador, e então a sua pintura parecerá exagerada, se a quizer apresentar com todas as côres, ou se reduzirá a fazer o papel de simples panygerista, faltando á verdade. O perigo que deve temer, seria no primeiro caso o de excitar contra si a sanha d'aquelles a quem tivesse tirado o retrato, e no segundo o despreso da gente de bem. Quem não quizer arriscar-se, deve procurar generalisar o mais possivel; mas então deve contar que tira o retrato de todos. O mais prudente he discrever o estado dos custumes nos Paizes em identicas circunstancias ás do noeso, porque os resultados não podem deixar de ser identicos. D'esta discripção cada hum tirará as inducções que quizer, comparando-as com o que tiver observado entre nós; talvez este rodeio não irrite, e faça algum effeito sobre os espiritos.

„ Se para julgarmos dos effeitos moraes da escravidão (diz o judicioso C. Comte) esperassemos pelas observações dos proprios colonos sobre si mesmos, ou sobre os seus escravos, nada se poderia dizer, por que nenh'um delles ainda o quiz fazer. Mesmo nos paizes em que os senhores gosão de huma grande liberdade civil, e politica, como nos Estados-Unidos, ninguem tem procurado indagar, e ainda menos expôr os effeitos que a escravidão produz sobre os custumes. Para que nos fosse possivel formar algumas idéas sobre este objecto, foi necessario que homens nascidos e educados em paizes onde a escravidão não existe, fossem estudar-lhe os effeitos nos lugares em que ella existe. As regiões da Europa em que a servidão domestica existe ainda, não tem sido mais ferteis em observadores: o que se sabe dos effeitos que a escravidão alli produz, se deve a homens que não pertencem nem á classe dos senhores, nem á dos escravos. „

A' vista do silencio dos antigos, e dos modernos a tal respeito, poder-se-hia crer, relativamente aos primeiros, que o estado de servidão de huma parte do genero humano á outra parte, lhes pareceu tão natural, mesmo aos seus Historiadores, que estes não conceberão poder haver huma outra maneira de existir; e a respeito dos segundos, póde suppôr-se, que o objecto he em si mesmo tão terrivel, que ninguem o ousa examinar de perto. Com effeito, lendo-se nos viajantes o estado de corrupção dos proprietarios d'escravos, e as desordens que gera a facilidade de saptisfazerem todas as suas paixões sobre a população escravisada, o homem moralisado, membro de huma sociedade onde os crimes, e mesmo as mais leves faltas contra os custumes publicos são puni-

dos severamente, não póde conceber hum tal estado de cousas; ou então se os factos são authenticos fica chei o d'indignação contra taes homens, que não póde deixar de detestar, sem fazer excepção alguma individual, ainda que excepções honrosas possão e mesmo devão existir.

Para que os custumes se corrompessem geralmente entre os Romanos, foi necessario que Roma não tivesse mais inimigos. Senhores das riquesas das Nações industriosas, e possuido huma multidão incrivel d'escravos, a população aristocratica nada mais tendo a fazer, se entregou ao ocio, e a todos os gosos sensuaes com frenesi; antes d'esta época, os Romanos erão conhecidos pelos mais frugaes, e os mais castos dos homens. Não aconteceu assim ás colonias modernas; a corrupção começou desde a época do seu estabellecimeuto rapido; formarão-se sob a tutella e a proteção das metropoles, e não houve necessidade de obter escravos por meio de guerras sanguinosas, e duravcis, pois que avidos e feroses especuladores se encarregarão de todos os cuidados e perigos. Assim, d'esde o principio, os colonos izentos de todos os cuidados e trabalhos de corpo e d'espirito, se entregarão logo á ociosidade, e ao goso das sensualidades phisicas.

A'imitação dos Romanos, na época em que começou a sua decadencia, a população aristocratica consome huma immensa quantidade de alimentos, entretanto que a população escrava vive na mais extrema penuria, e he condemnada a trabalhos sem limites: todos os gosos, todas ás commodidades da vida pertencem exclusivamente aos senhores; aos escravos só lhes toca a miseria, e o castigo. O senhor se nutre com os mais exquisitos manjares, e absorve os alimentos que poderião sustentar dois, ou tres individuos sobrios, entretanto que o escravo, que sustenta o seu ocio e luxo, he mal nutrido, opprimido pelos trabalhos e castigado com o maior rigor e inhumanidade pela mais leve falta. Relativamente á parte da moral publica a que propriamente se chama *custumes*, para conhecer quaes são os effeitos da escravidão, a respeito da união dos sexos, escusa-se indagar quaes são as relações que existem entre os senhores e as mulheres que possuem a titulo d'escravas; basta examinar quaes são as diversas côres em que se divide a população na America. Todas as vezes que huma escrava dá á luz hum filho, póde logo saber-se a que classe de homens pertence o pai, podendo-se affirmar que todo o individuo de côr mesclada, he o producto de huma união immoral, e quasi sempre o fructo da violencia do senhor sobre sua escrava.

O primeiro objecto que fere os olhos de hum viajante Europeo he a multidão de escravos de côr, alguns tão brancos como seus mesmos senhores. Ora, nunca na America houverão escravos brancos,

todos tem sido de origem Africana: d'onde procede pois este phenomeno? A resposta he óbvia: de huma não interrompida serie de immoralidades e de violencias da parte da população livre sobre a escrava. Em muitas combinações de sangues diversos, a origem Africana tem desaparecido, e os escravos vierão a ser da mesma especie que seus senhores. Mas o que indica o maior grão de barbaridade, a ausencia de todas as affeições as mais doces e o mais torpe egoismo, he que estes individuos innocentes, fructos da immoralidade e do furor lubrico dos proprietarios, são seus mesmos escravos! Hum senhor d'escravas quasi nunca liberta os filhos que teve de suas escravas, e exige d'elles todos os trabalhos e a submissão que requer dos outros; vende-os, troca-os, ou os transmitte a seus herdeiros. Se hum de seus filhos legitimos os recebe por successão, não faz nenhuma distincção entre elles, e os seus outros escravos: assim hum irmão póde tornar-se proprietario de seus irmãos e irmãs; sobre elles exerce a mesma tyrania, e sacia os mesmos desejos. Se isto he verdade (do que não póde haver a menor duvida) temos nós direito á escandilisar-nos quando hum viajante Europeo disser, que a multidão de gente de côr que existe na America he quasi sempre o fructo do adulterio, e do incesto?

O viajante Barrow observa, que no Cabo da Boa Esperança ha tão pouca affeição entre os parentes, que raramente dois irmãos se fallão. Como hum irmão amará a seu irmão, quando talvez existão muitos outros irmãos e irmãs, que considera como a mais vil das propriedades, e que emprega na satisfação das paixões as mais brutaes?

Entre as pessoas sem educação, os costumes se manifestão de ordinario pela linguagem, e o mesmo viajante diz, que no Cabo da Boa Esperança, a dos habitantes he de huma indecencia que se não póde tolerar. Deve notar-se a respeito d'esta Colonia fundada por huma das Nações a mais casta da Europa, a Hollandeza, como huma observação geral a respeito de todas as outras Colonias; que os escravos tendo mais, ou menos valor, conforme se aproximão mais ou menos da raça branca, não só os proprietarios favorecem as uniões immoraes entre as suas escravas, e a gente branca, como he hum principio de orgulho o ter-se na servidão grande numero d'escravos de côr mesclada; e tanto maior he a honra, quanto mais clara he a côr.

Armados do poder o mais arbitrario, e dispondo por tanto a seu bel praser do que chama sua propriedade, como poderá huma escrava resistir aos desejos de seu senhor? Entretanto a mulher legitima do

proprietario, devorada de ciumes e animada pela vingança, exerce impunemente sobre a escrava, que peccou involuntariamente, toda a sorte de crueldades. Huma mulher livre que nestes casos faz castigar huma sua escrava, refina de crueldade; pobre d'ella quer confesse, quer negue a culpa! He sobre tudo a tornal-a medonha, e a desfigural-a, que ella aspira: o seio, o rosto, as partes, são os lugares aonde os supplicios são applicados com mais furor e o mais refinado calculo. O ciume entre as mulheres he mais forte que entre os homens, e produz as mais inhumanas vinganças a que precedem as phrases da mais energica barbaridade! *

" Os sentimentos os mais exaltados entre os possuidores de homens, diz C. Comté, são o orgulho e o amor dos gosos phisicos; huma mulher escrava, objecto das preferencias, ou do gosto passageiro de seu senhor, offende a sua senhora da maneira a mais sensivel; humilia-a a seus proprios olhos; rouba-lhe huma parte dos seus prazeres, e isto he mais que bastante para fazer accender a sua vingança e crueldade. ,, Os effeitos do ciume, não se exercem sómente sobre o proprio objecto, recahem particularmente sobre os individuos, que pela sua côr, annuncião deverem o dia a seu senhor, ou a outros homens da sua especie. Estes individuos innocentes, qualquer que seja o seu sexo, ou idade, são odiosos ás mulheres dos senhores, porque elles são huma prova irrecuravel das preferencias que suas escravas obtêm sobre ellas; mas se pertencem ao sexo femenino, tanto mais odio lhes tem, porque suas senhoras vêem n'ellas, as futuras rivaes de si mesmas, ou de suas filhas.

A ternura que hum Pai manifesta a respeito de hum filho nascido d'escrava, he geralmente considerada como hum acto de fraqueza, ou antes como huma loucura. Dar-lhe a liberdade, he despojar-se de huma propriedade util, he huma especie de roubo feito a seus filhos legitimos. Assim quasi sempre tal filho fica confundido com outros escravos, e he vendido, trocado, ou transmittido.

A conducta licenciosa do sexo a mais forte, arrastra necessariamente a depravação do sexo fraco.

He impossivel que huma filha creada e educada no meio de huma multidão d'escravas, e testemunha forçada da corrupção destas mu-

* *Entre nós, as phrases as mais communs, quando huma mulher desconfia que seu marido, ou seu amante tem contractos illicitos com alguma escrava, são: eu a frigirei, ou a assarei, lhe queimarei ou cortarei tal ou tal parte &c. E quantas vezes estas ameaças não vão a effeito, mesmo por simples desconfianças!*

lheres pela incontinencia de seus Pais e irmãos seja huma casta esposa. Comtudo alguma moralidade existe com taes perigos, no sexo femenino, e he isto o que espanta. Se os escravos fossem da mesma especie que os brancos, como succedia entre os Romanos, os perigos serião maiores; porque então os fructos da immoralidade do bello sexo não trarião ao nascer o signal caracteristico das castas.

Os futuros Sallustios e Juvenaes da America, terião talvez que transmittir á posteridade, esses hediondos e labricos quadros que nauzeão na historia Romana. Ainda que na realidade haja muita castidade nas mulheres livres, comtudo o abuso da força sobre as mulheres escravas influe sobre o juiso que fórma o publico sobre os costumes domesticos. E na verdade, como suppôr o pudor e a castidade, aonde os meios de corrupção são tão faceis? A seducção dos homens para com as mulheres livres he com effeito facillima, pelos muitos meios que ha de corromper as escravas da familia, e encarregal-as de as tornar favoraveis a seus desejos. A prostituição, nos paizes d'escravos, não he hum vicio que muito repugne ás consciencias, nem as pessoas que a ella se entregão são por isso reputadas infames ou sequestradas da Sociedade. Tal he a influencia da escravidão, diz o Duque de la Rochefoucault, que aonde existe, todos os perigos moraes são communs.

Bem se vê a funesta influencia que taes procedimentos tem, e devem ter sobre huma associação assim organisada: o esquecimento de todos os deveres moraes, de todas as affeições paternas, e fraternas; o arbitrio o mais extenso de hum lado, e a exigencia da submissão a mais vil da outra, eis o que se encontra nos paizes de escravos.

Como pois com taes males, huma semelhante Sociedade póde existir sem perturbação, póde prosperar?

Não póde achar-se meio termo: com a existencia da escravidão não podem haver costumes, liberdade, nem civilisação; porque a liberdade e a civilisação não tem mais firmes esteios que os bons costumes.

Mas como haverão bons costumes, quando os meios de satisfazer os mais torpes desejos estão á disposição de grande parte da população?

Todos os dias se falla na grande prosperidade dos Americanos do Norte, na grande liberdade civil e politica de que gosão, nos passos agigantados que tem dado a sua civilisação; mas reflicta-se na differença que existe n'aquelle Paiz, entre os Estados onde a escravidão he admittida, e aquelles em que esta praga não existe.

Nos primeiros, os costumes são corruptos, a civilisação está atrasada, e a liberdade segura em debeis esteios: ali todos os prejuisos aristocraticos se refugiárão, como para o seu paiz natal; pois que o domicilio d'esta peste do mundo, he nos lugares em que huns podem viver á custa dos trabalhos dos outros. Nos Estados em que pelo contrario a população he composta de homens livres, ella tem crescido em huma proporção de que não ha exemplo; a liberdade está segura; a civilisação não differe da dos paizes os mais adiantados da Europa; finalmente a industria, a agricultura, e o commercio florescem. O jogo e a embriaguez, os divertimentos os mais barbaros, indicão nos primeiros os gostos e os habitos populares; nos segundos o amor da economia, a vida a mais sóbria, os divertimentos honestos, e que não podem corromper o espirito, mostrão a differença que ha entre huns e outros, ou antes a differença entre a escravidão e a liberdade.

Ora, se tal he o estado das cousas, em hum Paiz, cujos filhos são descendentes dos Povos os mais illustrados, e os mais industriosos da Europa, isentos de hum sem numero de prejuisos, onde a introducção d'escravos cessou á tantos annos, e onde tudo tende a expelil-os do paiz colonisando-os na Africa; o que será entre nós, descendentes dos Portuguezes, que, hoje nos introduzem tantos milheiros clandestinamente, e de quem herdamos tantos e tão absurdos prejuisos; nós que não temos Quakers e nem Methodistas, isto he, homens que pugnem com todas as suas forças pela abolição da escravidão domestica? * A introducção d'escravos por contrabando continua entre nós

* *Estas duas seitas Philantropicas são as unicas christãas que tem produzido muitos beneficios a respeito dos escravos. A Virginia, cuja extensão equivale quasi á de toda a Inglaterra, contava em* 1816, 192:518 *escravos. A sua Constituição he a mais deffeituosa da união, e a mais aristocratica, seus habitantes os menos industriosos, porém ao mesmo tempo os mais ambiciosos de toda a America do Norte; e está mais atrasada que qualquer outro Estado relativamente á instrucção publica. La Rochefoucault-Liancourt diz, que os escravos tornão preguiçosos e immoraes aos habitantes; e Jefferson, authoridade não suspeita porque falla do seu proprio Paiz, diz que a população diminue em lugar d'augmentar pelo grande numero d'emigrações que sahem annualmente do Estado, emigrações provenientes do grande numero d'escravos que se oppõe a que a gente livre possa obter meios d'existencia. O Vermont, Estado de recente data, a população e os meios d'existencia tem crescido espantosamente, pela dis-*

impune e sem freio, por meio d'estrangeiros, a quem a cobiça só dirige, e a quem de sorte alguma lhes importa os males que d'ahi provêm ao Paiz. Se o mal he quasi irremediavel por muitas gerações com os escravos que existem, quanto se não tornará mais forte introduzindo-se annualmente tantos milheiros d'infelizes!

Isto bastaria para convencer aos indifferentes; mas convêm mostrar-lhes tambem os máos effeitos da escravidão relativamente a tudo quanto ha de mais sagrado, e de mais util. Eu direi ao homem industrioso, porém pobre: em hum paiz d'escravos nada tendes a fazer, emigrai para hum paiz livre; ao Patriota: com escravos, nunca a Patria será prospéra, nem a liberdade estavel; ao homem religioso: a religião se oppoêm á escravidão, e em hum paiz d'escravos, nunca ella passará de arremedos ou de superstições; ao amigo das sciencias e das artes: a existencia de escravos se oppõem ao desenvolvimento de todas as faculdades; nunca as sciencias terão entrada em tal paiz, ao contrario ellas d'ali serião expulsas se existissem, pois que o escravo nada póde saber, e deve tudo ignorar para ser bom escravo, e tal será a preguiça dos senhores que elles não terão animo para cultival-as para não sahirem do pôdre ócio em que jazem, para não fatigarem o seu corpo e o seu espirito já fatigado pelo peso da molesa, das torpesas, e do arbitrio. Debalde vos esforçaes para introduzir o gosto das artes; as mãos do escravo só podem produzir brutesas e grosserias, e a nobreza dos senhores lhes não permittirá occuparem-se em coisas que só julgão dignas de mãos vis e ignobeis. Se huma penna habil e eloquente conseguisse demonstrar clara, e evidentemente estas verdades, sem duvida os homens de senso e patriotas, que só esperão a luz da verdade para se determinarem aos maiores sacrificios, desde logo applicarião as suas forças para anihilarem hum estado de cousas anti-social, contrario á prosperidade em todo o genero, e que de continuo ameaça como hum volcão a segurança, a liberdade, e a civilisação do seu paiz.

Os vicios e as virtudes, o bem e o mal estão de tal sorte ligados n'este mundo, que para extremal-os são necessarios os maiores esforços e sacrificios. Se quereis, por exemplo que as sciencias floresção, he de absoluta necessidade que arredeis tudo quanto póde obstar ao seu desenvolvimento; se quereis que a religião do Paiz seja

posição contida na sua Constituição e fielmente executada, de que nenhum habitante negro nascido no Paiz, ou trazido do ultramar, póde ser escravo depois de 20 annos d'idade nos homens, e 18 annos nas mulheres.

huma Religião de claridade, e não de trevas, apartai dos espíritos tudo quanto póde contribuir para que a superstição e o cruel fanatismo dominem; se quereis finalmente que os bons costumes, a paz e a união imperem, apartai da associação tudo quanto póde contribuir para a corrupção, todo o motivo de desunião e inimisade.

Estas maximas tem sido prègadas em todos os tempos, pelos apostolos do bem, por esses Philosophos esclarecidos que a natureza produz de tempos a tempos para o bem sêr da humanidade. Os homens quasi sempre tem sido surdos a estas vozes desinteressadas; mas de todos os homens, os que habitão as vastas regiões que a Europa povoou, tem sido mais surdos, que os outros.

Debalde homens abalisados lhe tem dito que a existencia da escravidão se oppõem a tudo quanto póde contribuir para o bem-estar da associação: nada os commove; a voz do interesse tem feito callar os brados da consciencia, e da humanidade! Entretanto façamos a diligencia para esclarecel-os sobre os seus verdadeiros interesses, attacando-os pelo seu amor proprio, e demonstrando-lhes a falsidade e futilidade de seus prejuisos. Se por exemplo se lhe disser, que em quanto houverem escravos, ou pelo menos em quanto a população livre não exceder ao numero destes, não daremos hum só passo na carreira em que as Nações civilisadas tanto se illustrão, isto he nas Sciencias, nas Artes, e nas Letras; que seremos sempre estupidos e ignorantes: talvez isto os commova, e lhes dê hum abalo salutar para o bem. A demonstração desta verdade não he comtudo custosa; e huma vez demonstrada, facil será tirar hum sem numero de corolarios contra a existencia da escravidão domestica, e sobre a sua funesta influencia relativamente ao desenvolvimento intellectual dos senhores e dos escravos.

Nas Colonias fundadas pelos Europeos, duas circunstancias se opposerão a este desenvolvimento. A primeira foi o ciume das Metrópoles, e o systema de governo por ellas adoptado, systema oppressivo, em todo o sentido, e que se oppunha á vulgarisação das luzes, e de todos os conhecimentos uteis. Este systema cessou pela emancipação de quasi toda a America, mas seus effeitos se farão sentir por longos annos. A segunda foi a introducção dos escravos nas Colonias, * e este he o grande mal. Muitas circunstancias po-

* *Os Portuguezes forão os primeiros Europeos que desde o tempo do Infante D. Henrique fizerão hum ramo de commercio da escravatura, e os primeiros que a introduzirão na America e mesmo na Europa. A humanidade lhe deve este maleficio, que a Provi-*

dem atenuar este mal nas grandes Cidades; porém nas pequenas povoações e nos campos elle existe em toda a sua difformidade.

Antes da emancipação dos differentes Estados da America do Norte, os senhores erão geralmente estupidos, excepto algum que tinha sido educado nos paizes em que a escravidão não era admittida; todos os mais mostravão a ignorancia e a presumpção natural dos despotas.

No que vamos diser relativamente aos outros estabelecimentos dos Europeos na America, he necessario ter-se em vistas a reflexão que por vezes temos feito, que, se descendentes dos Povos os mais illustrados appresentão hum grande caracter de degeneração, que será de nós, filhos da Nação a menos livre, e a menos culta da Europa! Se em tudo quanto disser-mos do estado de atrasamento de nossos coterraneos, nós reputar-mos hum, ou dous seculos mais atrasados, não nos enganaremos muito.

Os Hollandezes entrão no numero dos Povos os mais intelligentes, activos, e industriosos da Europa; mas nas suas Colonias não mostrão actividade, intelligencia, nem industria. Os do Cabo da Boa Esperança tem hum tal despreso para toda a especie d'instrucção, que nunca foi possivel obrigal-os a subscreverem para o estabelecimento de huma Escolla publica. Não existia na Cidade, no tempo em que Barrow e Percival * lá viajarão, huma só livraria publica, huma só Sociedade litteraria; mesmo era raro achar hum livro entre elles. Privados de todos os prazeres do espirito, da conversação honesta, e da leitura, para elles o dia presente, he a repitição do dia passado com a mesma monotonia. A sua ignorancia era tal, segundo o primeiro destes viajantes, que elles não conheciño as plantas do seu Paiz, nem sabiño aproveitar-se das que lhes vinhão de fóra. Os Colonos Hollandezes da America, onde existe, como no Cabo, a praga da escravidão, não cultivão mais que aquelles suas faculdades intellectuaes.

dencia lhes tem pago com usura. Deve diser-se que se huma Nação Europêa, introduzio esta peste, huma outra, a Dinamarqueza, foi a primeira que deu o exemplo da sua abolição nas suas Colonias.

* *Roberto Percival, Official da Marinha Britanica: viagens ao Cabo da Boa Esperança, nos annos de* 1796, *e* 1801.

Este viajante diz, que a oppressão, que os Hollandezes fazem pesar sobre os Hottentotes, tem quasi extinguido esta Nação mui numerosa antes da Colonisação. Apesar das Leis, os Hollandezes os fazem escravos.

Os Americanos, descendentes dos Hespanhoes, pela mesma razão, tem pouco desenvolvido nas faculdades do espirito.

Antes que este povo conquistasse a sua independencia, não se encontrava, mesmo nas grandes Cidades, nenhum estabelecimento publico proprio a caracterisar hum Povo instruido e civilisado. Existião na verdade alguns Collegios de Theologia, onde se ensinava o direito canonico, o direito civil, e mesmo alguma Medicina; mas não se exigia dos discipulos, senão os necessarios conhecimentos para bem deffender os mysterios da immaculada Conceição. Os conhecimentos Physicos, Botanicos, e em fim todos os outros erão despresados; nem ao menos conhecião as plantas que pisavão, mandando vir de fóra raizes e flores, que crescem com abundancia no seu proprio paiz. Entretanto como em alguns lugares os escravos são pouco numerosos, os homens livres tem sido algumas vezes como forçados a exercerem a sua intelligencia sobre os objectos dos seus trabalhos. As Colonias que os Inglezes e os Francezes possuem hoje, são pouco vastas, excepto o Canadá, e quasi todos os brancos que nelle vivem he passageiramente. Relativamente aos que pertencem ao paiz, os effeitos são analogos; e nem a liberdade de que gosão as colonias dos primeiros, nem a illustração do paiz d'onde descendem os segundos, tem podido obrigar os senhores d'escravos d'estas Colonias a cultivarem o seu espirito em cousas, que não tem rellação com os seus habitos e gosos materiaes. Entre os antigos Romanos, os homens que pertencião á aristocracia, sendo iguaes entre si e nenhum direito tendo a commandar os outros senão em virtude de huma magistratura temporaria, conferida pela população livre; resultava d'isto, relativamente aos homens que aspiravão a exercer alguma influencia sobre os seus concidadãos, a necessidade de ganharem a sua confiança por meio d'eloquentes discursos, ou de acções brilhantes. Era necessario por tanto que a arte da palavra fosse cultivada, assim como todos os conhecimentos que com ella tem rellação. Foi por isto, que, em quanto se não achou meio de supprir a convicção e o raciocinio, pela força e authoridade, todas estas partes dos conhecimentos humanos, forão cultivadas, e fizerão grandes progressos.

Os habitantes dos Estados-Unidos, que tem tirado a sua subsistencia do trabalho dos escravos, se tem achado em circunstancias analogas ás deste antigo Povo, antes da quéda da Republica Romana; isto he, livres e iguaes entre si, despotas a respeito dos escravos. " O desenvolvimento de suas faculdades intellectuaes (diz o judicioso jurisconsulto que por tantas vezes temos citado, e cita-

remos *) corresponde a estas duas posições differentes. Na qualidade de senhor, despresa os conhecimentos que lhe teria dado os meios obrar sobre as cousas, contentando-se em fazel-o pela authoridade, e pelos musculos de seus escravos; na qualidade de Cidadão, e como tal não podendo empregar a força a respeito de seus concidadãos, foi necessario usar da sua intelligencia, adquerir pelos talentos ou caracter a authoridade que a violencia lhe não póde dar.

Washington, e Kosciusco, destinados a combaterem e a governarem homens, podião nascer em paizes cultivados por escravos, mas Franklin, destinado a esclarecer o mundo, e a fazer crescer o poder do homem sobre a natureza, só podia desenvolver-se em hum paiz em que as artes fossem exercidas por mãos livres. Se os Estados do Sul tem fornecido á união hum maior numero de homens proprios ao Governo, que os do Norte, e se estes ultimos tem dado nascimento a hum maior numero de homens activos e laboriosos, não he ao acaso que se deve attribuir este phenomeno, he á presença da liberdade em huns, e a da escravidão nos outros. Nestes aspira-se principalmente a obrar sobre os homens pelo talento, ou pela força; naquelles se obra sobre as cousas, e procura-se tornal-as apropriadas á satisfação das necessidades. ,,

Se a escravidão influê tão fatalmente sobre as faculdades intellectuaes da classe, que por seus meios e situação, póde ser susceptivel de todo o genero d'illustração, quaes serão os effeitos d'esta influencia sobre a classe opprimida? Os senhores crendo-se interessados em prevenirem o desenvolvimento das faculdades intellectuaes de seus escravos, e estes não tendo, nem podendo ter o desejo, e os meios d'esclarecer-se, concebe-se facilmente que elles devem estar em hum estado mui vesinho do dos brutos. Com effeito, nos lugares da America, em que os trabalhos são executados por escravos, os senhores são obrigados a comprarem, ou a mandarem vir dos paizes onde a escravidão não existe, todos os productos industriaes, que exigem alguma intelligencia na sua confeição. He por isto que tudo existe entre nós no maior estado d'imperfeição, e languidez; mesmo nos trabalhos da agricultura, a principal, senão a unica base de nossa subsistencia, e de nossas riquesas, o ramo dos conhecimentos humanos, que talvez exija menos intelligencia, elles existem no estado o mais barbaro, exigem os cuidados os mais aturados, e rendem em productos da terra, o vigessimo do que podião render se

* *O senhor Charles Comte, no 4.° volume de seu Tratado de Legislação.*

fossem feitos por mãos livres. As causas da incapacidade dos escravos em todos os generos d'industria, são faceis de perceber.

A mão não executa bem, senão o que o espirito bem concebe: os orgãos physicos são os instrumentos da intelligencia, e logo que esta não recebe cultivo, só póde mal dirigir os orgãos. He evidente que se huma parte da população só obra sobre as cousas pelo intermédio da outra, e que esta se acha reduzida a executar machinalmente o que se lhe prescreve, tudo quanto diz respeito ás Artes, ás Sciencias, e á industria, deve marchar rapidamente á decadencia. Os objectos que produz a industria humana, não sendo eternos, de necessidade devem ser de continuo renovados; se isto não acontecesse, as nações as mais ricas e esclarecidas, ficarião reduzidas em pouco tempo ao estado dos selvagens. Ora, em os paizes d'escravidão, não sómente os senhores são incapazes de desenvolverem as faculdades intellectuaes dos escravos, mas tem huma tendencia natural a evitarem este desenvolvimento; pois que a necessidade da segurança, mais forte que a paixão da avaresa, os obriga a tornal-os os mais estupidos possivel. Mesmo os Americanos do Norte, de todos os senhores os que talvez sejão menos ignorantes sobre os seus verdadeiros interesses, repulsão com horror a idéa de mandarem ensinar a ler aos individuos desta infeliz raça.

Pelos debates do Parlamento d'Inglaterra em 1825, se vê que os Colonos Inglezes não olhão com menos terror os esforços que fazem muitos habitantes da metrópole, para darem alguma instrucção aos escravos destas Colonias. Em algumas destas Colonias, os Missionarios Methodistas, e Anglicanos, que vinhaõ com intenção de ensinarem a Religião Christã aos escravos, tem sido expulsos, e o que mais horrorisa! tem sido condemnados á morte, chegando o furor até a demolirem templos! * Assim homens que teriño julgado a mais vil das occupações, o pôr huma pedra no alicerce de hum

* *Alguns destes factos quasi incriveis, tiverão lugar não ha muitos annos, nas Barbadas. Em* 1825, *hum Ministro Anglicano tendo conseguido formar hum auditorio d'escravos, para dar-lhes o ensino moral e religioso, foi tão maltratado, que pereceu. Os Methodistas tratando d'illustrar a gente escrava, os habitantes brancos demolirão o seu templo, e se vangloriarão por meio de proclamações de terem commettido hum tal attentado. Na Ilha de Demerara, os habitantes condemnarão á força hum Missionario, por este ter querido desenvolver os sentimentos moraes dos libertos, e dos escravos por meio do ensino dos preceitos religiosos.*

edificio, accreditarão faser huma acção meritoria demolindo hum edificio consagrado á Divindade!

Bem se collige que não he a Religião o objecto dos senhores d'escravos, mas sim a cobiça e a avaresa. Elles pensão que se o menor raio de luz penetrar nas cabeças estupidas d'estes infelizes entes, a insurreição e o massacre serão infalliveis. A sua consciencia he quem os accusa, e temem que os netos não vinguem a oppressão de tantas gerações opprimidas, e tyranisadas. E que religião he esta em que fallão a respeito dos escravos, se a escravidão em opposição com a religião, tende necessariamente a destruil-a, ou ser destruida? Ensinão por ventura os senhores d'escravos os preceitos da religião, esses preceitos que recommendão a caridade, o amor do proximo e o cumprimento restricto dos deveres da moral? Certamente não. Toda a religião que se incute a esses entes infelizes, consiste, em certas praticas supersticiosas, em momices, e absurdos; bem longe estão elles de lhes ensinarem a existencia de hum Ente Supremo, superior a tudo. Não, tal principio não lhes convêm. He necessario, para que hum proprietario d'homens, reine soberanamente, que seus escravos não conheção authoridade superior á sua vontade, e que a seus olhos os castigos, ou as recompenças, que distribue, não sejão contrabalançadas por outras recompenças, ou castigos maiores, taes quaes apresenta a religião. O ensino de taes preceitos enfraqueceria a sua authoridade, e seria hum freio contra seus proprios vicios.

He necessario portanto concluir, que o ensino dos deveres moraes, que impõe a religião, deve sem cessar impedir o estabellecimento da verdadeira religião. Mas deve esta exclusão, ter igualmente lugar a respeito dos mesmos possuidores de escravos? Sem duvida. A qualidade de proprietario d'homens, exclue toda a idéa dos deveres moraes, e por consequencia da religião; a incredulidade a respeito da existencia destes deveres, relativamente aos possuidos, deve excluir dos possuidores a crença dos preceitos, e mesmo dos dogmas do Christianismo, e por tanto de toda a relação entre a vida presente e a futura, entre os homens, e a humanidade. Como poderá hum senhor d'escravos accreditar ao mesmo tempo que existem deveres para todos os homens, e que entretanto elle póde dispôr dos seus similhantes como de machinas? Estas duas crenças contradictorias se excluem.

Se no mundo póde haver huma classe d'homens, a quem melhor se possa accusar d'impiedade, d'atheismo, e materialismo, he sem duvida a dos possuidores d'escravos. Póde na verdade haver huma mais espantosa incredulidade, que a d'individuos que negão praticamente a existencia de toda a especie de deveres? Nunca Philosopho algum, nunca o

mais cynico Athêo, teve a impudencia de sustentar que hum Pai nada deve a seus filhos, que os filhos nada devem aos Pais, a mulher ao marido, os irmãos, aos irmãos, e os homens entre si; nunca finalmente ninguem ouvio sustentar que huma creatura humana não tem dever algum a cumprir para comsigo mesmo, ou a respeito dos outros. Quando não houvessem outras provas da irreligião dos possuidores d'escravos, a falta de caridade e de misericordia, para com os infelizes, que a Providencia lhes submeteu, assaz o provarião. Não contentes de trazerem nús a estes infortunados, de os fazerem habitar em lugares insalubres expostos ás inclemencias do tempo, de os sustentarem com os mais vís alimentos, e estes em huma quantidade que apenas chegão restrictamente para não perecerem á fome, entretanto que os castigos, e os supplicios lhes são prodigalisados a toda a hora, e a todo o instante, sem outro termo ou limite que não seja o da vontade e do capricho.

Nas Cidades e nos Campos, os castigos corporaes são tão communs, que o estalido dos instrumentos do supplicio e os gritos das victimas, já não chamão á attenção do que passa: tanto estamos accostumados!

A inclinação á crueldade, que dá o exercicio do poder arbitrario, he fortificado pelo temor que inspira à desesperação das victimas. Para obrigar ao trabalho homens, a quem sem cessar se roubão os fructos, recorre-se á crueldade; e para prevenir as vinganças, recorre-se a novas crueldades: para conter a população escrava, outros meios se não tem achado, que não sejão os da estupidez, a divisão, e o terror. " Os senhores da Luiziana, diz o viajante Robins, vivem em continuos sustos, e de continuo espião, e escutão nas cabanas dos negros. A menor desconfiança, alguma amisade que estes infelizes mostrem huns para com os outros, redobra o susto, e a espionajem.

Comtudo estas precauções não bastão para a segurança dos senhores, que a todos os instantes tremem á simples idéa de huma insurreição, que habitualmente estão armados de punhaes, e as suas casas são outras tantas praças d'armas. ,, Este estado de cousas convêm igualmente a todos os lugares onde o numero d'escravos excede ao dos homens livres, sobre tudo quando a prepotencia, e os castigos atrozes dominão. He este o quadro horrendo que offerecem as nossas grandes fasendas.

Com effeito a multiplicação dos escravos, as crueldades, e os máus tratamentos, devem de continuo comprometter a segurança de seus possuidores; e estes males e temores, devem crescer á porporção que o numero dos escravos for avultado, pois que então o seu baixo valôr tornando menos importante a sua posse, e ao contrario a sua sustentação mais custosa, os castigos, e os máus tratos dobrarão, assim como o desespero das victimas.

Todas as vezes que os homens saõ condemnados a trabalhos perpetuos, e sem fructo, expostos constantemente ao despreso, ao insulto, e à miseria a morte simples deixa de ser huma pena; he necessario, para que ella terrifique, acompanhal-a de tormentos que excedaõ pela barbaridade a todas as dôres espalhadas no curso da vida.

As crueldades dos possuidores d'escravos seriaõ para nós incriveis se as naõ presenciassemos todos os dias. A menor contradicçaõ, a menor tardança, os irrita, e torna ferozes; e todos acabaõ por acharem no exercicio da crueldade, huma sorte de praser atroz.

Hum exemplo entre muitos milhares que poderia citar, he o espelho do que se passa em nossa propria casa, e da opiniaõ da maior parte de nossos Concidadaõs.

" Eu conheci, diz o Viajante Hollandez Sparman, * alguns colonos, que naõ sómente no calor da cólera, mas a sangue frio, e por reflexaõ, naõ córavaõ de serem algozes, de dilacerarem pela menor negligencia o corpo, e os membros de seus escravos, prolongar expressamente as torturas, e mais crueis que os tigres lançar sal, e pimenta sobre as chagas que gotejavaõ sangue; mas o que ainda me pareceu mais horrivel, foi ouvir a hum d'esses colonos Christaõs, descrever, com todas as apparencias de satisfaçaõ, os processos destas execuções diabolicas, e mesmo glorificar-se de as praticar, expendendo muitos sophismas para justificar taes excessos, e em geral o trafico dos escravos em que era particularmente interessado. ,, †

* *O primeiro objecto que vio Sparman, quando chegou ao Cabo da Boa-Esperança, forão os instrumentos do supplicio dos escravos, e o que mais admirou ao viajante Francez, Levaillant, quando chegou á mesma colonia, foi a multidão d'escravos quasi brancos. C. Comte tira disto a seguinte conclusão: aquelle podia julgar logo ao primeiro aspecto da crueldade dos senhores; e este da suâ immoralidade.*

† *A atrocidade dos castigos he commum entre nós. Entretanto estabelleceu-se a falsa opinião de que nós eramos os melhores de todos os senhores. Se nós somos os mais misericordiosos, o que são os outros!*

Nas grandes Fasendas do Norte do Brazil causa horror ver a miseria da escravatura, cujos corpos cobertos de chagas indicão os tratamentos de que são continuamente victimas. Nas Provincias do Maranhão e Piauhy, que particularmente conhecemos, as novenas, *isto he, as surras por nove dias consecutivos, he hum castigo ordinario. O paciente he ajoujado a hum carro, e alli leva* 200, *ou* 300 *açoutes: depois retalhão-se as nadegas ulceradas; e sobre as feridas se lança pimenta malagueta e sal, pertendendo-se que isto he hum remedio necessario para evitar*

Mesmo entre o bello sexo, que parece ter por apanagio em toda a parte a doçura, e a caridade; tal he o effeito do habito, que a tyrania a mais constante, e talvez a mais insuportavel por ser domestica e continua se manifesta entre as mulheres dos possuidores d'escravos. Suas maõs delicadas, se prestaõ aos castigos os mais fortes; e quando as forças lhes naõ chegaõ, com lagrimas pedem o auxilio de quem possa melhor fazer sentir aos infelizes os effeitos de seus caprichos. " A indolencia, e a ociosidade das mulheres dos proprietarios, diz Robins, he extrema: tudo lhes aborrece, tudo he para ellas fadiga e trabalho insuportavel. Huma excessiva preguiça se manifesta, mesmo na sua linguagem; sua prosodia he languida, seus accentos como que se arrastraõ; cada syllaba se allonga, como se voz expirante articulasse seus derradeiros sons. Dir-se-hia que ellas lastimaõ naõ poderem lançar sobre suas escravas a fadiga do pensamento, e o trabalho da palavra. Nem a novidade dos objectos, nem os acontecimentos inexperados, as póde fazer sahir da sua habitual apathia: mas soffrem huma contrariedade, se julgaõ o seu orgulho offendido, acordaõ entaõ do lethargo, e mostraõ na vingança a energia dos despotas. „

Examinemos agora a influencia que estes castigos produzem sobre o caracter e as opiniões da mesma classe, que taõ liberalmente os distribue.

Estes supplicios, estes castigos, quer elles sejaõ administrados pela prepotencia e arbitrio dos senhores, quer por medidas geraes de policia' depravaõ desde o seu nascimento os individuos da raça dominante.

a corrupção, e a gangrena. Eu conheci hum homem, chamado Fuão Alvarenga, no Piauhy, que quando queria desfazer-se de algum escravo, mandava dar-lhe huma novena, e depois metel-o em hum surrão que expunha ao sol o mais ardente; e o infeliz era alli acabado á força de bastonadas! O supplicio do torniquête, o tronco, a gonilha, os anginhos, os ferros, os cepos, e tantos outros instrumentos de supplicio, são communs nas nossas Fasendas, Engenhos, e mesmo nas Cidades não são raros. Parece que herdamos todos estes instrumentos de tortura em uzo nos tempos barbaros, dignos dos tyranos, e da Inquisição. Mas não he só isto; a arte de torturar está muito mais adiantada entre nós. Expôr hum escravo toda huma noite, amarrado a hum cepo sobre hum formigueiro de giquitaias, como se uza em algumas Provinçias, ou expôl-o amarrado em cruz ás ferroadas dos mosquitos, como no Rio Grande do Syl, são refinamentos de barbaria, peculiares ao Brazil. E nós somos os melhores dos senhores!..

Jefferson, * o unico Americano que ouzou publicar algumas reflexões sobre os fataes resultados da escravidão, diz que ella deve infallivelmente ter huma funesta influencia sobre a raça livre. O unico commercio que existe entre hum senhor e seu escravo, he hum exercicio continuo das mais violentas paixões; de hum lado o despotismo, o mais inflexivel; de outro a mais degradante humiliação.

" Nossos filhos, diz este jurisconsulto philosopho, testemunhas destas relações, aprendem a imital-as. O Pai se encolerisa; o filho repara, toma as mesmas maneiras entre os escravos da sua idade, e se abandona ás mais odiosas paixões. Educado desta sorte, e exercitado continuamente na tyrania, deve necessariamente adquirir o caracter de hum tyrano. O que, em taes circunstancias, póde conservar maneiras dôces, e costumes puros, deve ser considerado como hum prodigio. ,,

O espectaculo dos supplicios, e do sangue, deve produzir a raiva, e desnaturar o caracter de todos os individuos da raça livre. O habito do arbitrio, e da violencia, torna os senhores d'escravos violentos, vingativos, e crueis huns a respeito dos outros: os assassinatos premeditados, frutos da vingança a mais cega, e a maior parte das vezes a mais mal motivada, são testemunhas irrefragaveis desta verdade. † A respeito das classes inferiores da sociedade, e entre os mesmos escravos, identicos motivos produzem identicos resultados. As rixas, entre os individuos d'estas classes, tem hum grão de violencia quasi incrivel, e por assim dizer desconhecida entre os Povos, em que a escravidão não he admittida. O uso da faca, tão commum entre nós, he huma prova do quanto influe sobre a população o espectaculo continuo do sangue derramado por meio dos mais atrozes castigos. Na falta d'este instrumento assassino, os combatentes forcejão por mutilar-se, e sobre tudo por fazer correr o sangue dos outros: o que he mais forte trata o outro como escravo; e estes, nas suas querellas particulares, e pelos motivos os mais futeis, ás vezes pela simples avidez de sangue, não poupão as suas vidas, nem as dos outros. A força he quem faz tudo; e com effeito a força he a unica differença entre o senhor e o escravo.

Temos examinado as funestas influencias da escravidão sobre os cos-

* *Jefferson, notas sobre a Virginia.*

† *Entre os Americanos do Norte da America, as querellas são frequentes; terminão-se d'ordinario pelo duélo, e quasi sempre pela morte de hum dos dous contendores. Entre nós que não usamos do duélo, a compra de hum assassino faz o mesmo effeito; e o que pior he (se póde haver coisa pior), comprão-se os mesmos escravos para assassinarem seus proprios senhores.*

tumes publicos, o caracter nacional, a Religião; e o desenvolvimento das faculdades industriaes. Os resultados são óbvios.

Como haverá prosperidade, se a existencia da escravidão se oppõe ao desenvolvimento de todas as faculdades? Como haverá civilisação, isto he, *illustração*, como haverá liberdade, isto he *ordem*, se a industria não póde existir, se as classes livres estão condemnadas á estupidez, se os prejuizos se oppõe á igualdade das condições, se o uzo continuo do arbitrio e da prepotencia desnaturão o caracter nacional, e o faz inclinar ao despotismo, e á aristocracia? Como haverão costumes e religião, os mais firmes esteios da Liberdade, e da civilisação, se tudo concorre para a corrupção, e a desmoralisação da população?

E que perigos não corre a nossa liberdade futura, e portanto a nossa independencia como Nação, continuando a existir a escravidão? Huma multidão de reflexões tristes occorrem ao espirito de quem pensa hum instante em objectos de tal magnitude! Os exemplos do passado e a razão applicada ao porvir, devem encher de pavor a todo o homem que ama o seu paiz, e a quem se antolha, mesmo quando já não exista, a idéa da dilasceração, do despotismo, e da dominação estrangeira.. tão funebres pensamentos devem apertar o coração ao bom Cidadão, e fazer-lhe correr dos olhos lagrimas de indignação e de dôr!

Quando mesmo o funebre agoiro do Propheta da America, o celebre de Pradt, — *que toda a carregação de escravos, equivale a huma carregação de polvora destinada a abrasar o paiz* — se não verifiquem em nossos dias, quanto não devemos nós temer para o futuro de huma população mesclada e opprimida, que póde reagir?

O judicioso e profundo C. Comte, me fornecerá a maior parte destas tristes reflexões; sua eloquente penna supprirá o que me falta: feliz se poder persuadir aos outros, como elle me persuadio a mim mesmo!

O espirito humano se presta facilmente ás diversas impressões que se lhe quer dar; e os homens de ordinario se dirigem pelo habito e pelo exemplo; por mais contradictorias que sejão as suas doutrinas ou raciocinios, em sua conducta sempre se mostrão consequentes com o que tem sempre praticado, ou visto praticar. Hum individuo que desde o seu nascimento, até que chegue á idade viril, se vê cercado de senhores e d'escravos, observa as relações que existem entre huns e outros. Vendo sómente n'estas relações o emprego continuo da força contra a fraquesa, o triumpho constante dos desejos e caprichos de huns, e abnegação completa da vontade dos outros, a authoridade em lugar do raciocinio; apenas póde fallar, já toma o tom absoluto, e o ár imperioso de hum despota; já vê em seus parentes os membros de hum governo, de huma raça previlegiada, nos escravos, elle vê os vassallos; contra-

tando d'esta sorte os costumes de hum despota, antes mesmo de saber o que he magistrado.

Qual he a differença que hum individuo assim educado póde vêr entre os homens que possue a titulos d'escravos, e os que são livres? Ha sómente duas, a força, e o prejuizo de que huns nascerão para obedecerem, trabalharem, e soffrerem, e outros para mandarem, e viverem no ócio.

Cada individuo livre, para considerar a todos os outros como seus escravos, só tem necessidade de achar-se revestido do poder, e possuir os instrumentos que lhe possão dar sobre os seus iguaes a força que já tem sobre seus escravos. Veremos, pelo que se segue, que estes instrumentos facilmente se achão em hum Paiz em que huma parte da população se educa na pratica do arbitrario, e a outra na mais vil servidão.

Hum dos mais notaveis effeitos da escravidão he pôr em contradicção perpetua os homens que exercem huma parte da authoridade publica, condemnando-os a approvarem alternativamente as mesmas acções. He necessario que elles mintão sem cessar ás suas consciencias, ou que se vituperem a si mesmos em seus julgamentos; e esta necessidade he o resultado da opposição que existe entre as pertenções que formão os senhores na qualidade de Cidadãos, e do poder sem limites que exercem na qualidade de possuidores d'escravos. D'esta sorte não ha hum só crime, de qualquer naturesa que seja, que hum individuo não possa impunemente cometter como senhor, e que não deva julgar e punir como juiz. De huma tal opposição entre a conducta e os principios que devem dirigir os julgamentos, resulta que os sentimentos moraes se extinguem, e que a justiça vem a ser huma força brutal, dirigida pelo orgulho, e o interesse. Ora, havendo as mesmas disposições em todos os individuos, de que se compõe hum governo, desde o mais humilde funccionario, atè aos Cheffes do Estado, poderá existir segurança para alguem? Poderá esperar-se que homens habitualmente entregues ao arbitrio, á violencia, e a todos os vicios e paixões, se tornem repentinamente justos, humanos, desinteressados, e que hum tal milagre se faça pela simples mudança do nome?

Hum dos factos menos controversos em as sciencias moraes, he que o habito d'exercer o arbitrario, produz a necessidade, e d'alguma sorte a paixão de perpetual-o. Quando os homens s'accustumão a viverem á custa dos seus semelhantes, todo outro genero de vida lhes causa horror; o trabalho que exerce sobre as cousas, he de tal sorte vil a seus olhos que sómente póde convir a escravos. Este facto he confirmado, não por observações isoladas e individuaes, mas por observações conti-

nuas sobre raças inteiras, entre povos semelhantes, em todas as partes do mundo, e em todas as epocas.

Hum outro facto não menos certo, que o precedente, he que, quando os homens não podem restabellecer suas fortunas pela pilhagem das nações estranhas, saqueão seus proprios concidadãos. Os principaes cumplices de Marius e Scylla, forão os senhores arruinados, que querião ajustar as contas com os seus credores, degollando-os.

D'estas verdades resulta huma terceira, que he a tendencia, que tem todos os senhores, a apoderarem-se do governo. Cada hum, conforme a sua posição social, aspira obter hum emprego que lhe confira authoridade, e o faça rico, ou que pelo menos lhe proporcione os meios de viver sem trabalhar. Entre os Americanos do Norte, muitos viajantes tem observado huma grande avidez d'empregos publicos, notando que nos Estados do Norte, onde a escravidão está abolida, que alli se nasce agricultor, artista, manufactureiro, ou commerciante; mas que nos do Sul, quando se nasce proprietario d'escravos, nasce-se governando, ou para nada se vale, ou para nada se presta. Observa-se, como huma confirmação d'isto, que o Estado da Virginia, o que possue mais escravos, tem dado maior numero de funccionarios publicos á união, que nenhum dos outros, ainda que lhes seja muito inferior em luzes, em industria e mesmo em riquezas. * Ora, a existencia da escravidão ar-

* *O Estado da Virginia tem dado* 4, *ou* 5 *Presidentes á União, e he a isto que os Americanos chamão* a Dynastia Virginense. *Nem'hum outro tem dado maior numero de funccionaros ao governo federal. Quando a Luiziana, segundo Robins, começou a pertencer á União, os Americanos do Sul se lançarão com avidez sobre os empregos alli creados, ainda que elles não conhecessem as Leis, nem a lingoa do novo Estado.*

A avidez dos empregos publicos, não he hum vicio particular a huma nação, ou a huma certa época: he hum mal, resultado de muitas causas, das quaes, segundo Comte, as principaes são as seguintes:

1. *A existencia da escravidão, ou os prejuisos nascidos de hum tal estado de cousas.*

2. *O monopolio, da parte dos governos, de hum maior, ou menor numero de profissões privadas, transformadas em empregos publicos.*

3. *A grande facilidade a'alcançar os empregos sem despesas, e sem capacidade.*

4. *A inviolabilidade dos Empregados.*

5. *Os Salarios e as honras sem proporção ao trabalho.*

rastrando os homens livres para a carreira dos empregos publicos, fazendo-lhe huma necessidade d'enriquecer-se por este meio, dando-lhe ao mesmo tempo os prejuisos e os habitos do arbitrario, resta saber quaes são os recursos que apresentão as diversas classes da sociedade aos governantes que aspirarem a manter-se no poder, ou a estabellecerem o despotismo.

De todas as especies de despotismos, não ha huma só mais activa, violenta, nem mais continua, do que a que exerce hum senhor sobre seus escravos. As violencias que commette hum desposta sobre a massa da população, nada são em comparação das extorsões e tyranias que em todos os tempos tem exercido a maior parte dos senhores á respeito dos escravos. O interesse pois dos escravos os dispoem a coadjuvarem todo o ambicioso, que se apresente para subjugar a raça dos senhores; e mesmo quando o resultado de seus exforços fosse o estabellecimento do governo o mais tyranico possivel, este governo seria hum beneficio para elles.

Mas não he sómente esta infeliz raça a interessada em huma tal revolução. Entre os senhores e os escravos, ha huma classe d'homens para quem a subjugação dos primeiros he hum beneficio, e hum progresso: he a classe dos livres, não possuidores d'escravos.

Os individuos d'esta classe ganharão de tres maneiras no estabellecimento de hum governo absoluto.

Em primeiro lugar cessão de ser excluidos dos empregos, porque desde então já elles não pódem ser monopolisados pela classe dos senhores; em segundo lugar, ficarão menos aviltados, porque a classe dominante não poderá opprimil-os, e porque o poder estabellecido acima de todos, a todos porá de nivel; em terceiro lugar finalmente, a classe dos senhores não poderá tão facilmente apoderar-se do monopolio de todas as profissões industriaes, pois que o governo não podendo despojar cada individuo em particular (porque esta mina se esgotaria com brevidade), será obrigado a estabellecer impostos sobre a massa da população, sendo portanto necessario que conceda huma especie de protecção a todo o individuo que trabalhar. Nenhuma nação offerece hum exemplo mais notavel da verdade d'estas reflexões, como a Romana. Na antiga Roma, todos os homens que tentarão o estabellecimento do despotismo, procurarão e acharão

6. *A falta de segurança no exercicio das funcções privadas, e as vexações a que estão sujeitas as pessoas, que as exercem.*

Este episodio não se julgará inutil em hum Paiz, onde o furor dos empregos he tão commum.

hum appoio nas classes da população, que não pertencião nem aos senhores, nem aos escravos, isto he, entre aquelles que se designavão com o nome de *Proletarios*. Nos primeiros tempos estes homens vendião seus suffragios aos que lhe offerecião mais dinheiro; depois nós os vemos aliarem-se á Marius, e ajudal-o em todas as medidas que tinhão por objecto a oppressão, ou a destruição dos *Patricios* ou senhores. Huma vez incetada a carreira, nós os vemos enthusiastas de Cesar, comporem inteiramente as suas Legiões, e marcharem com elle á conquista do seu proprio paiz; na morte do Dictador, reunirem-se sob as bandeiras de novos tyranos, vingarem sobre os grandes a morte de seus protectores, e as oppressões que tinhão soffrido por tantos seculos; adorarem a Nero, chorarem, e vingarem a sua morte; e finalmente debaixo do nome de Legionarios e de Pretorianos, ficarem senhores do Imperio, que vendião a quem mais caro o queria comprar, assassinarem os tyranos, e vendel-o de novo a outros tyranos, quando o actual possuidor não podia, ou não queria ceder a todos os seus desejos e vontades.

Será necessario indicar as causas da preseverança dos homens que não são escravos, nem possuidores d'escravos a aliarem-se a todos os inimigos dos senhores? Não lemos nós na Historia, que estes se apoderarão de todas as terras, a titulo de proprietarios, ou rendeiros da Republica, e fazel-as trabalhar exclusivamente por estrangeiros, ou por escravos, expulsando assim dos campos os cultivadores livres, sem deixar-lhes meio algum de existencia? Não se apoderarão elles por meio dos seus capitaes, e escravos, no proprio seio de Roma de todos os ramos d'industria, e do commercio? Não conseguirão aviltar por meio das Leis, e depois prohibir o trabalho executado por mãos livres, a fim de melhor firmarem o monopolio pelas mãos de seus escravos?

As classes livres de Roma que correspondião ás nossas classes laboriosas, não podião ter maiores inimigos que os possuidores d'escravos. Marius, Cesar, Nero, e todos esses tyranos cujos nomes ainda nos horrorisão, erão para elles bemfeitores, pois que lhes davão meios d'existencia e ao mesmo tempo os vingavão dos seus figadaes inimigos.

Quando existe no seio de huma Nação, huma classe aristocratica, de sua naturesa ambiciosa, e que por tanto os individuos d'esta classe querem arrancar-se mutuamente o poder, ou a enriquecer-se por este meio quando o possuem, huma classe mais numerosa que não possue nem propriedades, nem industria, e huma outra classe ainda muito mais numerosa que não só nada possue, mas que demais he consi-

derada como propriedade da aristocracia, as guerras civis, que fazem nascer o habito e amor da dominação, tomão hum caracter de avidez e crueldade de que não póde formar-se idéa nos Paizes em que estas differenças não existem.

He então que todos os vicios gerados no interior das familias, pelo uso perpetuo do arbitrio se manifestão á luz, e se exercem sobre a população inteira: cada chefe he o representante de todos os vicios da fracção do Povo que governa. O odio, a vingança, a delação poem em movimento huma população d'escravos e proletarios; o orgulho, a ambição, a crueldade, a avidez poem as armas nas mãos dos senhores, e os proletarios, vem a ser seus instrumentos cegos. O temor, a ambição, a vingança ordenão as proscripções, sempre seguida da confiscação dos bens, e da ruina das familias; d'outro lado, a avidez das riquezas alhêas, e a necessidade de recompensar os miseraveis que servem d'instrumentos, fazem proscrever os individuos, ou as familias assaz abastadas para que tentem os vencedores. Taes forão os caracteres das guerras civis do mais poderoso Povo que existio, taes serão os caracteres das guerras civis que já nascerão, ou terão de nascer para o futuro entre as Nações da America, onde existe a escravidão domestica.

He tão profunda a impressão que a escravidão produz sobre os costumes, e nos espiritos das diversas classes da população, que ella se transmitte de pais a filhos, e passa ás gerações mais apartadas. Não ha hum unico povo na Europa que não conserve ainda alguaes d'esses tempos calamitosos da servidão feudal; e esta he huma das principaes causas das perturbações e desordens que reinarão n'aquella parte do mundo, hoje tão illustrada.

Que diremos das Nações Americanas, onde este mal subsiste em toda a sua força!

Quando lemos na Historia Romana, as queixas que formavão os Patricios sobre a influencia dos libertos, suas delações e o zelo com que servião aos Imperadores; naturalmente tomamos o partido dos senhores contra os seus antigos escravos, não vêmos que isto era o começo da terrivel reação dos opprimidos, reação que tinha o mesmo principio e os mesmos fins que a dos Proletarios, e que só devia cessar depois da exterminação completa da raça dos senhores. Os libertos, e os escravos formavão huma Nação particular, essencialmente inimiga da classe dominante, e que só aspirava á destruição de seus oppressores. De todos os prejuisos, nenhum ha mais teimoso, mais cego, nem mais proprio a accender o facho das discordias civis, como o que diz respeito á superioridade das castas; elle póde enfraque-

cer-se pelo progresso das luzes; mas a experiencia prova que não póde extinguir-se completamente sem a fuzão inteira das diversas castas. Ora, quando estas castas se destinguem, não por taes ou taes signaes equivocos, mas por signaes caracteristicos, individuaes, e indeleveis, como na America, esta fuzão se torna por assim diser impossivel, ou antes sómente he possivel quando huma das raças extremas se extinguir completamente. Para que haja segurança e tranquillidade he necessario que huma das raças extremas se extinga, ou que os membros de huma dellas sejão pouco numerosos, para que se não fação temer. Se a força numerica de cada raça fôr igual, he de absoluta, e fatal necessidade que a raça dominante, continue a opprimir a raça dominada; que se opponha por todas as maneiras ao seu desenvolvimento em todo o sentido; porém póde contar que cedo ou tarde este estado de cousas lhe será funesto. Se porèm os descendentes dos opprimidos são mais numerosos, ou poderem livremente desenvolver-se, e forem admittidos á partilharem todas as vantagens sociaes, as lembranças do passado, podem recordar as antigas injurias e oppressões, e a raça até então dominante se tornará o objecto do ciume e do odio, e por ventura inteiramente despojada de todo o poder, ou mesmo exterminada.

Os povos entre os quaes a população se devide em raças heterogeneas, as vinganças individuaes, ou de familias são terriveis, implacaveis, e passão de geração a geração, até que estejão completamente satisfeitas, ou huma das raças inteiramente destruida. He este hum caracter commum a toda a humanidade, sobre tudo quanto se desconhecem todos os principios de justiça, de huns homens para com outros. E que justiça, ou que idéa de justiça póde haver em hum paiz composto de senhores e de escravos? A vingança que fermenta no coração do escravo he tanto mais energica, quanto mais he obrigado a dessimulal-a. Ora, as injustiças multiplicando-se de dia em dia, e cada individuo sendo testemunha quotidiana das que se pratição com os objectos que lhes são mais caros; quando os crimes se tem accumulado durante seculos, e os obstaculos que tornão os castigos impossiveis acabão por romper-se, a quem causará espanto a violencia das reações e a preserverança com que as raças opprimidas perseguem os seus oppressores? Entre os Romanos, os possuidores d'escravos, para melhor perpetuarem o seu dominio, tinhão o maior cuidado em tornarem brutos a estes escravos, em animarem e recompensarem a delacção. Quando de dominadores, passarão a opprimidos, colherão os fructos que tinhão plantado: os libertos poserão em pratica a seu respeito as lições que tinhão recebido quando erão escravos. Assim se huma parte da população he possuida pela outra a titulo de pro-

priedade os resultados infaliveis são, de huma parte, a tendencia natural ao mando absoluto, ao abuso da força, da outra a disposição a ligar-se a todo o individuo que tentar destruir ou opprimir a raça dominante. Finalmente, o despotismo o mais violento, que enfraqueça ou destrua o poder dos senhores, he hum beneficio para os escravos, e os proletarios. A tendencia pois da maioria da população a arrastra para o estabellecimento do despotismo de hum só; e quando este despotismo se achar firmado, elle se exercerá com a uvidez, a brutalidade, a crueldade, e a estupidez com que os senhores tratão seus escravos. Mas desde já estes males se fazem sentir em parte: á manifestação do mais insolente orgulho para com os que julgão seus inferiores, se ajunta o servilismo, e a baixesa para com os superiores; e assim se reunem os vicios que pertencem á escravidão e á dominação; na qualidade de senhores temos todos os vicios reservados aos despostas, e como cidadãos e subditos, já nos tocão os vicios que imprime a servidão. Mas hum tal estado de cousas, não póde ser eterno, e com effeito cessou a respeito da maior parte das Nações Americanas; agora todos estes vicios se desenvolverão mais amplamente, e a dominação dos senhores huns sobre os outros já começa a sentir-se sem que se possão prever as consequencias futuras. Os mesmos effeitos da escravidão, que tendem ao estabellecimento do despotismo interno, produzem identicos resultados a respeito da dominação estrangeira. A população escrava tendendo a reunir-se a todo o individuo que pertenda opprimir os senhores, tende por mais forte razão a ajudar a huma Nação estrangeira que os queria subjugar. Os escravos não possuindo propriedade alguma, não temem a pilhagem, o despotismo, ou a conquista; para elles Patria, Independencia, Liberdade, são nomes sem significação; ao contrario podem aproveitar-se da desordem para apossarem-se d'alguma fraca porção de riquesas, que seus trabalhos produsirão; he mesmo possivel que seus serviços aos vencedores, sejão recompensados pela liberdade. Em caso algum a sua condicção póde piorar: huma mudança de senhor, em consequencia de huma invazão, não póde ser por elles considerada como huma calamidade superior á que soffrem em consequencia de troca, ou de venda: o seu estado ao muito ficará o mesmo; mas resta-lhe a consolação da vingança, e o espectaculo para elles deleitoso, das miserias que soffrem seus oppressores. Isto bastaria para mostrar quanto he precaria a independencia politica de huma Nação assim composta. Mas quantas outras considerações se não apresentão ao espirito, todas tristes e sinistras! Se huma tal Nação se achar em guerra com huma Potencia estrangeira, em lugar de hum inimigo, póde contar com dois: a Nação que a quer subjugar, e os inimigos caseiros que são os escravos. Será extraordinario que estas duas

especies d'inimigos não estejão d'intelligencia bem depressa: os do interior servirão de espiões e guias aos do exterior e á espera da occasião a mais favoravel para os ajudarem efficazmente. Assim deverão haver ao mesmo tempo dois exercitos; hum que reprima as insurreições dos escravos, e outro que combata o inimigo externo. Mas, como formar dois exercitos, quando hum já será superior ás forças do paiz, pois que a existencia da escravidão se oppoem á propagação e multiplicação da população livre?

He de mais evidente, que huma fraca população disseminada por hum vasto territorio, se oppora difficilmente a huma invasão; a perda de huma só batalha porá todo o paiz á discripção do inimigo. Como formar hum exercito numeroso, e de continuo recrutal-o, sem despovoar Provincias inteiras; quem em tal caso fornecerá os alimentos a tantos homens reunidos, vestimentas, munições e petrexos, se o Paiz não tem industria, nem haverá dinheiro com que pagar ás Nações estrangeiras?

A invasão de hum paiz d'escravos he favorecida não sómente pelas disposições da população escrava, como pela miseria que pesa geralmente sobre todos os individuos, e pela facilidade com que huma nação estrangeira atrahirá ao seu partido os proprietarios arruinados. Não ha hoje guerra entre as Nações modernas, que não exija grandes despesas, e a imposição de novas contribuições; mas se a parte a mais numerosa da população he considerada como propriedade da outra, sobre quem recahirão os impostos? Sobre os proprietarios sem duvida: elles devem fornecer a todas as despesas, e carregarem com todo o peso e todos os riscos da guerra. Mas estas contribuições fornecerão fracos meios; em primeiro lugar porque o numero dos contribuentes he de necessidade limitado; e em segundo lugar, porque a escravidão he hum obstaculo á accumulação de capitaes. De mais o estado de penuria em que se achão habitualmente a maior parte dos proprietarios, os dispõe a serem os instrumentos de toda a potencia que os quizer comprar. Huma tal Nação finalmente, na qual a população laboriosa se compõe d'escravos, he de huma extrema fraquesa em comparação da mais pequena Nação livre. Huma Nação livre em guerra com huma Nação d'escravos, póde dizer-lhe o mesmo que hum Embaixador Russo dizia aos nobres Polacos: Se vos opposerdes ás vontades absolutas do meu governo, farei insurgir os vossos escravos! Do precedente resultão duas tristes verdades: a primeira he que os possuidores d'escravos, estão collocados entre dous inimigos, expondo-se a serem degollados por seus escravos, ou a serem do-

minados pelos estrangeiros: * a segunda he que todas as vezes que se formar huma verdadeira liga entre os inimigos internos, e os externos, não haverão meios humanos de resistencia.

A introducção de novos escravos Africanos, não produzirá outro effeito que o de augmentar estes males, calamidades, e perigos; mas he da sua existencia de que tudo dimana. Em quanto subsistir tal cancro as entranhas da Patria serão dilasceradas. Todos os remedios que se lhe appliquem serão improficuos, huma vez que se não tentem remedios heroicos, que cortem o mal radicalmente. Nem a existencia dos Jornaes, nem a livre introducção das obras philosophicas, e portanto da discussão e do pensamento, nem finalmente a communicação com os estrangeiros, podem neutralisar os funestos resultados da escravidão domestica. Todos estes meios tão poderosos nos paizes livres, tem existido a respeito das Colonias Inglezas, e Hollandezas, e seus effeitos tem sido nullos.

Terminarei este Capitulo dizendo com hum Nacional. † " Eia pois, Legisladores do vasto Imperio do Brasil, basta de dormir: he tempo d'acordar do somno amortecido em que á seculos jazemos. Não póde haver industria segura, e verdadeira, nem agricultura florescente e grande com braços d'escravos viciosos e buçaes. Mostra a experiencia e a rasão que a riquesa só reina onde impera a liberdade e a justiça, e não onde mora o captiveiro e a corrupção. Se o mal está feito, não o augmentemos, multiplicando cada vez mais o numero de nossos inimigos domesticos, d'esses viz escravos que nada tem que perder, antes tudo que esperar de huma revolução como a de S. Domingos. Ouvi os gemidos da cara-Patria: pelejemos denodadamente a favor da rasão e da humanidade, e a favor de nossos proprios interesses. Embora contra nós vive e ronque o egoismo, e a vil cobiça; sua perversa indignação, e seus desentoados gritos sejão para nós novos estimulos de triumpho, seguindo a estrada limpa da verdadeira politica, que he filha da rasão e da verdade. E vós traficante de carne humana, vós senhores injustos e crueis, ouvi

* *Hum facto da historia nacional comprova a toda a luz esta verdade. Quando os Hollandezes invadirão Pernambuco, seduzirão os escravos, e estes cooperarão efficazmente para a exterminação da gente livre, e para a conquista estrangeira. Depois da expulsão dos Hollandezes, foi necessaria fazer-se huma guerra d'exterminação, sanguinia e duradoura, a huma multidão de negros que aproveitando-se das circunstancias se reunirão em hum sitio inacessivel, onde formarão huma especie de Republica. Esta guerra que acabou de assollar o paiz, exigio o emprego de todas as forças, e durou mais de dous annos.*

† *O Sr. José Bonifacio d'Andrade: representação á Ass. Constituinte.*

com rubor e arrependimento, senão tendes Patria, a voz imperiosa da consciencia, e os altos brados da impaciente humanidade; aliás mais cedo talvez do que pensaes, tereis que soffrer terrivelmente da vossa voluntaria cegueira, e ambição, pois o castigo da divindade, se he tardio ás vezes, de certo nunca falta. E qual de vós quererá ser tão obstinado e ignorante que não sinta que o captiveiro perpetuo he não sómente contrario á Religião, e á sam Politica; mas tambem contrario aos vossos futuros interesses, e á vossa tranquillidade pessoal? Generosos Cidadãos do Brazil, que amais a vossa Patria, sabei que sem a abolição total do trafico da escravatura Africana, nunca o Brasil prosperará, nunca firmará a sua Independencia Nacional, segurará, e deffenderá a sua liberal Constituição; nunca aperfeiçoará as raças existentes, nunca formará, como imperiosamente o deve, hum exercito brioso, e huma Marinha florescente. Sem liberdade individual não póde haver moralidade e justiça; e sem estas filhas do Céo, não ha, nem póde haver brio, força, e poder entre as Nações.

CAPITULO III.

Notar detalhadamente as vantagens que tem o serviço de homens livres, sobre o que podem prestar braços captivos forçados ao trabalho.

Para demonstrar detalhadamente estas vantagens, examinarei primeiramente e em geral, a influencia que a escravidão domestica exerce sobre a producção, a accumulação e a destribuição das riquesas; a população, e a existencia da classe media, isto he, a que não possue escravos.

Todas as riquesas que possuem as Nações, provem do trabalho humano combinado com as forças da naturesa. Certamente se o homem não soubesse dirigir as suas forças e as da natureza, não haverião producções, portanto não haverião riquesas, e ainda menos civilisação. De trez maneiras o homem concorre para a producção das riquesas; 1.° pelo desenvolvimento da sua intelligencia, que lhe faz tirar o maior partido possivel da naturesa; 2.° pela habilidade que consegue obter por seus aturados trabalhos, para bem executar as operações que a sua intelligencia concebeu; 3.° finalmente, pelos habitos moraes e phisicos que adquire, e que lhe dão os meios de conservar, fazer crecer, ou dispôr das cousas do modo o mais vantajoso. Estes principios são verdadeiros a respeito

de todas as Nações, porque sem a sua pratica nem'hum povo floresce; examinemos agora o como a escravidão domestica influe sobre esta pratica, nos payzes em que esta peste existe.

Já vimos que o primeiro effeito da escravidão, he o aviltamento absoluto de toda a sorte de trabalhos. Ora, he claro que as classes livres fugirão de toda a profissão industrial, e se absterão d'applicar seus orgãos á producção das couzas necessarias á existencia: portanto a sua acção será nulla para a producção das riquezas.

Identicos rezultados terão lugar relativamente á accumulação das riquezas: julgando-se vis todos os trabalhos, resta a ociozidade; desta nascerão todos os vicios, a avidez dos gosos phisicos de toda a especie, e o amor da dissipação. Ora, como a producção, e o cressimento das riquezas estão na razão composta do trabalho, e da accumulação dos capitaes, he evidente que todas as rendas serão mesquinhas, ou antes consumidas improductivamente.

Quanto aos trabalhos intellectuaes; como elles não podem ser exercidos pelos escravos, na verdade serão reputados menos aviltantes, e talvez sejão cultivados. Mas de que natureza serão taes trabalhos? Os que contribuirem para estender o dominio do homem sobre o homem, he natural recebão algum cultivo e gosem alguma estima; mas os que podem exercer o homem na arte de tornar a natureza productiva, de nem'huma sorte. * Para que serviráõ taes estudos, que só produzirião fadiga, sem proveito, e sem honra? Assim, as faculdades intellectuaes, como as phisicas dos senhores de escravos, de nada servem para a producção, a conservação, e a accumulação das riquezas

Era de crêr, á vista d'isto, que as riquezas dependendo nos payzes d'escravos, dos trabalhos d'esta infortunada população, que ella tivesse parte senão em todas as vantagens, ao menos em algumas; que suas faculdades fossem bem dirigidas, ou que os proprietarios procurassem todos os meios d'interessal-os a favor dos trabalhos que

* *Como testemunhas irrecuzaveis d'esta verdade, offereço o sem numero de Doutores em Leys, que pollulão entre nós; os Medicos, os Militares, Advogados, Rabulas, Procuradores, Jornalistas, Parazitas &c. &c. Mas artistas, agricultores, chimistas, Botanicos, Metalurgistas, onde estão? quantos se contão? Começamos pelo luxo da cevilização, antes de haver cevilização; entre nós a ordem natural está envertida. Com tão poucos seculos d'existencia, já o nosso payz aprezenta o aspecto das Nações caducas ruidas pelo tempo, e pelos abuzos!*

produzem a commum subsistencia. Quem assim pensou, enganou-se completamente!

Para que fim hum escravo fará exforços, ou mesmo desejará apurar suas faculdades? Será para si, seus filhos, ou sua geração? Como nada póde possuir, herdar, ou transmittir, he evidente que elle só procurará evitar a violencia prezente, sem que o futuro lhe dê cuidado. Demais o proprietario persuadido que a sua segurança depende da estupidez dos eseravos, faz todo o possivel para reduzil-os a este estado, sobrecarregando-os de trabalhos que lhes não deixe tempo de reflectirem sobre a sua triste sorte.

Relativamente ás vantagens sociaes, reduzidos ao rigorozo necessario, e nada podendo economizar, toda a intelligencia que lhes resta, he applicada a consumir o mais possivel, e da maneira a mais expedita o que lhes cahe nas mãos; todo o desenvolvimento que póde dar á sua intelligencia, para escapar ás violencias de seu senhor, tornando-se consequente e necessariamente vil, adulador, astuciozo e mentirozo; habitos que facilmente passão aos individuos livres, sobre tudo para os das classes pouco abastadas, que, na necessidade de subsistirem, vivem d'astucia, e baixeza, pois que os ricos, que os empregão, exigem d'elles o mesmo estado d'abjecção a que estão acustumados a exigirem dos escravos desde a infancia. Depois de ter examinado em breves palavras a maneira negativa com que as duas classes extremas concorrem para a producção da riqueza publica, examinarei agora a classe media, isto he, a parte da população laborioza, aquella que mais concorre para a prosperidade geral em todos os payzes.

Reflectindo-se sobre o que disse em outros lugares, póde-se julgar que esta classe d'individuos será igualmente nulla para a producção das riquezas, quando mesmo esta parte da população se possa ornar, o que já vimos não podia acontecer em hum payz d'escravos. Oiça-se ao judiciozo Comte: " Quando os individuos d'esta classe (diz este profundo publicista) não tem meios d'emigrarem, vivem na ociozidade, mendigão ou roubão: aos olhos dos senhores, este genero de vida he menos deshonrozo que o trabalho manual, e mais analogo á maneira com que elles mesmos vivem. Nos payzes explorados por huma população escravizada, os unicos motores das riquezas são os orgãos phisicos dos escravos, destituidos de todo o principio d'intelligencia, e d'actividade, e unicamente estimulados pela acção dos açoutes. Os castigos corporaes podem produzir certos movimentos do corpo, mas não podem crear essa energia que dá huma vontade livre; e quando mesmo se conseguisse creal-a, huma

orça destituida de sagacidade, d'intellegencia, e de moralidade, não pode produzir, e ainda menos conservar as riquezas, por mais energicas que fossem. ,,

Além do desprezo ligado em hum payz d'escravos a todas as occupações industriaes, existe huma outra cauza que muito influe não só contra o aperfeiçoamento das couzas em todo o genero, como contra o estabellecimento, e propagação da classe livre laborioza; he a difficuldade de terem os individuos desta classe hum trabalho constante e regular, que os possa fazer subsistir.

Hum obreiro se acha em concorrencia não com escravos que exercem o mesmo officio, mas com os senhores a quem pertencem estes escravos, e que vivem ociozamente das rendas que delles tirão. Estes concorrentes contão sempre entre os seus iguaes com apoios que o obreiro desprezado nunca póde achar. Assim, se hum obreiro livre não pode emigrar posto entre a vergonha de mendigar, e o desprezo inseparavel das occupações industriaes, prefere quasi sempre o primeiro partido. Se o seu caracter se oppõe á adopção de hum semelhante genero de vida, procura adoptar outro qualquer, ou se trabalha he com vistas em hum avultado salario que em breve o faça entrar na classe dos senhores. Logo que o consegue, adquirindo alguns escravos, cessa immediatamente de trabalhar pelas suas mãos; he hum ocioso de mais; he mais hum pertendente aos lugares publicos.

Estas verdades são inegaveis; nós presenciamos todos os dias estes tristes factos mesmo nas nossas grandes Cidades onde os prejuizos contra os trabalhos braçaes são menos intensos, onde finalmente ha mil meios de ganhar a vida sem que se tema o desprezo de todo o publico. Bem se vê por isto, que essa classe difficilmente se formará em hum payz d'escravatura; mas não se pense que isto só tem lugar entre nós: seria extraordinario que cauzas identicas, não produzissem identicos effeitos em toda a parte em que existe hum tal estado de couzas. Para aprezentar-mos hum exemplo frizante, bastará, citando a Larochefoucault, * dizer, que nos Estados-Unidos, os obreiros livres desapparecem de todos os lugares onde ha escravos, e que a emigração dos primeiros está na razão directa da importação dos segundos.

Em que se occuparão os individuos d'esta classe, em hum payz d'escravos? Os trabalhos da agricultura, as artes, os Officios, a servidão domestica, o serviço das Cidades, tudo he exercido por escravos, sem que os primeiros possão entrar em concorrencia com elles, pela

* *Viagens aos Estados-Unidos da America-Septentrional, pelo Duque de Larochefoucault Liancourt.*

protecção decidida dos senhores, que tem todo o interesse em apartal-os de taes meios de vida. O que lhes resta?

A servidão domestica por mui limitada que seja, não póde dar-lhes meios d'existencia; pois que os escravos são preferidos tanto para certos trabalhos reputados indecorosos a hum homem livre, como porque o habito de maltratar, de mandar despoticamente, não póde convir a hum individuo que tenha em seu coração algum sentimento de pondunor.

He tal a nossa cegueira a este respeito que a alguns miseraveis, que se offerecem para hum tal emprego, reputado o mais indecoroso, só se promette metade do que se costuma dar a hum escravo alugado.

Hum vasto campo se poderia apresentar aos individuos d'esta classe em hum paiz melhor organisado, e onde sobretudo, houvesse mais patriotismo, juizo, e previsão do futuro; fallo dos trabalhos manufactureiros; trabalhos que parecem da sua exclusiva competencia, pois que elles dependem absolutamente da intelligencia e desteridade, que os escravos não tem nem querem ter. Porem, ai de nós! possuidores de quasi todas as materias primas necessarias, de todas as substancias proprias á tinturaria, e ao fabrico de huma infinidade d'objectos, nós apenas possuimos algumas miseraveis manufacturas, que apenas nascem logo morrem, ou vegetão languidamente! * Em que se empregarão as futuras gerações, que a despeito de todos os embaraços, hade infalivelmente crescer? Hade só ser a Nação composta d'escravos, e de empregados publicos, de ricos e de miseraveis? Quantos cabedaes senão consomem improductivamente na Africa, e quantos senão amortisão no paiz, pela compra d'escravos que em breve se inutilisão, ou morrem, e que mesmo são e robustos pouco produzem? Quando outro bem não produzisse a cessação absoluta do commercio d'escravos, o de fazer empregar essas riquesas no paiz, seria por si só inapreciavel. Talvez então a necessidade de empregarem seus capitaes, e navios, determinasse os nossos negociantes a partilharem com os estrangeiros os lucros de hum commercio activo, legal e vantajoso. Se porem estes nossos negociantes, temendo a concorrencia dos estrangeiros, que na verdade mais activos, intelligentes, sobretudo mais moralisados, tem sobre elles muitas vantagens, não se animassem a hum tal commercio; a extagnação de seus fundos, e o amor do ganho os faria sem duvida empregar seus capitaes na prosperidade interna, como construcção de predios, estabellecimentos de fabricas e lavouras, navegação interna ou costeira, e finalmente em tantos outros meios que os recursos de hum paiz novo e vasto offerece aos capitaes, e a industria.

* *Vide o Capitulo* 4.º

Voltando á materia, que tratava, isto he sobre a existencia da classe média, a mais util em hum Estado, porque d'ella dependem os trabalhos mais necessarios á vida, e porque sem ella não poderá haver equilibrio social; diremos que em hum paiz dividido em senhores e escravos, os individuos que não pertencem a huma ou outra destas classes, só poderáõ ter huma existencia precaria, e quasi não podem sahir da indigencia; porque sendo o serviço domestico, os trabalhos do campo, e mesmo as artes exercidas por escravos, só restão aos homens livres alguns trabalhos accidentaes. Sobre o serviço domestico, e das lavouras, não póde haver a menor duvida, pois que claramente o vemos; quanto ás artes, e officios, he claro tambem que lhes não pódem servir de recurso, porque a simples existencia da escravidão se oppõe ao seu desenvolvimento, e porque os senhores tudo monopolizão por meio de seus escravos.

Se estas artes são exercidas em alguma Cidade populoza, he por extrangeiros que, ou em breve se desanimão, ou que apenas tem adquirido alguma pequena fortuna e a retirão para o seu paiz. He ainda necessario destinguir as artes, que momentaneamente pódem exercer os extrangeiros, que o amor do ganho chama a huma terra d'escravatura. A experiencia nos mostra que os unicos extrangeiros artistas, que por algum tempo se conservão no nosso paiz, e depois o abandonão com fortuna, são aquelles que exercem, não alguma arte util, ou necessaria, mas huma arte de luxo. Todo o commentario a este respeito, seria alem de ocioso mui triste para nós.

Mas o que he muito mais triste he, que se hum individuo das classes abastadas, isto he dos proprietarios, cahe na miseria, nunca mais d'ella póde sahir, a não ser por meio de rapinas, ou de hum emprego publico, ou por ambas as cousas, que quasi sempre marchão huma apóz outra.

Em hum paiz assim organisado, a influencia da escravidão produz sobre a classe intermediaria os mais funestos effeitos; os individuos que a compoem são menos emprehendedores, menos robustos, menos esclarecidos, e finalmente menos proprios a converterem hum deserto em paiz cultivado, que o não são os individuos da mesma classe nos outros paizes.

Não se diga que isto procede em grande parte do clima, nem que o calôr torna frouxos os orgãos phisicos.

Bem fria he sem duvida a Russia e a Polonia, e huma parte dos Estados-Unidos; o que se observa n'estas regiões geladas, desmente huma tão errônea opinião.

He nos costumes e nos prejuisos, originados pela escravidão, que deve buscar-se as causas deste phenomeno. Bem quente he a Asia, eb em

laboriosos são os seus habitantes. Adam Smith, * observa que a industria e o trabalho, fogem dos lugares que habita a aristocracia, e que ali a população he por consequencia pobre, preguiçosa, e dissoluta. A causa destes males, he a mesma que existe em gráo mais subido, nos lugares em que existe a escravidão domestica; n'elles, os costumes da classe de que trato, não pódem deixar de participar dos costumes e prejuisos das classes extremas. Assemelhar-se-hão aos senhores na estima da ociosidade, no despreso para com os escravos, e pelos vicios grosseiros, que gera a preguiça; assemelhar-se-hão aos escravos na baixesa relativamente aos ricos, na hypocresia que nasce do sentimento da oppressão, e pela cobardia que gera a convicção da fraquesa.

He agora facil concluir que nem a classe dos proprietarios, ou senhores, nem a dos escravos, e ainda menos a dos proletarios, pódem concorrer para a producção e conservação das riquesas publicas ou particulares; e tanto mais pois que sómente dous ramos de riquesas, e esses mui acanhados, são os unicos campos explorados pelos descendentes dos Europeos na America, isto he a agricultura, e o commercio.

Mas o segundo dependendo absolutamente do primeiro, e este estando atrasadissimo, he claro que nem hum nem outro florescerão muito, e que ao contrario diminuirão todos os dias.

Não he necessario ser grande economista para saber, que hum commercio florescente exige muitos e variados objectos de troca. Ora, se sempre se derem em troca poucos, e imperfeitos generos, o commercio definhará, ou pelo menos, saldadando-se o excedente em mercadorias preciozas, o equilibrio commercial se perderá e virá a ser todo contra a Nação pouco industrioza. Os unicos generos que a maior parte da America exporta consistem em productos agricolas caros, imperfeitos, falsificados, e em pequena quantidade, relativamente aos generos importados. Examinemos agora o estado deste unico ramo com o qual pagamos a segunda necessidade da vida, o *vestir*, e tantos outros generos uteis, ou de mero luxo, sem os quaes já não podemos passar. Mas para mostrar que o seu atrazo nasce da existencia da escravidão, busquemos vêr o que se passa nas outras Nações Americanas, e comecemos por aquella que passa por mais adiantada, mais rica, e mais florescente.

„ Poder-se-hia pensar, diz C. Comte, que o estado de barbaridade a que estão reduzidas todas as artes necessarias á vida, nas Colonias formadas pelos Europeos deva ser attribuido á oppressão que as Metropoles fazião pezar sobre ellas; mas o effeito d'esta oppressão tem sido quasi insensivel, comparado com o que produz a escravidão. Os Estados-

* *Riquesa das Nações*.

Unidos da America gozão, á mais de meio seculo, da independencia a mais completa, e tem de mais a vantagem de possuirem os governos os menos dispendiozos, e a maior liberdade civil, e politica; entretanto nos Estados em que a escravidão se acha estabellecida, existem poucas riquezas e quasi ramo algum d'industria pode ali desenvolver-se. Este phenomeno he tanto mais notavel, pois que todas as artes fazem progressos rapidos nos Estados em que os trabalhos são exercidos por homens livres. ,,

A agricultura he quasi a unica arte exercida nos Estados do Sul, mas as operações deste ramo d'industria, que nestes Estados do Sul, da America-Unida, como entre nós, suave para o pagamento das multiplicadas necessidades que os extrangeiros nos saptisfazem, não são tão numerozas, tão variadas, tão complicadas, como entre os Povos onde não ha escravos; ao contrario são tão simples, e tão pouco numerozas, como de necessidade o exige a intelligencia, e o nem'hum interesse dos escravos. O algodão, o arroz, e o milho são as principaes se não as unicas producções alli cultivadas. Há poucos vegetaes, aliás faceis de cultivar, e os que ha, são caros, e de má qualidade: alli só se conhece de nome a charrua, e o arado; tudo he feito á força de braços. Os Estados do Norte, muito menos ferteis que os do Sul, são com tudo os seus celleiros; elles lhes fornecem quasi todos os generos agricultados, e todos os manufacturados.

A maior parte das arvores fructiferas só são conhecidas pelos seus nomes em certas partes do paiz. Para fazer executar as operações as mais grosseiras da agricultura (como bem o observa o Publicista que acima citamos) alguns açoutes bastão; mas elles são insuficientes, para formarem a intelligencia e a actividade necessaria a hum jardineiro. A arte de criar os animaes he tão pouco conhecida, como arte de lavrar as terras, e cultivar os vegetaes, e as arvores fructiferas. Os animaes vacuns, o principal alimento da população, são em pequeno numero, de má qualidade, sem sabor e carissimos. Tanto mais a população livre e industrioza cresce em hum paiz, tanto mais depressa vão desapparecendo as florestas, e os bosques. Parece por tanto, que os Estados do Norte, trabalhados por homens livres, e com huma muito superior população á dos Estados do Sul, o combustivel, e as madeiras de construcção, devião ser mais raras nos primeiros que nos segundos, e muito mais baratas nos segundos que nos primeiros; e tanto mais pois que o clima dos ultimos sendo muito mais frio, devia-se consumir maior quantidade: mas succede o contrario. O clima da Virginia e o das Carolinas, por exemplo, he quentissimo, e as florestas quasi contiguas ás Cidades e povoações notaveis; entretanto são os Estados do Norte cul-

tivados por mãos livres, que exportão para os do Sul, cultivados por escravos, não só por combustivel necessario, como as madeiras de construcção ; são os mineiros livres da Inglaterra, quem mandão para hum paiz coberto de florestas, o carvão de pedra necessario á consumação. Homens que tem quasi ás suas portas immensas florestas, e que entretanto são obrigados á mandarem vir de fóra as madeiras para a construcção das suas cazas, e o combustivel de uzo ordinario, de absoluta e diaria necessidade ; he de crer não tenhão a capacidade sufficiente para exercérem os officios mechanicos. Assim succede : como não podem fazer vir de Philadelphia, ou de New-York, as cazas já construidas, são obrigados a trazerem com grandes despezas obreiros livres para construil-as. Estes obreiros, para chegarem ao lugar do seu destino, tem muitas vezes centenas de legoas a percorrerem ; para obter-se que vão trabalhar em hum paiz d'escravos, he necessario pagar-lhes as despezas de hida e volta ; he necessario indemnizal-os do desprezo que n'elle se liga ao exercicio das artes e officios, e por consequencia augmentar-lhes o preço dos seus jornaes, muito alem do que ganhão no seu proprio paiz.

Depois de construida huma caza he necessario conserval-a ; mais cedo ou mais tarde ella perciza concerto ; mas os obreiros livres desaparecem immediatamente se terminarão os trabalhos a que forão chamados ; e os escravos cuja imprevizão e falta d'intelligencia, são só proprias a tudo arruinarem, a nada podem dar remedio. Se os vidros se quebrão, se as portas se despedação, se o tecto está a céo aberto, he necessario esperar annos inteiros antes que couza alguma possa ter reparo. Assim ha poucas cazas no interior em bom estado, e acontece algumas vezes ver-se huma meza sumptuozamente servida e cheia de prataria, coberta com hum tecto furado e janellas em que ha dez annos senão poserão vidros.

He necessaria para a construcção dos navios, muito superior intelligencia á que he perciza, para edificar huma caza. He pois quasi inutil dizer, que o pequeno numero de Navios construidos nos portos do Sul, forão feitos por obreiros do Norte. Deve accressentar-se, que os fretes nos primeiros são muito mais caros que nos do Norte, e que por estas duas razões, aquelles quasi não podem ter marinha mercante, entretanto que estes cobrem os mares do globo com os seus vazos.

Os escravos sendo incapazes d'exercerem as artes as mais communs, são por mais forte razão incapazes d'exercerem as que pedem aturados cuidados, intelligencia, e desteridade. Não he pois em hum paiz d'escravos que deve esperar achar-se hum mechanico, hum relojoeiro, hum gravador, e mil outros artistas ; he necessario portanto que

os senhores comprem ao estrangeiro não só huma parte dos seus alimentos, como todos os productos manufacturados.

A maior parte das substancias alimentarias são geralmente muito mais caras nos Estados do Sul, que nos do Norte; os objectos manufacturados o são ainda mais; porque além das despesas de transporte que he necessario pagar de mais, o commercio exige maiores lucros. Os escravos sendo incapazes de terem na cultura das terras, o exercicio, e a intelligencia que só pertencem aos homens livres, os productos que obtem não são, nem podem ser tão consideraveis, nem tão variados. Estes productos são quasi todos da mesma naturesa e não podendo ser consumidos nos mesmos lugares, os senhores só podem obter lucros por meio da exportação, ou das trocas; porque não têm a roda delles huma população industriosa que os consumma. Resulta por tanto, que as terras tem muito menos valor em os paizes cultivados por escravos, que nos paizes cultivados por homens livres; a differença he quasi do dobro. Assim, hum proprietario dos Estados do Sul, que possue huma porção de terra igual em bondade e em extensão á de hum proprietario dos Estados do Norte só tem a metade do rendimento d'este ultimo, e com este rendimento he obrigado a pagar tudo muito mais caro. Accrescentando-se a estas diversas causas de miseria os vicios que a escravidão produz, se ficará convencido ser impossivel não estarem os proprietarios d'escravos de continuo em huma bem triste situação.

Nas Colonias Inglezas, he igualmente a agricultura a unica arte cultivada, assim como nas Francezas, Hespanholas, e entre nós. A maneira d'empregar a charrua e o trabalho dos animaes he ainda desconhecida; só se sabe empregar huma pesada enxada, que apenas póde mover a fraca mão de hum escravo, e que só revolve a superficie da terra. Causa riso, ou antes faz indignação vêr vinte homens occupados, com outros tantos instrumentos, a fazerem o que hum só arado faria mais perfeitamente e com o decimo da despesa!

Os progressos que tem feito a agricultura na maior parte dos Estados Europeos são igualmente ignorados, e recoltas que esterelisão o terreno se succedem sem interrupção e sem repouso.

Este simples facto, incrivel se a experiencia o não attestasse em toda a parte, só por si seria o maior dos argumentos contra a existencia da escravidão. He facto constante que as plantações dos vegetaes que entre nós se manufacturão, como a cana por exemplo, tornão em pouco tempo improductiva a terra, quando he sabido que as terras cansão em breve se senão alternão as plantações; mas que nunca cansão se esta alternação tem lugar de tempos a tempos: he isto hum beneficio da naturesa que quer que os homens tenhão não hum só, mas muitos

e diversos generos d'alimentos. Demais he evidente que tanto mais diversificadas forem as substancias alimentarias vegetaes, tanto mais se aproveitará o terreno, tanto mais recursos terão os povos, e tanto menos soffrerão dos accasos funestos das secas, ou das chuvas excessivas: sendo parte dos vegetaes susceptiveis de resistirem ás secas, e outros a quem não cansão damno as grandes agoas. A ignorancia d'esta verdade entre nós he a causa das derrubadas continuas das florestas, da falta e carestia de madeiras e combustivel que experimentamos, e ao mesmo tempo contribue para que se vão esterilisando ás terras, e que em pouco não hajão nem matas, nem lugares de plantações, e o que pior he nem agoas; porque derrubando-se as arvores sem cuidados nem previsão do futuro, a terra exposta aos raios ardentes do nosso clima no verão, se estilisará tanto mais de pressa, e deixará d'atrair as nuvens e as chuvas; então as agoas se evaporarão na athmosphera, e deixarão de alimentar as fontes e os rios.

" Ao mesmo tempo, diz C. Comte que a ignorancia dos proprietarios e a incapacidade dos escravos os põe na impossibilidade de cultivarem as plantas as mais cummuns, huma successão de recoltas que nunca varião, canção a terra e a tornão cada vez menos propria para dar os productos que se lhes pede. A infertilidade do solo, em toda a parte onde a escravidão está estabelecida, he hum facto tão notorio nas colonias Inglezas e na parte meridional dos Estados Unidos, que não he necessario apresentar provas. Os Colonos da Jamaica solicitarão do Parlamento de Inglaterra huma acrescimo de direitos a favor dos seus assucares, dando por rasão que o não podião mais produzir tão barato, porque o solo, muito fertil quando he novo, he esteril depois de velho. Nas Ilhas de Bahama e em algumas partes da Dominica, huma extenção consideravel de terras n'outro tempo ferteis, se tornarão de tal sorte estereis, que os proprietarios perderão os meios de empregarem e nutrirem os seus escravos. Muitas petições apresentadas, á poucos annos, ao Parlamento Inglez confirmão os mesmos factos. Finalmente, os ultimos viajantes que visitarão o Sul dos Estados Unidos, forão testemunhas do mesmo phenonemo. ,, Quanto a nós, ouções-se as queixas repetidas dos nossos Lavradores, e na grande diminuição que tem sofrido algumas dos nossos generos d'exportação, especialmente o assucar. He maxima dos économistas, que a população cresse até quando as terras já não podem nutril-a. Ora tendo attenção ao territorio do Brazil, territorio de que ainda senão sabem justamente os limites e do qual pelo menos os dois terços ainda estão ermos a população poderia elevar-se (por analogia com que occupa por exemplo huma legua quadrada em outro paiz) de 150 a 200 milhões

d'habitantes; entretanto apenas possuimos 5 a 5,500,000 de individuos de todas as côres e sexos, população dessiminada por muitos centenares de legoas, e parece que a terra já não pode nutrir o trigessimo da população que devia alimentar. Entre nós, já ha povoações arruinadas, e em alguns lugares já se morre de fome! *

Hum outro facto, de que ao depois mostraremos as causas, he que os nossos lavradores a pesar de terem empregados enormes Capitaes, existem todos sobre-carregados de dividas, e quasi todos no estado da mais completa ruina. Estes Capitaes, empregados em outro paiz em identicas empresas, produzirião grandes fortunas, quando entre nós elles não produzem o juro o mais pequeno. E assim deve ser se attendermos a que estes Capitaes são pela maior parte empregados em escravos que de continuo estão sugeitos ás doenças e á morte. A nosso respeito quem não conhece hum só dos nossos proprietarios, he que poderá negar esta verdade; vejamos o que acontece entre os descendentes das outras Nações, na America.

" Vendo-se os trabalhos excessivos que se impoem aos escravos, diz C. Comte, e a miseria a que são condemnados, naturalmente se poderia crêr que os Senhores possuem grandes riquesas; mas não he assim; os neve decimos estão sempre na mais triste situação, e não podem pagar as suas dividas, ainda que hum imposto fortissimo lhe dê d'alguma sorte o monopolio da venda dos seus generos na Inglaterra. Suas vastas possessões não podem quasi pagar as despesas do costeio, e a maior parte não tem meios de saptisfazerem aos seus credores. ,,

O estado das Colonias Francezas he ainda pior, se he possivel, que o das Colonias Inglezas. A população escrava não he menos miseravel, e a classe dos possuidores d'homens ainda he menos abastada. Os escravos que nenhum interesse excita, e que só são movidos pelo temor, entregão-se ao trabalho com extrema repugnancia. Hum viajante que os observou na Martinica, achou que a igual preço, farião apenas a decima parte dos trabalhos que os obreiros executão em França.

Quanto á população, já se terá conhecido pelo que fica dito, que não podendo formar-se huma classe intermediaria, pois que ella não acharia meios de subsistencia, (circunstancia destruidora ou que pelo menos concorre para que se conserve estacionaria) he claro que o seu

* *Era excusado apresentar os exemplos das Villas Diamantinas do Ceará &c. &c.; não fallando nos nossos escravos do Campo que literalmente morrem de fome.*

augmento ou diminuição só terá lugar a respeito das classes extremas, isto he, relativamente aos possuidores e aos possuidos.

A respeito da primeira tudo tende a diminuil-a. Em primeiro lugar se se devem reputar como causas de aniquilação de hum individuo ou de huma raça, os vicios d'esse individuo ou d'essa raça, considerem-se os vicios que de necessidade devem ter os possuidores d'escravos, entregues sem opposição a todos os seus caprixos, e membros de huma sociedade de tal modo organisada, que a ociosidade he considerada como hum dos mais caracteristicos signaes de nobreza e honra. Ora, se da ociosidade se gerão todos os vicios e portanto as enfermidades, e d'estas nasce a deterioção dos orgãos phizicos, he evidente que huma tal raça só póde por crear huma geração abastardada, fraca e languida, e que não tardará a extinguir-se. Em segundo lugar, por mais ricos que sejão certos individuos, se as uniões matrimoniaes forem fecundas, estas riquezas serão repartidas entre os filhos e pelos filhos d'estes filhos, e em certo espaço de tempo se reduzirão a pouco ou nada, se não houverem meios d'augmental-as Porem já vimos, que os individuos d'esta raça não podem contribuir para a augmentação das riquezas, que ao contrario os seus vicios e costumes tendem a dissipal-as improductivamente. Logo os descendentes da raca dos senhores, cahirão pela maior parte na miseria, ou exercitarão huma arte, officio ou profissão; o que de certo não farão: 1.° porque isto seria deshonrar illustres avós; 2.° por que, ainda que as quizessem exercitar, os meios de existencia serião precarios, e porque então cahirião na classe intermediaria; classe, que como já vimos, não póde formar-se nem subsistir, havendo escravos.

Notando-se os embaraços que se oppõe ao crescimento das riquesas e das diversas classes da população, he facil concluir-se que, nos paizes em que todos os trabalhos são executados por escravos, as riquesas crescerão com huma extrema lentidão, e a população multiplicará de huma maneira ainda mais lenta; muitas vezes a população e as riquesas decrescerão simultaneamente. Os Estados que formão a união Americana, nos fornecem o melhor exemplo em confirmação d'estas verdades. Nos Estados do Norte, em que os trabalhos são executados por mãos livres, as riquesas e a população se multiplicão com huma rapidez de que não existe exemplo em Nação alguma; não somente o numero d'individuos cresce rapidamente em cada Estado, porem mesmo os Estados livres tendem a multiplicar-se. Nos do Sul ao contrario, a população e as riquesas deminuem; a população pela falta dos braços que constantemente emigrão, e as riquesas pela falta de braços: Segue-se d'isto que mais hirão pros-

perando os Americanos dos Estados do Norte, mais pobres e menos importantes hirão ficando os do Sul.

Ora, voltando ainda á raça dos possuidores, vê-se que os meios de empregar as gerações futuras só lhes offerece o aspecto o mais triste. As proffissões são limitidas, se ellas quizessem empregar-se n'ellas; o commercio he tambem limitado e demais exige capitaes; e os empregos publicos somente poderão occupar alguns milheiros d'individuos, por mais que hum governo de patronato os multiplique. Em que se occupará o restante?

Agora he facil conhecer qual será o augmento de huma raça condemnada em grande parte á miseria. Cheia de vicios e prejuisos, sem meios de nutrir huma familia, que augmento de população poderá produzir huma tal raça? Tudo tende ao contrario a augmentar a raça possuida.

Nos Estados em que a escravidão domestica não he admittida, o temor de cahir em miseria excessiva, he hum obstaculo ao crescimento da população em disproporção com os meios de existencia. A maior parte dos creados de servir, e mesmo a maior parte dos obreiros, condemnão-se voluntariamente ao celibato, porque não terião meios de sustentar huma familia. Mas quando estes obreiros e domesticos são propriedades dos senhores, e não temem que os despeção, se tem filhos; a seus senhores competem as despesas da sua creação, a sua sustenção e a de suas familias. He necessario portanto que os proprietarios fiquem sobrecarregados com todas as despesas das familias legitimas ou não, e demais privados do serviço das mulheres, durante a sua prenhez. Os senhores se achão portanto na alternativa de recorrerem a violencia para restringirem a multiplicação dos filhos dos seus escravos, ou de verem crescer huma população inimiga que absorve as suas rendas e que ao mesmo tempo ameaça a sua existencia.

Felizmente, graças ás tyranias costumadas, esta malfadada raça diminue todos os dias, bem longe d'augmentar. Esta diminuição seria ainda mais sensivel senão houvesse a continuada importação de novos infelizes. Calcule-se por analogia (ainda que os dados faltem para hum tal calculo, em hum Paiz que não possue os primeiros elementos de Statistica); calcule-se, digo, o grandissimo numero de crioulos, que deverião haver, se os individuos, transportados da Africa, tivessem multiplicado mediocremente á quasi trez seculos. São taes os tratamentos dados aos individuos da raça preta entre nós, que em huma fasenda de 400 ou 600 escravos, apenas se contão de 40 ou 50 crioulos, descendentes de trez ou quatro gerações! Este simples facto, mostra a toda a luz, a espantosa diminuição de huma raça alias fecundissima.

Ainda existe huma outra fatal alternativa para os proprietarios d'es-

cravos, que os considerão como a mina das suas riquesas, se continuarem a tratal-os como costumão, e cessando a importação, verão em breve destruhidas essas fontes de riquesa; se pelo contrario adoçarem a sorte dos escravos, na verdade o seu numero se augmentará; mas então os proprietarios terão a temer hum grande perigo, o de verem multiplicar esta parte da população em huma proporção tal, que a sua segurança ficará cada vez mais comprometida, e tanto mais pois que tudo tende a diminuir a população branca.

Se algum quizesse fazer hum calculo da inumeravel quantidade d'individuos que o commercio d'escravos tem consumido, ficaria horrorisado da immensidade dos crimes commettidos pelos especuladores de semelhante commercio. Hum tal calculo entre nós seria impossivel, já não digo em relação ao tempo passado, mas ao tempo presente: tal tem sido e tal he a nossa incuria! * Porem lance-se hum golpe de vista sobre o grandissimo numero d'Africanos importados para todo o Brasil á trez seculos, compare-se com a actual população, e conhecer-se-há quantos milhões d'individuos d'esta raça tem perecido. Para fazer-se huma idéa aproximada, note-se o que diz C. Comte, a respeito de S. Domingos, hoje Republica do Haiti.

" No tempo em que a Ilha de S. Domingos era possuida por homens da raça Europea, a perda dos individuos possuidos chegava todos os annos a hum vigessimo, e os accidentes a fazião subir á decima quinta parte. Assim os possuidores d'homens d'esta Colonia fundavão a sua renda sobre o destruhição annual de trinta mil cento e trinta pessoas, e sobre os suplicios e privações que soffrião quatro centas e cincoenta mil. No decurso de hum seculo, o numero de seres humanos destruidos, subia portanto a mais de trez milhões, sem contar hum numero ao menos igual de individuos que era necessario massacrar na costa d'Africa, para

* *He impossivel, diz C. Comte, avaluar os effeitos que a escravidão produz no Brasil, sobre o crescimento e o decrescimento da população. Esta região he tão vasta, e as trez raças principaes, que n'ella existem, tão diversamente repartidas pelo territorio, que seria necessario fazer hum exame particular de cada Provincia, e a respeito de muitas faltarião documentos.* ,,

Raynal, Humboldt e Cook, avalião tão contradictoriamente a população do Brasil livre ou escrava, que bem se conhece o grande segredo que o Governo Portuguez guardava a respeito das suas colonias. Mas agora, nada desculpa o desleixo em tudo o que diz respeito á sciencia Estadistica.

obter-se completo o numero d'escravos. S. Domingião, dizião, era a Rainha das Colonias. ,,

A sorte domestica dos escravos depende do genero de trabalhos que tem a executar e das subsistencias; e estas circunstancias varião com a posição e a natureza do solo, e com as relações commerciaes. A sua sorte depende igualmente da facilidade que tem os senhores em prehencherem os que a miseria e os mais tratamentos fazem perecer; facilidade que os governos diminuem ou augmentão, conforme protejem ou reprimem o commercio d'escravos. Não se deve pois julgar do decrescimento da população escrava em todas as Colonias, pelo que se disse a respeito de S. Domingos.

As Colonias Inglezas, nas quaes as producções são analogas ás que dava S. Domingos, o decrescimento he ainda mais rapido. Este decrescimento diminuio muito, depois que o governo da Metropole restringio o poder dos senhores, e principalmente depois da abolição do commercio. Entretanto taes são os inconvenientes da escravidão, que, mesmo depois d'esta epocha, a população escrava continuou a diminuir. Agora que o Governo Inglez abolio inteiramente a escravidão, ou estas Colonias cessarão d'existir, se os actuaes negros continuarem a habital-as, ou não terão rivaes se forem cultivadas por homens livres da Europa.

Em geral, o numero dos escravos cresce de huma maneira muito mais rapida, que a dos senhores; entretanto o crescimento não he uniforme em todos os casos. Muitas causas contribuem para estas variações; as principaes são as alforrias, e a importação de hum maior ou menor numero d'escravos. Se por circunstancias accidentaes, o numero dos Libertos he mais consideravel em hum anno, que n'outro, o numero dos livres parece crescer em huma proporção mais rapida que o dos escravos; da mesma sorte, se circunstancias extraordinarias favorecem a importação dos escravos, estes parecem multiplicar-se mais rapidamente que os homens livres. No primeiro caso, não he a raça dos senhores que augmenta, ainda que o numero dos livres multiplique; he de alguma sorte huma classe media que sahe de huma e outra, e que participa das qualidades e dos vicios d'ambas, mas que não póde subsistir muito tempo.

A base principal de hum calculo do augmento da população escrava, seria este: se o trabalho de 20 escravos he necessario para fazer viver hum branco proprietario, esta ultima raça não póde augmentar como 10, sem que a dos negros augmente como 200. Se este augmento não for n'esta proporção, seria necessario então que os senhores consumissem menos riquezas, ou se occupassem em algum genero de trabalho, o que os degradaria segundo as suas idéas: se finalmente se formassem grandes fortunas, o numero dos escravos deveria augmentar muito mais rapida-

mente; pois que, mais hum individuo consome riquezas, mais mãos são necessarias para produzil-as.

Depois de ter demonstrado em geral o quanto a existencia da escravidão domestica he contraria á prosperidade geral, deligenciarei demonstrar detalhadamente não só a differença que ha entre os trabalhos de hum homem livre e de hum escravo, como o pouco interesse que este ultimo dá aos seus proprietarios, ou antes os prejuizos que hirão sempre em augmento á porporção que a população escrava for crescendo, e que tudo se for tornando mais caro.

Para bem demonstrar estes theoremas he necessario considerar a differença que existe entre os trabalhos e os jornaes de hum homem livre e os de hum escravo; a naturesa dos serviços domesticos que ambos prestão; os lucros que podem porvir aos proprietarios da amortisação dos capitaes empregados em escravos, e calcular a differença vantajosa que haveria a seu favor se fossem empregados braços livres.

Consideremos, em primeiro lugar, a differença que existe entre os trabalhos e os jornaes de hum homem livre e os de hum escravo. O trabalho executado por escravos, he menos dispendioso que o executado por homens livres? A solução d'esta questão depende d'est'outra, isto he, se os homens que concorrem para a producção das riquezas tão simples machinas, que hum pequeno numero d'ociosos póde arbitrariamente dirigir, accelerar ou fazer parar a vontade, e que tanto mais valor terão quanto menos diminuirem das riquezas que produzem. Mas se considerarmos os escravos e os senhores como creaturas humanas, então a questão se reduz a saber, se o trabalho que hum homem obtem de muitos outros, lhe custaria mais caro dilacerando-lhe o corpo ou pagando-lhe hum justo salario.

Se se quizer comparar ao justo o valor do trabalho executado por homens livres com o valor do trabalho executado por homens escravos, ver-se-há que não se póde estabelecer a tal respeito paralello algum. Entre duas cousas que se comparão, he necessario que haja huma terceira a que se refirão. Mas qual será este terceiro termo de comparação entre hum individuo privado de tudo, e hum outro senhor absoluto da sua vontade, e a quem portanto nada falta em sentido moral? A relação seria a do infinito. Bem se vê portanto que, huma tal comparação só se póde fazer até certo ponto, e de huma maneira mui arbitraria

Para fazer hum tal paralello, he necessario comparar em geral, não as riquezas produzidas em hum paiz onde a escravidão he incognita e as riquezas produzidas em outro, em que existe a escravidão; mas comparar n'este ultimo o valor e a preferencia que individuos da raça proprietaria dão aos trabalhos de hum homem livre sobre os de hum escra-

vo. Se os jornaes de hum homem livre forem sempre maiores que os de hum escravo, claro fica que os trabalhos do 1.° são reputados superiores aos do 2.° Vejamos o que acontece nos outros paizes, em identicas circunstancias ás do nosso: o que se disser a respeito d'elles, coincidirá com o que existe entre nós. No Cabo da Boa-Esperança, hum escravo he alugado á rasão de dous schellings por dia, e hum obreiro livre por cinco ou seis schellings. Segundo Barrow * esta caresa do trabalho he o maior obstaculo que se oppõe aos progressos da Colonia, nem se póde esperar grandes melhoramentos, huma vez que se não achem meios d'augmentar a quantidade de trabalho, e diminuir o preço da mão d'obra.

Nos Estados Sul da Federação Americana, a mão d'obra he ainda mais cara que no Cabo da Boa-Esperança. Hum obreiro branco, de qualquer officio, ganha duas piastras por dia, entretanto que em identicas circunstancias hum obreiro só ganha metade em New-York, onde não ha escravos. Este alto preço da mão d'obra, he a causa dos inconvenientes que já apontamos, isto he, não permitte que os habitantes tenhão madeiras ou combustiveis em hum paiz coberto de florestas; achão mais barato comprar tudo aos Estados do Norte, e o carvão de pedra que lhe vem de Inglaterra por grande preço. He á mesma carestia da mão d'obra, que se deve attribuir o subido valor da maior parte das cousas necessarias á vida, e a preferencia que se dá a tudo quanto vem de fóra sobre o que o paiz produz. He demais evidente, que sendo as terras muito mais baratas nos paizes d'escravos, do que nos paizes onde os não ha, o preço excessivo da maior parte dos productos agricolas só póde originar-se da caresa da mão d'obra.

No Maryland, o jornal de hum homem livre, vale tres vezes o de hum escravo. Na Luisiana, onde os obreiros livres são mui raros, por que cessão de trabalhar logo que adquirem meios de comprar hum escravo que trabalhe por elles, a mão d'obra he ainda mais cara. Hum senhor que possue hum bom escravo, o aluga á razão de 20 ou 30 piastras por mez; mas como o trabalho de hum obreiro livre vale duas ou tres vezes mais, he facil calcular porque preço se executão taes trabalhos. D'isto nasce a raridade dos legumes e o seu excessivo preço; porque a careza da mão d'obra obriga os possuidores das terras a desprezarem os detalhes da economia agricola e a renunciarem á multiplicação dos generos.

" A differença do preço da mão d'obra nos Estados Unidos, entre os Estados que possuem escravos, e os que os não tem, se manifesta ao

* *Barrow, viajem á Africa, Tomo* 2.°

simples aspecto do Paiz. * Nos Estados do Norte onde obreiros livres cultivão a terra, as florestas desapparecem com rapidez, e os campos se cobrem de cultivadores; nos Estados do Sul, em que todos os trabalhos são executados por escravos, as novas plantações são feitas com a maior lentidão; nos primeiros os possuidores de terras tirão lucros mais ou menos consideraveis, depois de terem pago o preço da mão d'obra; nos segundos as despezas igualão ou excedem o valor dos productos. ,,

Segundo Humbold, no Mexico, onde não ha senão poucos escravos, os obreiros livres que trabalhão nas Minas ganhão pouco mais ou menos quatro mil réis da nossa moeda por semana, e os que se empregão quer nos trabalhos do campo quer em outros serviços, ganhão apenas duas ou quatro patacas por semana. No Valle d'*Aragna*, onde todos os trabalhos são executados por homens livres, e onde se planta e manufactura o assucar, o anil e o algodão, a mão d'obra não excede a quatro ou cinco piastras por mez, sem os alimentos, que são mui abundantes; a mão d'obra, neste paiz segundo C. Comte, he mais barata do que em França. O mesmo acontece nas outras colonias Europêas; e póde affirmar-se, sem temor de contradicção, que os preços da mão d'obra estão na razão directa do numero d'escravos. Além de outras duas circunstancias, oriundas da existencia da escravidão domestica, fazem com que este mal subsista em toda a sua força. A primeira he o estado precario da população laboriosa não escrava, que lhe faz exigir pelos seus trabalhos hum salario fóra de todo o termo, contando que em todos os casos, em que taes trabalhos não exigirem intelligencia e dexteridade os senhores empregarão exclusivamente os escravos; a segunda provêm d'esta mesma intelligencia, que os faz preferir aos escravos em todas as occasiões de que dependão imperiosamente. A persuasão de que em certos e determinados trabalhos serão preferidos, e não contando com trabalhos aturados e permanentes que lhes assegure huma subsistencia certa, todas estas circunstancias os faz exigir avultados salarios.

Vê-se pois que hum tal estado de cousas durará em quanto houver grande numero d'escravos; e tanto maior será o mal quanto maior fôr a sua importação da Africa. He necessario notar que nós nos achamos em circunstancias mais desfavoraveis, que as outras colonias, depois da Independencia. Das trez grandes divisões do Novo-Mundo, duas, que são os Estados-Unidos e as Republicas da America Hespanhola, tem parte do seu territorio explorado por escravos e a outra parte por mãos livres. A influencia da parte cultivada por mãos livres atenúa estes males; e demais o commercio d'escravos já cessou á muito tempo. As outras

* *Veja-se Larochefaucault. Viag. á Am. Lep., segunda parte.*

colonias, que os Europeos ainda possuem quer no continente quer nas Ilhas da America, achando-se debaixo do dominio das Metropoles, o espirito d'estas metropoles tambem contribue para atenuar estes males; e alem d'isto a recente abolição da escravidão nas colonias Inglezas, que he a parte a mais consideravel das colonias que restão aos Europeos, cortará o mal pela raiz. Mas ai de nós! Abandonados a nós mesmos, sem que nada modifique os males e inconvenientes da escravidão, qual será o futuro que nos aguarda, que mão toda poderosa nos salvará da ruina, eminente que de continuo nos ameaça! " Se os senhores de terras, (diz hum Nacional que observou as nossas cousas á muito tempo,, * não tivessem huma multidão demasiada d'escravos, elles mesmos aproveitarião terras já abertas e livres de matos, que hoje jazem abandonadas como maninhas. Nossas matas preciosas em madeiras de construcção civil e nautica, não serião destruidas pelo machado assassino de negro, e pelas chamas devastadoras da ignorancia. Os cumes das nossas serras, fontes perennes d'humidade e fertilidade para as terras baixas, e de circulação electrica, não estarião escalvados e tostados pelos ardentes raios do nosso clima. He pois evidente, que se a agricultura se fizer com os braços livres dos pequenos proprietarios, ou por jornaleiros, por necessidade e interesse serão aproveitadas essas terras, mormente nas visinhanças das grandes povoações, onde se acha sempre hum mercado certo, prompto e proveitoso, e d'este modo se conservarão como herança sagrada para a nossa posteridade, as antigas matas virgens, que pela sua frondosidade caracterisão o nosso bello paiz. ,,

Não se pense, repetimos, que o clima influa de nen'huma sorte sobre os productos e a industria. Bastaria citar em confirmação d'esta verdade, a India, cujo clima he ainda mais quente que o das nossas Provincias do Norte, e infinitamente mais que as do Sul. Apesar do despotismo civil e religioso, que pesa sobre os habitantes d'esta parte do globo, apesar da pessima divisão da população em castas, todo o mundo sabe que esta região he huma das mais ricas do globo. Os generos chamados Coloniaes e sobretudo o assucar, cuja plantação e manipulação he a mais laboriosa, já rivalisa com o da America, e seus habitantes não se queixão da esterilidade das terras, alias cultivadas de tempos immemoriaes. A Conchinchina dá hoje, proporções guardadas, quasi tanto assucar como toda a America Meridional, e entretanto esta Peninsula apenas poderá ter tanto territorio, como duas das nossas mais pequenas Provincias: †.

* *O Sr. José B. d'A. e Silva, já citado. Rep. á Ap. Grant.*

† *Veja-se a obra de Poivre. Este viajante diz, que em* 1750, *ja se exportavão* 40,000 *pipas de assucar, a* 2,000 *libras cada huma, que for-*

Note-se mais, que alem dos productos agricolas, a Asia manufactura toda a especie de generos, e que a sua população póde ser comparada segundo a expressão de huma viajante, aos grãos d'arêa do mar.

Depois de saber-se o alto valor que se dá nos differentes paizes da America aos trabalhos dos homens livres sobre os dos escravos, não se póde dizer que a differença do preço provem da differença dos climas ou dos generos de cultura; porque, se por exemplo, o Mexico, que quasi não tem escravos, produz todos os generos da Europa, produz tambem todos os generos que crescem debaixo dos tropicos. Ora, notando-se taes resultados, nem o mais cego deixará de vêr, que se os proprietarios, que fazem cultivar as suas terras por escravos, não estão ja completamente arruinados, infallivelmente o estarão pelo decurso do tempo.

" Não se pense, diz C. Comte, que he á differença do clima do Sul ou do clima do Norte, nem tão pouco á differença que ha entre os homens brancos e os homens pretos, que se deve attribuir este phenomeno. Os Hespanhoes que nunca tiverão escravos, e gosarão de alguma liberdade, se mostrão sob a Zona torrida sóbrios, intelligentes, activos e industriosos como os Anglos-Americanos do Norte. Elles provão e provarão todos os dias mais, que os generos dos Tropicos podem ser cultivados por homens livres, ainda melhor que por escravos. Já vimos em outra parte, que os phenomenos produzidos pela escravidão debaixo da Zona torrida, se manifestarão nos climas os mais temperados, logo que os Romanos alli introduzirão hum regimen analogo ao que existe hoje nos estabelecimentos da America; entretanto estes obreiros e cultivadores pertencião então á mesma raça, que os senhores. No Norte da Europa, onde a escravidão existe ainda, os escravos e os senhores são da mesma especie, e nem huns nem outros estão enervados pelo excesso do calor; com tudo a escravidão alli produz exactamente todos os effeitos que observamos nos outros paizes; n'elles existem os

nece a toda a China por modico preço e já chega á Europa. Os estabelecimentos Inglezes de Calcutá e outros, ja dão huma immensidade de assucar e caffé, e lá não ha escravos. Quando o assucar da India chegou á Inglaterra e entrou em concorrencia com o das colonias da mesma Nação, foi necessario estabelecer hum enorme imposto d'entrada para proteger a venda do segundo. Entretanto os methodos empregados pelos cultivadores da India, são muito grosseiros em comparação dos que se usão nas colonias Inglezas e mesmo entre nós. Elles não conhecem nenhuma das maquinas que a industria Europea introdusio na America, e he sem contradicção infinitamente mais caro o transporte do assucar da India á Europa, do que da America á Europa.

mesmos prejuizos, a mesma ignorancia, os mesmos vicios e a mesma miseria: os senhores Russos que libertarão seus escravos e fizerão cultivar as suas terras por mãos livres, dobrarão as suas rendas. ,,

Vamos agora vêr os lucros que dão aos proprietarios, esses enormes cabedaes amortisados na compra de homens, que estão de continuo sugeitos ás enfermidades, a accidentes de toda a especie, e finalmente á morte. Quem não convirá com o escriptor Nacional, que por vezes temos citado, que a lavoura do Brasil feita por braços boçaes e preguiçosos, não dá os lucros, com que homens ignorantes e fanaticos se illudem? Se calcular-mos, diz elle, o custo annual da acquizição do terreno, os capitaes empregados nos escravos que o devem cultivar, o valor dos instrumentos ruraes com que deve trabalhar cada hum d'estes escravos, sustento e vestuario, molestias reaes e affectadas e seu curativo as mortes numerosas, filhas dos máos tratamentos e da desesperação, as repetidas fugidas nos quilombos e nos matos, claro fica, que o lucro da lavoura deve ser pequeno no Brasil, ainda apesar da prodigiosa fertilidade do terreno, como mostra a experiencia. No Brasil, a renda dos predios rusticos não depende da extensão e valor do terreno, nem dos braços que o cultivão, mas sim da méra industria e intelligencia do lavrador. Hum senhor de terras he de facto pobrissimo, se pela sua ignorancia e desmazelo não sabe tirar proveito da fertilidade da sua terra, e dos braços que n'ella emprega. Desejaria para seu bem, que os possuidores de grande escravatura conhecessem que a prohibição do trafico de carne humana os fará mais ricos; porque seus escravos actuaes virão então a ter mais valor, e serão por interesse seu mais bem tratados; os senhores promoverão os casamentos, e estes a população. Os fôrros augmentados, para ganharem a vida, aforarão porções de terras descobertas ou taperas, que hoje nada valem. Os bens ruraes serão estaveis, e a renda da terra não se confundirá com o trabalho e a industria individual .,,

Examinemos agora o interesse real que provem ao proprietario do emprego dos seus cabedaes em escravos.

Pois que todo o capital empregado requer hum juro, sem o qual este capital se consumirá em breve tempo, he necessario saber que especie de juro deve render huma quantia que se empregou em hum escravo; demais, todo o Capital posto em giro, deve obter hum juro proporcionado ao risco, que corre. Qual deve ser este juro, quando o capital está empregado em objecto sugeito a aniquilar-se de hum instante para outro? O juro ordinario certamente não, nem tão pouco o que se poderia obter empregando huma certa quantia em hum Commercio activo; mas o que se costuma dar pelo seguro de vida. Devia portanto o

proprietario de hum escravo calcular pela receita, despesa e lucro liquido, se a quantia que empregou na compra do seu semelhante, lhe rende hum juro tal. Porem se se calculasse o rendimento de hum escravo por tal juro, certamente este calculo pareceria exagerado, fóra de toda a proporção, e sem attenção aos diversos serviços em que póde ser empregado hum escravo.

He necessario convir ignorar-mos quanto póde render provavelmente hum escravo, empregado nos trabalhos agricolas. Entre nós ninguem se tem occupado n'estes detalhes de economia, que alias muito nos devião interessar; demais as difficuldades serião grandes, porque com igual numero d'escravos os rendimentos são mais ou menos consideraveis, conforme a habilidade e a experiencia dos que os empregão, conforme a maior ou menor porção de trabalho que fizerem estes escravos (e isto depende do seu estado phizico), e tantas outras circunstancias mui variaveis. Mas pode saber-se independentemente d'este conhecimento, que as rendas de huma grande lavoura são quasi nullas, se attendermos a que maior parte dos nossos agricultores, pelo menos os que manufacturão assucar, estão individados, quasi sempre muito alem do valor da manufactura. As causas d'este estado de ruinas são óbvias. Escravos sem habilidade, sem intelligencia, maltratados, nús e mal nutridos, quando mesmo tivessem muito interesse, o que não existe, pela augmentação das riquezas de seu senhor, todas estas causas tornarião quasi nullas as rendas.

Já vimos que hum escravo não póde ter interesse algum pelos trabalhos a que forçadamente o obrigão; que procura consumir e deteriorar tudo o que póde e da maneira a mais prompta; e que se tem algum interesse he na ruina de seu senhor. Assim examinando-se a utilidade que pódem prestar os escravos aos interesses dos proprietarios, comparada a todo outro meio de trabalho, achar-se-ha que não tem realidade alguma. He necessario que elles nutrão e vistão mal ou bem a todos, velhos, mulheres, crianças, doentes e sãos; he necessario que lhes dê caza, cama, remedios, e tantas outras cousas necessarias á existencia; e isto por mui mesquinho que pareça a respeito de hum só individuo, avulta a respeito de muitos. * He necessario de mais que lhe compre

* *Quando trato da nutrição e vestuario dos escravos, faço abstração das especulações incriveis, que fazem os nossos fasendeiros, para obterem o maior lucro com a menor despesa possivel. Quem tem visto algumas das nossas grandes fasendas sabem até d'onde chega a avaresa dos proprietarios e a sua deshumanidade, sem calcularem os seus verdadeiros interesses.*

O maior castigo da avaresa nasce dos errados calculos que faz o pro-

instrumentos oratorios, que sem cessar devem ser renovados; he necessario contar com o numero de mortos de todo o sexo e idade, as fugidas, os deboxes e vicios inherentes aos escravos. Reuna se a tudo isto o valor dos escravos actuaes, e os que são percisos para supprir os que morrem ou desaparecem, o valor do terreno, utencilios, maquinas &c., e demais note-se que o proprietario he obrigado a carregar com a subsistencia, vestimenta, cura, e tantos outros objectos de despesa constante; e veja-se no fim do anno quanto fica de lucro.

Hum homem que possue 80 ou 100 infelizes, apenas póde contar com 30 ou 40 para o trabalho diario: he necessario que se meta tambem esta falta em calculo, e considera-se que este dado não he dos menos importantes.

Hum senhor d'Engenho que tem empregado em escravos, terras e maquinas, hum capital de 600 a 800.000 crusados, apenas póde contar com huma renda precaria de 12 a 15 mil crusados annuaes, que as despesas consomem e as veses excedem. De anno a anno as dividas se accumulão a aponto que em pouco tempo ellas excedem ao valor da propriedade. Muitos pensão que a não ser essa lei absurda que autho-

prio avarento. Se de escravos mortos á fome e nús, se póde tirar alguns beneficios, os nossos proprietarios que o digão; porque, apesar de parecer á primeira vista que avultadas deverião ser as rendas, sem que se dispenda hum só real com a sustentação dos escravos, comtudo ellas são tão mesquinhas que apenas chegão para a miseravel subsistencia do proprietario e sua familia.

Os escravos das fasendas se sustentão e vestem, ou á custa do dono, do que se chama Tamina, *ou à sua propria custa dando lhe os proprietarios alguma porção de terra a cultivarem e os sabbados para trabalharem por sua propria conta. Bem se vê que meios devem adquirir os pretos, para se sustentarem a si e suas familias, trabalhando sómente nos Sabbados, Domingos e Dias Santos de Guarda, quando ja estão sobrecarregados todos os outros dias com trabalhos pesadissimos, e attendendo-se á sua frouxidão e incuria natural. Com tudo he tão mizeravel a tal* Tamina, *que consta de mesquinhos e insalubres alimentos, que os escravos preferem o primeiro partido, quazi sempre superior ás suas forças. Por isto se poderá julgar da maneira com que estes infelises são tratados, e do interesse que pódem produzir a seus senhores.*

He proverbio no Brasil, e especialmente no Norte: — senhor d'Engenho, morto de fome, cheio d'empenho. — *Este proverbio pinta bem o estado da nossa agricultura e dos nossos agricultores.*

risava o calote e a má fe, e que felizmente a nossa constituição abolio, já á muito não haverião grandes Engenhos no Brasil; mal que apenas causaria hum abalo momentaneo, e talvez restabalecesse o credito de muitos dos nossos generos desacreditados na Europa. * Se tal acontecesse, he natural que essas propriedades Colossaes, que absorvem mais de hum terço do nosso territorio conhecido, se devidissem em pequenas porções que occuparião huma multidão de pequenos proprietarios; e então os productos e a população crescerião de hum maneira espantosa.

Inumeraveis familias vivem no Brasil sem possuirem hum palmo de terra, e algumas outras possuem centenares de legoas, infructiferas para seus donos, mas onde não consentem que o pobre tire se quer huma raiz, quando alias a experiencia e o raciocinio deverá mostrar a estes grandes proprietarios, que terras aforadas a muitos individuos, que lhes pagassem huma certa quantia, seria para elles huma mina inexaurivel, huma certa e segura renda, mesmo sem alienarem ou consumirem os seus capitaes empregados n'estas terras.

No Norte do Brasil, os Engenhos mais floressentes saõ aquelles que tem maior numero de Lavrodores, isto he, individuos que cultivão huma parte das terras devolutas com seus proprios braços e de suas familias, e repartem com os proprietarios os productos das suas pequenas plantações.

Se em lugar dos braços de escravos, comprados por alto preço, capital e juro que a morte em hum instante extingue, fossem empregados braços livres, calcule-se a diminuiçaõ das despesas, mesmo na hypothese de que as grandes propriedades se conservassem intactas.

Fasendo abstração da differença do trabalho de huns e outros, e suppondo que estes trabalhos são iguaes homem por homem; note-se em primeiro lugar, que a acquisição de taes trabalhadores nada custou ao que os emprega; em seguudo lugar nada tem a dispender o proprietario com o curativo d'estes operarios e suas familias, comer, vestir, &c. salvo se houver ajuste a tal respeito; o que então deve entrar em linha de

* *Ninguem ignora as fraudes que tem desacreditado trez dos nossos principaes generos, o assucar, o algodão, e o anil. No anil ajuntão-lhe humas pedras verdes, para augmentar-lhe o peso; no assucar misturão-lhe diversas qualidades inferiores, e alguma terra ou arêa, e vendem-no como qualidade superior; e nos fardos d'algodão lhe lançõo pedras e ferros pesados. Os effeitos que estas fraudes tem produsido são patentes; os estrangeiros nos tratão de immoraes, e vão buscal-os a outra parte.*

conta nos salarios; se morrem, nada perde o proprietario; se casão e estes matrimonios são fecundos, isto he indifferente para o proprietario, que não vê crescer consumidores não productores e huma raça inimiga, mas huma população de obreiros laboriosos que prehencherão para o futuro as faltas de seus Paes.

Reduz-se portanto toda a despesa aos salarios mais ou menos avultados, que exigirem estes trabalhadores, e dos quaes se descontarão outras despesas, se as houverem.

Mas ha ainda huma outra causa de grande economia para os proprietarios, e he que não fica sobrecarregado todo o anno com huma multidão d'individuos, que he necessario nutrir, vestir, curar &c. &c.

Acabados os trabalhos para que forão chamados, os obreiros são despedidos, e eis hum objecto de grande economia; o que não póde acontecer com os escravos, hajão ou não trabalhos que occupe a todos.

Accressente-se a isto, que o proprietario occupando homens livres, não he responsavel pelos seus deboxes e vicios, nem soffrem os seus interesses: se lhe não agradão os seus trabalhos, se faltão a elles, se são viciosos, despede-os e toma outros.

Mas tudo os fará assiduos, morigerados e laboriosos. O interesse do ganho, a necessidade de subsistirem e suas familias, o temor de serem despedidos e não acharem emprego, tudo os tornará laboriosos; o desejo d'alcançarem mais avultado salario, e de assim melhorarem a sua sorte, os tornará activos, sóbrios e desenvolverá a sua intelligencia. Parte d'estes individuos apprenderão officios, sem que para isto o proprietario seja obrigado a pagar ou veja amortisado por tres ou quatro annos o capital que empregou em hum escravo destinado a tal officio. Então os concertos, as novas construcções, e tantas outras cousas que exige hum complicado estabelecimento, custarão tres vezes menos aos proprietarios, que não serão obrigados a hirem buscar ás Cidades, a muitas legoas de distancia e por altos preços os obreiros necessarios; de mais sempre os terão á mão, e as maquinas não pararão por falta d'individuos proprios, nem as suas habitações offerecerão esse exterior de miseria e ruina que appresentão á primeira vista.

Ora, se he verdade que hum homem livre faz tres vezes mais serviço material que hum escravo, mesmo abstração feita da intelligencia, do interesse e da dexteridade, 30 escravos pódem ser suppridos por 10 homens livres, que nem'hum capital custarão ao proprietario. Se accressentar-mos a isto a economia de braços, que provem do uzo das maquinas, conhecer-se-ha a que ponto pode chegar a dimiuuição das despesas, e portanto a barateza de todos os generos e sua mais facil extracção, no que deve tambem entrar em linha de conta a diversidade e

abundancia dos alimentos. Para mostrar a economia de braços, que provêm do uzo das maquinas, basta dizer que o arado, o mais simples dos instrumentos agricolas, suppre o trabalho de 20 enchadas: assim hum só instrumento faz as veses de 20; e hum cazal de bois ou cavallos com hum conductor, suppre em metade do tempo, 20 trabalhadores d'enchada. Por pouco que se reflicta sobre isto, claramente se verá que hum terço d'homens livres póde supprir todos os escravos actuaes, e isto com o maior proveito para o paiz em geral, e particularmente para os proprietarios.

Não pense algum proprietario ignorante, que a abundancia dos generos diminuirá a sua consumação ou as suas rendas. Ao contrario taes bens os fará mais ricos, e em todo o cazo não pódem ficar pior do que estão.

Quanto maior fôr a abundancia de taes ou taes generos de necessidade, tanto maior será o seu consumo, porque então a sua barateza convidará maior numero de compradores; e he evidente que se hum individuo, para a producção de huma certa substancia, gastar 20 e ganhar 30, não ficará mais pobre do que se gastar 10 e ganhar 20; no ultimo caso a diminuição da despeza compensa o que falta na renda.

A respeito das grandes Cidades e povoações consideraveis, concorrem as mesmas circunstancias, com huma notavel differença, que he a nenhuma necessidade que ha d'escravos para o serviço domestico, e outros. Que luxo inutil de hum sem numero d'escravos appresentão as nossas Cidades e Villas, que sem elles poderião limitar-se a poucos creados, a poucos e laboriosos obreiros e trabalhadores! Nem a naturesa dos serviços, que prestão estes escravos nas Cidades, nem o lucro que parecem dar aos seus proprietarios, compensa de maneira alguma os males que cauzão. Elles só servem nas povoações concentradas para corromperem os costumes privados, perturbarem a paz publica, e sustentarem o ocio dos que se alcunhaõ seus senhores.

Tres empregos daõ, nas nossas povoações consideraveis, os proprietarios a seus escravos; ou os empregaõ no serviço domestico, ou os põe ao ganho, ou tem officios. Em todos estes tres empregos, a naturesa dos serviços que prestaõ se naõ saõ negativos, pelo menos pouco valem, e o senhor alem do capital que empregou na sua compra, carregá todo o anno com despesas certas e avultadas, que lhes consomem toda a renda que lhes possa vir de taes escravos. Ja dissemos a naturesa d'estas despesas, quando tratamos dos escravos empregados na cultura dos campos, e que se podem dividir em duas partes, despesas ordinarias e infalliveis, e despesas extraordinarias. As ordinarias saõ o sustento e o vestuario; as extraordinarias saõ o curativo das molestias reaes a que está

sugeito todo o homem, das molestias affectadas, e das que podem porvir dos seus deboxes e vicios, mais faceis de satisfazer nas Cidades e povoações concentradas; as que provêm dos castigos e das desordens que commettem; das fugas, repetidas prisões, e tantos outros acasos a que os escravos estaõ mais sugeitos que o commum dos homens. *

Pense-se a quanto monta isto tudo em cada anno, compare-se com o rendimento do escravo, e accressente-se o juro que devia render o capital que elle custou se fosse posto a giro. Ponha-se pois em paralello as despesas e receita da forma seguinte, faça-se a subtração no fim do anno, e veja-se quanto fica de saldo;

—— DESPESAS. ——	—— RECEITA. ——
O escravo. —	Os jornaes ou Sallarios do escravo.
O juro do Capital que custou.	
Sustento.	
Vestuario.	
Curativo.	
Fugidas.	
Prisões.	
Dias em que não trabalhão por muitas e diversas causas. &c. &c.	

Se houvessem dados sufficientes, poder-se-hia calcular exactamente os seis ultimos artigos de despesa a quanto montaõ cada anno; mas póde dizer-se sem medo de grande erro, que elles subiráõ a huma quantia equivalente a 20 por cento do Capital. Porem despresando os ultimos artigos de despesa mais ou menos avultados e que dependem de muitas circunstancias, vejamos quanto póde render hum escravo ordinario, comparando o seu rendimento sómente com os dois primeiros artigos, isto he, o juro do capital que custou e o sustento. Suppondo que hum escravo

* *Na Provincia do Rio de Janeiro deve de mais ter-se em conta os roubos continuos d'escravos sedusidos por hum exercito de especuladores, que parecem agora ter-se organisado systhematicamente para expoliarem aos senhores d'esta miseravel propriedade. Alem da morte natural dos escravos, os proprietarios devem contar com esta morte ficticia que os ladrões dão aos seus capitaes; e as especulações dos denominados Capitães do Mato, que fazem pagar avultadas quantias aos donos por escravos que elles mesmos tem prendido e escondido por muitos dias, a titulo de fugidos.*

robusto custa Rs. 400.000, o juro d'esta quantia, posta a 6 por cento (o menor juro possivel entre nós), será de Rs..... 24.000.

Ora o jornal medio (diario) de hum escravo ordinario, he de Rs. 320. Tirando-se de 365 dias, de que se compõe o anno civil, 81 dias, que são os Domingos e Festas de guarda; teremos 284 dias a 320 Rs..... 89.880.

Mas hum escravo não se sustenta com menos de 160 Rs. diarios (metade do seu jornal) que multiplicados por 365 dias, dará..... 58.400.

Sommando a primeira e terceira parcellas, que são artigos de despesa, e subtrahindo esta somma da segunda parcella, que he a receita, ter-se-há a favor do proprietario, o saldo de Rs..... 7.480.

Ora d'este saldo he que o dono de hum escravo deve tirar os meios de pagar o vestuario, o curativo, descontar os dias em que não trabalhão por molestias reaes ou affectadas, pelas fugas, prisões, deboxes, castigos, desordens &c. Se todas as contas feitas, as despesas equivalerem á receita, será isto huma grande fortuna para o proprietario; mas então haverá hum Capital morto, empregado em cousa sugeita á morte; circunstancia que a ser posta em calculo, excederia muito ao juro que se costuma dar pelo seguro da vida.

Se hum escravo tem officio, certamente o jornal será mais vantajoso, e seu proprietario á primeira vista terá mais meios de fazer face ás despesas ordinarias e extraordinarias; porém n'este caso he então necessario metter em conta a mesma differença dos jornaes. Se de dois escravos, hum tiver officio e outro não, ambos faltarem ao trabalho, o proprietario perderá mais com o primeiro do que com o segundo na rasão da differença dos jornaes que vencem, isto he na rasão de 2, 3 ou 4 para 1.

Ninguem pois se illuda com estes jornaes vantajosos dos escravos d'officio. Se attender-mos á differença que existe entre os trabalhos de hum homem livre e de hum escravo, á pouca intelligencia, zelo e dexteridade d'este ultimo, ver-se-há que taes sallarios não podem ser avultados, o que realmente acontece. Entre nós he isto tão reconhecido, que qualquer obreiro livre, por pouco habil que seja, obtem sempre hum jornal dobrado ou triplicado, do que em iguaes circunstancias alcança hum escravo.

He isto a maior prova de que reconhecemos a differença dos trabalhos de hum e outro; porque se hum homem livre não trabalhasse duas ou

trez vezes mais e com dobrada intelligencia relativamente a hum escravo, como conceber se daria ao primeiro hum sallario duplo ou triplice do segundo?

Esta prova he terminante, e tanto mais em hum paiz em que todos os ricos possuem muitos escravos: certamente se elles não conhecessem esta differença nunca chamarião hum obreiro livre ao seu serviço.

Ou os individuos da raça negra tem huma conformação cerebral que os torna estupidos, ou esta estupidez seja o resultado da escravidão e do interesse que julgão dever ter os senhores a que elles desenvolvão pouco as suas faculdades intellectuaes, o que he mais natural; seja finalmente o quer que fôr, o facto he que os negros são de huma estupidez, de huma incuria e imprevisão que revolta; elles vejetão no estado o mais vesinho do mais bruto animal, e para soffrel-os he necessario huma paciencia mais que humana. " Taes homens, diz o viajante Robins, devem ter a intelligencia extremamente limitada, e com effeito ella está circunscripta a hum tal ponto de que difficilmente se póde fazer idéa a não ter-se com elles tratado algum tempo. Poucos ha que possão fazer a conta de cinco ou seis moedas; he raro achar hum em estado de dizer a sua idade e a de seus filhos, ou saber á quantos annos sahirão do seu paiz, em que tempo pertencerão a hum tal senhor, ou á que tempo pertencem a hum outro. Com tão poucas ideas do passado, devem ter muito menos do futuro, e por isso são de huma incuria deploravel. Usão ou antes destrohem todos os seus vestidos, sem pensarem que em alguma occasião teráõ d'elles necessidade; quebrão ou arruinão tudo quanto lhes cahe nas mãos, com o maior desleixo e sem a menor previsão; o que mais lhes agrada por hum momento, he ao depois abandonado com a maior indifferença. Entretanto he por seus escravos que os Colonos fazem exercer toda a especie d'artes e officios; mas como taes artes e officios podem ser exercidos por homens que tudo concorre a fazer estupidos? Quem se encarregará d'instruil-os nos officios? os senhores certamente não, por que os ignorão e temem aviltar-se exercendo-os: he portanto necessario que os escravos sejão ensinados por outros escravos. Ora, o que ensina não tem interesse algum; o que apprende não tem tambem interesse em apprender, e o senhor commum tende a enbrutecer a ambos. Assim elles não tem idéia alguma do que he util, commodo ou bello. Eu tive occasião (continua o mesmo viajante * de empregar a muitos de differentes proffissões, e sempre os achei muito abaixo da mediocrecidade, mesmo em rellação ao paiz: a mesma cousa,

* *Robins, viajem á Lusiana, Tomo* 3.º

feita por duas differentes vezes, tinha cada hnma dellas imperfeições particulares. ,,

Estas verdades, que convêm a todos os paizes d'escravos, são conhecidas por todos os que tem a infelicidade de serem obrigados a se utilisarem dos serviços dos negros nas artes e officios.

O jornal medio dos obreiros escravos, excepto em circunstancias extraordinarias, e em certos officios, he de 640 rs. diarios, isto he, o dobro do ganho de hum escravo sem officio. Parece que augmentando o sallario o dobro, augmenta o juro na mesma porporção; mas he necessario ter attenção ao capital empregado. Ou o escravo foi comprado com officio, ou sem elle e seu senhor lho mandou ensinar. Se foi comprado com officio a sua acquisição não custou menos de 600; 800 ou hum conto de réis. Neste caso he necessario vêr se o juro corresponde a estas quantias, ficando sempre as outras despesas constantes.

Os juros d'estas quantias, postas a 6 por cento, importão annualmente em rs 35.000, 48.000, e 60.000 rs., e hum escravo d'officio a 640 réis diarios dá annualmente rs. 181.760. Accrescente-se ao juro a despeza do sustento, que deve ser mais avultada que a respeito de hum escravo ordinario; faça-se a subtracção, e se verá o pouco que resta ao proprietario para supprir as outras despesas, Se o escravo foi mandado ensinar, custando no principio igual preço, que hum outro sem habilidade, o capital reduz-se ao mesmo, porque então nada rende e só dispende durante 4 ou 5 annos, que leva a apprender o officio. Mesmo não sei qual he mais vantajoso, a posse de hum preto sem officio, mas que trabalhe constantemente, se a de outro com officio. Isto parecerá hum paradoxo á primeira vista; porem considere-se em primeiro lugar na differença das quantias, que custarão; nas muitas occasiões em que deixão de trabalhar por falta d'obras e por muitas outras causas, e n'este caso a differença he dupla ou triplice, attendendo ao valor dos jornaes; em segundo lugar, meta-se em conta a compra das ferramentas e utencilios necessarios, e o risco que corre por mil accidentes hum capital mais avultado. Para que aos apologistas dos grandes lucros que dão os escravos, não parecessem exagerados estes calculos, apresentei o menor juro que entre nós se pode obter; mas aquelles que conhecem o emprego vantajozo que pódem ter os capitaes em hum paiz como o nosso, que calculem quanto não renderião empregados em outro qualquer objecto, industria, commercio e tantos outros meios de trabalho.

He necessario sobre tudo dar attenção a que taes quantias são empregadas em propriedades sugeitas a mil accidentes e á morte. O capital empregado póde cessar de existir de hum para outro instante e ainda que se possua huma tal propriedade dez, vinte ou mais annos.

se o individuo possuido perecer, só restarão os juros ja consumidos, entretanto que o capital desapparece immediatamente, o que não aconteceria se fosse empregado em outro objecto. Não se diga: eu posso vender. Póde prever-se o dia, o instante que a providencia tem marcado para tirar do mundo o infeliz captivo? Nunca hum senhor se desfará, excepto em caso de necessidade urgente, do individuo a quem chamamos hum *bom escravo;* elle morrerá na caza de seu senhor e comsigo levará a quantia que custou. Deve considerar-se mais, que entre os accidentes a que está sugeito o escravo, ha alguns que podem muito diminuir-lhe o valor, como as mutilações, a cegueira, as molestias incuraveis &c. Estes acazos diminuirão hum terço metade, e em alguns cazos reduzirão a nada o capital.

Os escravos empregados no serviço interior das casas, não são mais habeis nem mais uteis que os empregados em outro qualquer trabalho. Sem idéas conservadoras da ordem e da economia para comsigo, não as podem ter relativamente a seus senhores, e o seu serviço he o mais desagradavel e o mais incommodo possivel. Ninguem os póde acostumar a esse arranjo quotidiano de que o homem bem creado he tão cuidadoso e zeloso; he necessario cada dia repetir-lhe a ordem de todos os dias, a tornar-lhe a repetir a cada momento. Huma Mãi de familia, tem bastante em que occupar-se a todas as horas do dia sómente em dar ordens a estes creados escravos: o que lhes he recommendado como mais importante, não he melhor executado do que o reputado indifferente; os vazos, os moveis, as roupas, tudo he quebrado, roto, destruido como as couzas as mais ordinarias e de mais infimo valor. São espiões secretos das familias, os agentes sempre promptos da corrupção do descredito, das delações; são inventores de calumnias que deshonrão o mais sagrado do interior das familias; porcos, immundos, çujão tudo em que tocão; finalmente corrompem os costumes dos filhos de seus senhores, e até a lingoagem que lhes ensinão a estropiar a cada momento.

Se estas ideas de moralidade, decencia e conveniencia social não fizerem impressão em corações mal formados, resta-lhes a idéa do interesse, que na opinião de muita gente compensa tudo. Mas qual he esse interesse? Hum escravo domestico só póde ser reputado como vencendo hum jornal igual ao que vence hum outro sem officio. Este jornal he idéal, pois que elle o não vence realmente, e de mais as despesas augmentão. A vaidade e a vangloria dos senhores, os obriga a nutril-os melhor que os outros, e algumas vezes a vesti-los sumptuosamente, cobrindo-os de ouro e prata. Esta augmentação de despesa excederá muito ao que este creado escravo póde provavelmente render; e de mais os serviços que prestão são quazi nullos, o tanto mais quanto maior

for o seu numero; huns descanção nos outros, e nem'huum faz cousa que preste.

Quanto aos escravos do sexo feminino; como o seu serviço he quasi sempre negativo, as quantias que custarão são Capitaes mortos; e alem dos outros inconvenientes communs a ambos os sexos, os senhores tem demais o de ficarem privados dos poucos serviços que prestão, durante a sua prenhez, e a carregarem com seus filhos, creal-os, vestil-os, cural-os, por espaço de muitos annos, e isto sem proveito ou antes com grande dispendio do proprietario, a quem huma cria custa mais do dobro de dois outros escravos, quando cheguem a idade de começarem a dar algum proveito, o que quasi nunca acontece. (vide o 4.° Capitulo).

Era este serviço o que mais facilmente poderia ser supprido por gente livre, principalmente nas nossas Cidades do litoral que já superabundão em população entregue ao ocio e aos vicios, por falta d'emprego.

O despreso ligado a taes occupações, e a preferencia decidida que dão aos escravos, os que possuem alguma fortuna, são as principaes causas que prohibem a muitos individuos miseraveis a que abracem a servidão domestica, que nos livraria d'essa tutela enfadonha e perniciosa dos escravos creados, mas a que infelizmente têmos de sugeitar-nos pela força das circunstancias.

Estas cousas poderião ser removidas, se grande parte da escravatura de luxo nas Cidades fosse encaminhada para os campos; mas este beneficio não deve esperar-se em quanto durar o commercio e a importação dos escravos, pois que nas povoações concentradas o mercado sendo mais prompto o mais lucroso, para alli se accumulão o maior numero dos escravos.

Mas, me perguntarão, onde estão esses braços livres de que tantas vantagens nos prometeis? Se a escravidão fosse abolida, onde os homens que cultivassem nossos Campos, e exercitassem as artes e officios

A solução d'estas questões, será o objecto do Capitulo seguinte.

CAPITULO IV.

Expender os meios por os quaes a introducção de escravos Africanos póde ser supprida, quer mandando vir Colonos por conta de particulares, quer admittindo maquinas que simplifiquem os progressos da agricultura e mineração, quer melhorando a condição dos escravos existentes, e procurando indirectamente removêl-os das Cidades para os campos.

Depois do que se tem visto nos antecedentes Capitulos, he facil conceber que nenhum melhoramento póde ter lugar presistindo o actual systhema, e que todos devem tender á sua extirpação, se com effeito o paiz que os vio nascer e o seu proprio interesse lhes merecem alguma contemplação. Não deve portanto extranhar-se, começando o Capitulo dos melhoramentos, que dê os meios de conseguir-se o maior de todos.

Com effeito, os votos d'aquelles que observarem as consequencias funestas da existencia da escravidão domestica, devem certamente tender á sua abolição. Se a escravidão he opposta á moral e á religião, se os escravos não dão interesses aos seus proprietarios e ao contrario absorvem as poucas riquesas que produzem; he evidente que da sua existencia não provindo beneficio algum, a sua abolição não trará mal nem ao Estado nem aos particulares; bem longe de tal acontecer, a extirpação de hum tão grande mal nos porá ao nivel dos outros poves; com elle a Nação não poderá prosperar, nem podem haver costumes, civilisação, liberdade e independencia verdadeira.

He necessario convir que as difficuldades de huma semelhante operação são gravissimas, e talvez mesmo não seja possivel evitar a todas. He da ordem natural das cousas, que hum culpado não póde subtrahir-se ás penas que devia soffrer em consequencia dos seus crimes ou vicios, sem que se faça recahir sobre si mesmo ou sobre os outros hum castigo mais terrivel. Da mesma sorte, quando huma Nação inteira comette hum crime sem remorsos e sem intenção d'arrependimento, mais tarde ou mais cedo o castigo he infallivel e geral. Ora, de todos os crimes conhecidos, ha hum maior que o de haver degradado huma parte do genero humano, entregando-a durante seculos e por muitas gerações ao exercicio de todos os vicios e prepotencias de que o homem he susceptivel?

As consequencias d'este horrivel systhema e dos crimes por elle originados, já começão a sentir-se; o temor da punição enche a todos de

pavor e os faz indagar como se sahirá de hum tal labyrinthio; mas he difficil achar o fio de Ariada. Com tudo he necessario apressar-se, por que o edeficio cahe em ruinas e tanto mais se hesitar em tomar qualquer partido, tanto mais terrivel deve ser a cathastrophe.

Não fechemos os olhos sobre os innumeraveis males que gera a escravidão; consideremos que nunca houve segurança e estabilidade em semelhante systema, e hoje menos que nunca; notemos com hum profundo Publicista * que as gerações, que poserão em andamento hum tal systema nas Ilhas no Continente da America, desapparecerão e não levantarão para deffendêl-o; que a Inglaterra prohibio á muito o commercio d'escravos; que o mesmo fez a França e a Hespanha, que na America do Norte, não sómente este commercio foi prohibido com rigor, porem mesmo muitos dos principaes Estados abolirão completamente a escravidão e forcejão por expelirem do seu seio a essa multidão d'infelizes, que a cobiça arrancou da África. Assim as partes em que existe maior numero d'escravos estão cercadas de povos livres, que crescem em riquezas, população e luzes. Huma população outr'ora escrava goza d'inteira liberdade e independencia, em huma das principaes Ilhas, e isto deve servir-nos de advertencia para que tratemos d'evitar perigos eminentes.

Se os senhores devem temer grandes perigos, os mais graves nascem, não da regular abolição da escravidão, mas da sua presistencia a conserval-a. Quem sabe mesmo se as Nações influentes não exigirão esta abolição, assim como ja conseguirão a cessação do Commercio? A Nação Ingleza, por exemplo, tende vezivelmente a este grande acto, com essa constancia e energia, que formão a baze do seu caracter. Começarão prohibindo nas suas proprias Colonias, a introducção e o Commercio d'escravos, e depois por meio de Tratados extorquidos quazi á força estenderão esta Lei ás outras Nações. Logo que o conseguirão, abolirão inteiramente a escravidão nas suas Colonias, sem attenção aos altos gritos dos proprietarios. Pararão aqui, ou exigirão das Nações da America que sigão o seu exemplo? Todas as probabilidades são, que este governo illustrado, coadjuvado por quazi todo o Povo Inglez, procurará extirpar esta praga anti-social em todos os paizes onde a acharem arreigada. † A epoca na qual o governo Inglez

* *Charles Comte, no seu* 4.º *volume do Tratado de Legislação.*

† *Veja-se o relatorio do Comité da Sociedade da abolição da escravidão, de* 1824. *Neste anno já existião em Inglaterra* 220 *associações filhas da de Londres, para o mesmo fim. No anno antecedente forão appresentadas* 500 *petições ao Parlamento relativamente ao mesmo obje-*

e o Povo da Gram-Bretanha conseguirão tocar o alvo a que tendem os seus esforços, póde ser apartada relativamente á vida de hum homem mas muito proxima relativamente á existencia de huma Nação. E esperaremos nós que a intervenção extrangeira, sempre fatal á independencia de huma Nação, nos obrigue a fazer-mos, o que deveriamos ter começado a fazer á tanto tempo? Porque não mostraremos ás outras Nações que dezejamos esta abolição, por meio de Sociedades ou de qualquer outra sorte? Quando mesmo esta demonstração fosse hy-

cto, e em 1824 apresentarão-se mais de 600. Estas associações já se tem vulgarisado na França, na Hollanda, na Belgica, e mesmo na Allemanha. Nos Estados Sul da America-Unida, existem hoje muitas d'estas associações, que comprão escravos e os estabelecem na Africa como Colonos, e nas do Norte ha huma infinidade de Sociedades semelhantes ás da Gram-Bretanha. Estes exemplos não deverião ser pedidos por nós. Nem tão pouco deveriamos desprezar os conselhos de prudencia ou antes de huma salutar previsão. Quando se tratou no congresso dos Estados-Unidos das leis a respeito da escravatura (e note-se que então a America do Norte tinta tantos escravos como nós hoje), os membros desta illustrada Assembléa, todos proprietarios d'escravos, indicarão planos de emancipação futura, mas geral. Eis a opinião do celebre Jefferson a este respeito. ,, Concordou-se, diz elle, no principio da libertação de todos aquelles que nascessem depoid de huma certa epoca, e na deportação em huma certa idade. Porem reconheceu-se que o espirito publico não se achava ainda maduro para huma semelhante proposição, e que mesmo ainda hoje o não está. Entretanto não está mui longe o dia em que se deve rezignar e adoptar hum tal projecto, sob pena das mais desastrosas consequencias. Nada está mais claramente escripto no livro dos destinos como a libertação desta classe de homens, e he tambem certo que as duas raças igualmente livres não podem viver debaizo do mesmo governo: a naturesa, o habito e a opinião tem estabelecido entre ellas barreiras indestructiveis. Ainda de nós depende o estatuir hum modo de emancipação e deportação progressiva, de maneira que o mal deminua pacificamente por huma gradação lenta e insensivel, e que os escravos sejão substituidos, pari passu, por trabalhadores livres e de raça branca. Se ao contrario se espera que a força das cousas traga comsigo a necessidade da libertação geral e forçada, a naturesa humana estremece ao aspecto dos males que se preparão; He em vão que se allega o exemplo da deportação dos Mouros d'Espanha; as circunstancias deste acontecimento não podem ser comparadas ás da nossa situação presente. ,,

pocrita, ella daria credito ao nosso paiz. Será pavor ou convicção da necessidade d'escravos? Necessidade, ja mostramos que a não havia: ao menos, se as circunstancias nos fasem suppôr necessaria a sua conservação por algum tempo, tratemos d'esde ja de dar-mos remedio para o futuro; se porem os possuidores d'escravos e os mesmos que anhelão a escravidão, parecem vêr n'esta operação huma multidão de perigos, trate-se de saber em que consistem estes perigos, e na maneira de prevenil-os.

Examinemos pois quaes são estes perigos, que cauzão geralmente hum terror panico. Elles só pódem ser de duas naturezas, os que dizem respeito á segurança, e os que dizem respeito a interesses. Os dois principaes que tem a temer os possuidores d'escravos e em geral os individuos da raça branca, são: primeiro, o temor que a sua segurança pessoal não fique ameaçada, e que as suas propriedades e interesses não soffrão; segundo, que os libertos recusem trabalhar, ou que só trabalhem, á maneira dos selvagens, quando a fome a isto os obrigar.

Este ultimo perigo he certamente o menos grave, mas he o que naturalmente mais deve temer-se, se attender-mos a que os effeitos da escravidão não pódem cessar repentinamente. Se o mais infallivel effeito da escravidão he o aviltamento de toda a especie de trabalho; se ser livre he ser ocioso, claro fica que os libertos julgarão da mesma maneira e procurarão imitar a seus antigos senhores. Mas considera-se que hum inconveniente de semelhante naturesa não pode durar muito tempo; ao contrario do mesmo mal nascerá o bem. Reflicta-se que em geral o homem a quem faz mover a esperança de recompensas, obra com mais intelligencia e energia do que aquelle a quem move o temor dos castigos; que o incentivo do trabalho he a ideia de melhoramento de fortuna, a esperança de gozos e commodidades e nunca a privação perpetua de todos os bens da vida. Note-se mesmo, a respeito dos escravos, que o melhor partido que d'elles se pode tirar he deixar-lhes o genero e o tempo dos trabalhos a seu arbitrio, e exigir d'elles huma certa quantia por cada dia em que trabalharão. O escravo estimulado pela esperança de melhorar a sua sorte, trabalha com vontade não só para pagar a seu senhor, como para si, tendo em vistas a satisfação de momento ou quazi sempre para obter a sua liberdade. Estas verdades são de experiencia e não necessitão demonstração. O homem livre, pelo simples facto da liberdade; traz comsigo hum outro principio, de actividade; he o desejo imperioso de ter huma familia e a necessidade de fazel-a subsistir.

Assim, bem longe de temer-se hum tal perigo, a libertação desenvolverá huma actividade mais energica, que todos os castigos não podem

obter. Este phenomeno não he novo e tem tido sempre lugar tanto a respeito dos negros, como dos brancos. As classes infimas da Inglaterra soffrerão huma escravidão analoga a que existe actualmente na Russia; hoje dez trabalhadores Inglezes fazem mais trabalho em tempos iguaes, que cincoenta escravos Russos; tal Lord Inglez que possue a mesma porção de terras que hum nobre Russo, he dez vezes mais rico que este ultimo, ainda que o primeiro não possua hum só escravo, entretanto que o segundo possue milhares.

" Hum dos prejuisos mais inveterados dos possuidores d'homens, diz C. Comte, he considerar os individuos possuidos como maquinas maleficentes, que só podem mover-se por huma intelligencia extranha, e que, para não serem nocivas a seus proprietarios, devem estar encadeadas e conduzidas ao som dos açoutes. Hum senhor a quem se falla na libertação dos escravos, soffre hum sentimento analogo á aquelle que soffreria huma numerosa população se lhe propozessem soltar no meio d'ella huma multidão de animaes ferozes. Tendo sempre regulado todos os seus movimentos e punido as suas faltas conforme seus caprixos, imagina que tudo vai cahir na desordem e confusão, se lhe arrancarem o seu açoute. He este o erro de todos os governos arbitrarios; este erro vem de que se ligão á palavra *libertação* ou *liberdade*, idéas que não sómente não admitte, mas que exclue. O que he libertar hum escravo? He simplesmente subtrahil-o ás violencias e aos caprixos de hum ou muitos individuos, para submetel-o á acção regular da authoridade publica; he, em outros termos, impedir hum individuo que se chama *senhor*, d'entregar-se impunemente para com outros, a quem chamão *escravos*, ás extorsões, violencias e crueldades. Libertar homens, não he abrir a porta á revolta e á desordem, ao contrario he reprimil-as; porque a desordem e a confusão existe em todo o lugar onde a violencia, a crueldade e o deboxe não tem freios. A mais horrivel das desordens reina em toda a parte onde a porção a mais numerosa da população está submetida sem deffesa a alguns individuos; que podem entregar-se sem reserva a todos os vicios e a todos os crimes, isto he, em toda a parte em que a escravidão existe. A ordem reina pelo contrario em toda a parte onde ninguem póde impunemente entregar-se ás injurias e ás violencias, onde ninguem póde faltar aos seus deveres sem expôr-se ás punições, onde cada hum póde preencher os seus deveres sem soffrer huma pena: a liberdade he a ordem. ,,

Deve com effeito reflectir-se, que pelo facto d'escapar ao arbitrio, o liberto não adquire a independencia dos selvajens: elle se acha então debaixo da authoridade das leis e dos Magistrados. Se cometter hum delicto, será punido infallivelmente; a differença he, n'este caso, que a pena será porporcionada á culpa, applicada sem par-

cialidade e sem espirito de vingança; terá por fim o resultado a represão do mal commettido, porem não a satisfação do odio ou da anthipatia: se se entregar a hum vicio, elle só soffrerá a pena, sem prejuizo d'outrem; a ociosidade e a intemperança serão castigadas pela miseria, assim como o trabalho e a economia devem ser recompensadas pela abundancia e a consideração. Em todo o caso, os perigos que devem temer os possuidores d'escravos são mais eminentes continuando a escravidão, do que se ella for regularmente abolida. No primeiro caso a exterminação e a expoliação da classe dominante (se esta cathastrophe tiver lugar) hade ser feita com toda a barbaridade dos selvagens, com a energia da desesperação; no segundo caso, o temor e a previsão do futuro poderá fazer achar remedios que previsão parte dos males; e em todo o caso, a cathastrophe não póde ser tão temivel, pois que então o beneficio chamará a gratidão, e a passagem da escravidão á liberdade não será tão rapida; salto funesto em que as reacções são sempre terriveis. O que tiver lugar a respeito das colonias Inglezas, cuja escravatura acaba de ser emancipada, nos illustrará a tal respeito: mas já ha exemplos que nos podem servir denorma. No espaço de quarenta annos, virão-se seis exemplos de hum grande numero de escravos libertados em massa, sem que d'isto resultassem graves inconvenientes.

Suppondo que todos concordão na necessidade da abolição da escravidão convem indagar o como ella deve ser feita; os remedios que devem applicar-se para tornal-a util, sem que perigue a segurança da raça branca e sem a ruina do paiz; finalmente a maneira de supprir a actual população escrava, de sorte que formemos pelo decurso do tempo, huma Nação homogenea.

Quanto á abolição, deve ella ser gradual e lenta? Todos concordarão n'este principio; a controversia será sómente sobre a maneira de a levar a effeito.

Convirá que fique no paiz huma tão grande população de libertos, de raça absolutamente diversa da que a dominou? Não haverá grandes perigos a temer para o futuro, se as antigas tyranias forem recordadas, se os libertos preferirem a gente da sua raça a qualquer outra, como he natural? Poderá prosperar e mesmo existir huma Nação, composta de raças estranhas e que de nenhuma sorte podem ter ligação? Eis huma serie de questões que convem discutir.

Não se pense que, propondo a abolição da escravidão, o meu voto seja de conservar no paiz a raça libertada: nem isto conviria de sorte alguma á raça dominante, nem tão pouco á raça dominada. Os primeiros terião a soffrer as reações, e os segundos terião sempre a supportar os resultados de antigos prejuisos, que nunca cessarião a seu respeito.

Que a abolição deve ser lenta, he evidente; se o contrario se intentasse o paiz se arruinaria, sem que os proprios libertados ganhassem muito. Para emancipar os escravos sem seu prejuizo e da Sociedade, cumpre fazel-o primeiramente dignos da liberdade, convertendo-os gradualmente de simples maquinas em homens activos, illustrados quanto possa ser, e laboriosos. Mas, por muito lenta que seja a marcha que se intente seguir n'esta grande operação, ha hum passo que necessariamente se deve saltar de huma só vez; porque não póde haver hum ponto intermediario entre a verdade e a mentira. He necessario reconhecer francamente, que hum escravo he hum homem feito como os outros, e não hum movel, huma maquina fragil, que póde ser despedaçada á vontade.

Para reconhecer-se este principio e dar-lhe applicação, hum acto Legislativo he bastante; mas este acto immortal deve ao mesmo tempo precaver os futuros acontecimentos, e garantir a segurança dos membros da Nação. Porem hum outro acto Legislativo deve preceder a este, isto he, a maneira de supprir os braços dos homens que devem ser transportados para o seu paiz originario.

Mas deixando isto por ora de parte, indaguemos sobre que bases deve ser construido esse magestoso edificio da emancipação, por meio do qual se saptisfaria ao mesmo tempo a humanidade, os nossos interesses, nossa futura gloria e grandesa.

A contar de hum certo periodo de tempo, marcado pelos Legisladores, todo o individuo de raça escrava que nascesse, seria reputado livre quando tiver chegado á idade de 25 ou 30 annos para os do sexo masculino, e dos 20 aos 25 annos para os do sexo feminino. *

O mesmo acto authorisaria o governo executivo a estabelecer d'esde já em qualquer lugar da Africa, huma colonia á imitação das que possuem os Americanos do Norte, decretando fundos sufficientes para a compra do local, transporte dos escravos libertados, compra dos instrumentos e utensis necessarios, e sua subsistencia no primeiro anno.

Decretaria igualmente rendas para a formação de huma caixa de piedade, para que fossem d'esde já libertando se muitos dos escravos actuaes, comprando-os a seus donos, preferindo-se no principio os escravos de officio, e em todo o caso os das Cidades aos dos campos, os moços aos velhos com igualdade numerica entre os sexos.

* *A Legislatura do Estado do Vermont, nos Estados-Unidos da America, marcou* 20 *annos para os escravos do sexo masculino e* 18 *para os do sexo feminino. Quasi todos os Estados do Norte abolirão a escravidão debaixo das mesmas bases, e tem já duas Colonias na Africa.*

Compete ao governo a melhor escolha do local da colonia ou Colonias; a indagação dos generos que alli podem ser cultivados; a administração e escolha dos directores coloniaes; finalmente o transporte o mais breve e o mais commodo dos negros que se fôrem libertando.

Para que os futuros habitantes d'estas colonias possão adquirir huma certa instrucção civil e religiosa, que os torne cidadãos uteis e morigerados, os poderes nacionaes devem decretar o estabelecimento de escolas dominicaes nas povoações de toda a especie, a cargo dos Parochos, obrigando os grandes fasendeiros a terem hum individuo encarregado de dar este ensino aos seus escravos menores; e o governo executivo procurará achar entre os individuos de raça negra, alguns mais aptos para Sacerdotes e outros a quem se mande estudar as Leis; porque estas Colonias devem compor-se o mais possivel de individuos da mesma raça.

Não duvidamos que muitas e muitas sociedades se não formem no Brasil, para coadjuvarem os Poderes Nacionaes n'esta obra. Se considerar-mos o bom espirito que começa a desenvolver-se entre nós a respeito de tudo quanto he em beneficio do nosso paiz, duvidar de tal seria pelo menos desconhecer o patriotismo de nossos concidadãos. Excusamos lembrar o exemplo de nossos coterranêos: basta dizer, para incentivo de nós outros, que huma só Sociedade no Maryland, acaba d'estabelecer huma Colonia na Africa, e que pelo menos hum terço da sua população escrava ja tem sido exportada. He portanto natural que as nossas Provincias porfiem com a maior emulação, para expelirem do seu seio esta praga, causa unica do seu atrazo. Tanto mais devemos confiar no estabelecimento d'estas Colonias, pois que já o nosso governo enunciou esta mesma ideia, e não duvidamos que o Poder Legislativo a tome na devida consideração sendo efficazmente coadjuvado pelas Assembléas Provinciaes. *

Além dos beneficios que devem resultar de nos livrar-mos de huma tal praga; quem não vê n'estes estabelecimentos hum acto de grandesa e gloria para o nosso paiz, e huma origem de commercio vantajoso! Grandesa e gloria, porque assim poremos de par com a Gram-Bretanha e a America do Norte, na grande obra civilisação da Africa; de commercio vantajoso, porque os generos produzidos n'estas Colonias servirão de objecto de troca para os que produz o nosso paiz, e portanto de hum commercio que deve tomar huma grande latitude com a Africa inteira, a quem estas Colonias servirão de entreposto.

A formar-se huma caixa de piedade pelo governo, e hum sem numero

*. *Léa-se o Relatorio do Sr. Ministro do Imperio, e Estrangeiros na Sessão do corrente anno* (1834).

de outras pelos particulares, calcule-se quantos negros podem ser exportados annualmente, e de quantos males não ficaremos nós livres em poucos annos, pelo menos nas grandes Cidades. A' proporção que os escravos forem sahindo do paiz, huma igual população livre se irá estabelecendo insensivelmente. A gente livre do paiz tendo mais meios d'empregar-se e contando com huma subsistencia menos precaria, contrahirá matrimonios e se propagará; os estrangeiros que não acharem meios de viverem nos seus paizes, virão estabelecer-se no nosso, porque então já não terão a temer a concorrencia dos possuidores d'escravos no exercicio das artes e Officios, ou finalmente abraçarão o serviço domestico, porque não acharão as casas entupidas d'escravos.

Deve reflectir-se que immediatamente podem ser exportados huma grande numero d'escravos, logo no primeiro anno: fallo nos escravos de propriedade nacional. O primeiro exemplo deve vir da authoridade publica; e se ella quiser que as couzas marchem realmente bem, deve não possuir hum só escravo, e começar a fundar o grande systema de emancipação, libertando os seus e transportando-os para as novas Colonias. He facil conhecer que esta simples operação livraria o Brasil de mais de dous ou tres mil escravos de huma só vez.

O espirito da Religião he contrario á escravidão, e portanto os seus ministros devem ser sempre os primeiros a darem o exemplo da caridade Evangelhica; consequentemente a authoridade temporal não postergaria direitos, se os privasse de huma propriedade contraria á Lei de Deos que todos servimos, mas a quem elles devem particularmente obedecer. Não haveria por consequencia necessidade de sancção Legislativa, para que o governo exportasse para a Africa os escravos dos Ecclesiasticos e lhes prohibisse absolutamente comprarem outros, sob pena de os perderem de novo.

Mas para proceder-se com methodo, e se não prive o Brasil d'esses taes ou quaes braços, que na verdade pouco produzem, porem que a não serem suppridos por outros, cauzarião hum grande desfalque na população e hum grande abalo de momento, he necessario no entretanto fazer affluir a população escrava para os lugares em que he indispensavel, tirando-a das Cidades e povoações consideraveis, onde só serve para corrupção, desordem, luxo e vicios.

Muitos meios se apresentão para o bom exito de huma tal operação. Hum d'elles ja apontei, que he a preferencia que deve dar-se para as Cidades, na compra dos escravos destinados a serem exportados. Hum outro he bem obvio, e consiste na preferencia que deve dar o governo á gente livre em todos os trabalhos que emprehender, assim como nos ordinarios. Prohiba-se absolutamente a admissão de escravos nos Ar-

senaes, obras publicas, e nas que emprehenderem Companhias authorizadas pelo governo. He evidente que admittindo-se sómente gente livre, se produziráõ dous bens; animar-se-ha a população livre a que apprenda officios e adquira amor ao trabalho e á economia, tornando-se assim mais morigerada e mais util; ao mesmo tempo que se desanimará os possuidores d'escravos, na compra de huma propriedade que achará poucos meios de dar-lhe interesses.

Hum outro meio, ainda que indirecto, talvez produza melhor effeito; o dos impostos. Este meio ja foi incetado, porem parece que a medo por ser mui mesquinho. Quando se faz huma Lei, o Legislador procura precaver hum mal, e para isto impõe huma pena. Esta pena he huma advertencia para que se não cometa a falta ou crime que a Lei prohibio; ora, se hum individuo a transgride voluntariamente, he signal que não teme a pena, e tanto maior he a razão para que a soffra. He necessario porem destinguir huma Lei repressiva de abuzos, de huma outra que só tem por fim estabelecer hum imposto, que pode ser julgado oneroso. A respeito da primeira especie, não pode haver duvida sobre a sua utilidade; quanto á segunda, se ella recahir sobre cousas que possão transtornar as fortunas dos particulares ou ser-lhes pesada, de certo huma tal Lei não pode ser boa, considerada em geral. Não está porem n'este cazo huma Lei que estabeleça hum imposto sobre huma couza possuida por mau titulo, e da qual se originão maiores males que os sahidos da boceta de Pandora. A confeição de huma tal Lei não deve cauzar maiores escrupulos aos Legisladores, do que não cauzarão aos que tem feito outras Leis, por exemplo a que estabeleceu o imposto de vinte por cento sobre a agoardente de consumo, ou aquellas que prohibem os venenos empregados com efficacia na Medecina, mas que podem tornar-se instrumentos de morte nas mãos dos malvados. De mais note-se que se o imposto fôr forte, e com tudo os escravos abundarem nas Cidades, he porque os proprietarios o podem pagar, e ninguem verá n'isto senão hum meio de augmentar as rendas Nacionaes. Todos dizem que os impostos internos devem recahir sobre as couzas de luxo: poderá haver maior luxo, que o de tanta escravatura inutil nas Cidades, e que absorve sem producto as rendas de seus proprietarios? O imposto actual pode por consequencia recahir sobre todos os escravos sem excepção nas grandes povoações: que os proprietarios solteiros ou cazados, paguem todos a mesma quantia, das escravas tanto como dos escravos dos velhos tanto como das crianças. *

* *Este imposto produziria, a dous mil réis por cabeça, de* 2.800 *a*

Seria este hum grande meio de hir removendo os escravos das Cidades para os campos, gravando os proprietarios d'impostos n'aquellas, e izentando os destes. Mas ainda ha outros meios indirectos de promover esta util emigração, pois senão quer se use de hum meio directo * efficaz, qual o de prohibir a venda ou troca dos escravos empregados na Lavoura, para as Cidades. O escrupulo que n'isto póde haver, he julgar-se que assim se vai coartar o direito de cada hum na livre disposição da sua propriedade; porem note-se que huma tal prohibição he certamente menos odiosa que hum forte e desigual imposto, e que huma franca deliberação he mais estimavel que medidas rebuçadas.

Seja porem como for, a melhor medida indirecta que talvez possa lembrar, he a de augmentar o imposto da cisa como dois, por exemplo, a respeito dos escravos que se venderem nas Cidades, ou de Cidade a Cidade, e como quatro nos que se venderem do Campo para as Cidades, illiminando-se este ou qualquer outro imposto a respeito dos escravos das Cidades para os trabalhos da agricultura. Tomando-se as convenientes cautelas contra as frandes †, he natural que estes impostos desanimassem aos vendedores dos escravos empregados nas Lavouras para as Cidades, e ao contrario animem as vendas da escravatura inutil e de luxo n'estas; e tanto mais pois que os escravos dos campos devem ficar livres, como já dissemos, de capitação ou de qualquer outro imposto.

A grande difficuldade não he pois achar meios indirectos de remover o maior numero d'escravos das Cidades para os campos; he melhorar a sua sorte. Hum tal beneficio depende absolutamente da vontade dos proprietarios; mas como persuadir-lhes que não maltratem os homens que a Providencia lhes submeteu, que os nutrão melhor, que os vistão,

3.000 *contos annuaes, em todo o Brasil, e ja seria huma boa dotação para a caixa de piedade: libertaria no mesmo periodo de* 3.000 *a* 4.000 *escravos, suppondo que hum custasse quatro centos mil reis.*

* *A segunda condição do programma que forma o presente Capitulo, não admitte meios directos.*

† *O imposto da meia cisa, só produz metade ou talvez o terço do que deveria produzir se outro fosse o methodo da cobrança. Todos sabem que o comprador se entende com o vendedor, para que este ultimo passe recibo da metade ou do terço da quantia que realmente recebeo; e os cobradores d'este imposto, que o recebem á vista do recibo, defraudão, sem tal quererem, a fasenda d'enormes quantias: o que não aconteceria se os escravos fossem previamente avaliados perante o Administrador das diversas rendas, com appelação a hum juizo d'arbitros, escolhidos pela parte e a fasenda publica. Melhor seria estabelecer hum imposto geral.*

que tenhão em huma palavra com elles a caridade e a misericordia que a religião e a humanidade recommendão? Quem tal intentasse persuadir-lhes perderia o seu tempo: habitos adquiridos d'esde a infancia d'arbitrio, tyrania e violencia, nunca se perdem; a eloquencia, a persuasão, a rasão serião fracas armas contra prejuisos bebidos com o leite. He regra geral, que o homem não se abstêm de fazer o mal se o seu caracter moral o não retêm: multas, castigos, regulamentos, tudo he debalde se huma authoridade coercitiva não obrigar pela força a que se abstenhão de commetter maleficios; e mesmo esta força será fraca, se o interesse for maior que o medo.

Os governos das metrópoles promulgarão muitas leis em beneficio dos escravos; entretanto todos observão a inefficacia ou antes a nullidade d'estes regulamentos. N'aquellas em que os deixarão ao arbitrio dos proprietarios, os magistrados que fizerão taes regulamentos, forão os primeiros a violal-os. Nem isto deve espantar se se attender a que os mesmos Legisladores são ou julgão estar interessados na manutenção dos abusos. Nas Colonias que ainda existem sob o dominio das metrópoles, os governos d'estas podem fazer Leis excellentes e que parecem previnir pelo menos huma parte da acção arbitraria dos senhores sobre os escravos; mas os encarregados da execução d'essas Leis sendo os mesmos interessados a infringil-as, he evidente que os seus effeitos seráõ sempre illusorios. Suppondo mesmo que os agentes encarregados da sua execução estão alheios ás influencias directas, he necessario com tudo que elles não encontrem huma força opposta, hum poder mais energico e mais preserverante que o seu. Reflicta-se agora sobre o que deve acontecer nos paizes independentes das metrópoles, e cuja população está dividida em senhores e escravos. Quem fará estas Leis? Quem será encarregado da sua execução? Os senhores d'escravos? E huns e outros não meteráõ em linha de conta os seus prejuisos, e o que julgão de seu interesse e segurança? Sem duvida alguma.

Em quanto existir o principio de propriedade applicado aos escravos, de que cada hum póde fazer do escravo ou da *cousa* tudo quanto lhe não for prohibido pelas Leis, debalde se intentará pôr alguns limites ao poder absoluto dos senhores. Póde fixar-se, por exemplo, o numero de açoutes que deve soffrer o escravo, seja particularmente ou pelo canal de huma authoridade Policial; póde determinar-se a raçâo que deve ter para alimentar-se; os dias em que deve trabalhar para seu dono ou ganhar para si nos periodos marcados de repouso: mas, como he expresso, que ao senhor he permettido tudo o que a Lei não prohibe, o dominio do arbitrario fica ainda assim tão vasto, que os limites marcados em lugar de produzirem algum bem, talvez façõ o effeito contrario: se ao senhor

fer prohibido o castigo debaixo de huma certa forma; elle o applicará debaixo d'outra; e tanto maior deve ser o desejo de maltratar, quanto mais restricta for a prohibição.

Dois meios podem lembrar para mitigar os castigos: o estabelecimento de authoridades policiaes para conhecerem e castigarem os leves delictos, e de hum Jury para julgar e applicar as penas das Leis ás culpas graves. Mas evitará isto os castigos e os supplicios secretos? Saptisfará aos senhores esses castigos mitigados pelas Leis? Evitar-se-há que elles os tragão nús, que lhe imponhão trabalhos excessivos sem que bem os alimentem, que os encarcerem, e tantos outros mil meios de oppressão? Se os senhores cometterem taes crimes, dir-se-hà, as Leis os punirão; porque os regulamentos que estabelecem penas aos escravos, devem igualmente estabelecel-as contra os máos senhores. Mas, como? Que forma se deve seguir no processo? quaes hãode ser as testemunhas? Os escravos! Pobre d'elles se tal ousarem! Os senhores? Qual sera o homem que queira hir denunciar ou servir de testemunha em processo, em que hum escravo he parte, e hum senhor o réo? Ousará o mesmo escravo ser parte a seu senhor? O escravo nunca servirá de parte ou testemunha contra seu senhor, salvo a adoptar-se a medida que tomarão os Legisladores Romanos, de libertarem d'antemão os escravos nos crimes capitaes dos senhores; fundando-se no principio que he hoje doutrina corrente dos juris-consultos, de que a violação de hum pacto ou Lei, deve ter por pena o perdimento de hum direito. * Nos casos pois de mutilação, morte ou violencia, o senhor deveria consequentemente perder o seu direito de propriedade sobre o escravo. Mas ousarão os nossos Legisladores adoptarem esta maxima de justiça universal? Sugeitar-se-hão os proprietarios á sua pratica? A idéa sómente de admittir os escravos a testemunharem contra seus senhores, excitaria entre elles o furor e o susto. Tal idéa poderia mesmo tornar-se perigosa para quem se atrevesse a enuncial-a. Mas na reallidade se bem reflexionassem não deverião assustar-se, porque se ella fosse posta em pratica seria tão inefficaz como as outras. Os escravos tendo o espirito extremamente limitado, são naturalmente imprevidentes, he portanto provavel que se fossem chamados a juiso, fisessem conhecer a verdade; mas isto só aconteceria se os senhores não podessem intimidal-os ou corrompel-os com promessas. Logo que voltassem ás casas de seus senhores,

* *Il delitto, è la violazione di un pacto, e la pene è la peraitta di un dritto.*

Filangieri, scienza Della Legislazione.

Tomo 4.° Ed. de 1796.

as recompensas dadas ás falsas testemunhas, e os castigos applicados ás testemunhas veridicas, lhes ensinaria em breve que, para hum escravo não ha bem nem mal, senão o que agrada ou desagrada a seu senhor; que o crime he dizer a verdade, e que o dever he mentir.

Bem se vê que semelhante processo seria huma verdadeira burla, e talvez redundasse em hum novo supplicio para o misero escravo já dilacerado, mutilado ou morto á fome. Não haverá portanto meio algum de reprimir legalmente as violencias commettidas pelos senhores, pois que não podem haver meios de os convencer judicialmente. Não se póde nem se deve contar com o testemunho dos homens de raça branca; em primeiro lugar porque as execuções só se fazem na presença de alguns escravos, em segundo lugar, porque os proprietarios fazem de tal sorte causa commum entre si, contra a raça escrava, que nunca se poderá esperar que concorrão a convencer-se mutuamente. Esta impossibilidade nasce do principio da escravidão. Quando hum governo estabelece ou sancciona, a escravidão, por este simples facto declara, que os desejos e as forças dos senhores seráõ as unicas Leis dos escravos, e por consequencia que o dever d'estes he conformarem-se a estes desejos ou a estas forças. Se ao depois o mesmo governo quer impôr novos deveres aos escravos, submetendo-os a novas leis, he necessario qué os ponha a abrigo de todo o poder estranho e arrede d'elles tudo o que os possa impossibilitar de preencherem os novos deveres, que se lhes impõe.

Porem como conseguir-se taes effeitos, se as causas ficão subsistindo? Quem quizer propôr meios de melhorar a condição dos escravos, depois de longas meditações se achará tão embaraçado como no principio e por fim conhecerá a inefficacia de todas as medidas qne tiver concebido Que medidas julgará preventivas em sua consciencia, e sem que n'isto entre huma grande dose de charlatanismo? Appelo para todos os que reflectirem hum momento sobre o objecto.

Ha só dois meios de evitar malvadesas, a persuasão ou hum regulamento severo. A persuasão he certamente huma arma efficaz, quando he bem manejada; mas considere-se que os seus effeitos só tem lugar nos primeiros momentos, passados poucos instantes as rasões esquecem, mas os prejuisos e os habitos ficão sempre. Se a persuasão fosse efficaz em todos os instantes da vida, o mundo seria hum novo Eden. Quanto senão tem escripto e dito de mais forte em favor da pratica das virtudes, e quantas são as virtudes, e quantos são os virtuosos? Quando o interesse e os habitos cegão, reuna-se a Logica de todos os Oradores e Philosophos antigos e modernos, os mais fortes raciocinios não faráõ mais effeito, que hum grão de areia lançado no oceano. Não produzindo effeito a persuasão, então só hum regulamento severo póde apartar da sociedade os

males que se temem. Porem para que huma tal Lei produsa o desejado effeito, he necessario, como já dissemos, que os agentes empregados na sua execução possão livremente desempenhar as disposições n'ella contidas, e não achem huma força superior á sua, ao poder das Leis e dos Legisladores. Já vimos que em hum paiz d'escravos e senhores, todos os regulamentos que tenderem a deminuir a acção arbitraria d'estes ultimos, he por elles considerado como hum attentado contra os seus direitos, e que todos os meios empregarão para tornarem nullos os effeitos dos regulamentos coercitivos; já vimos tambem, que a punição das culpas dependendo de hum processo em regra, nunca podem existir provas; porque os juizes e as testemunhas são todos interessados á que hum rêo da sua raça não seja punido por faltas que todos commettem. Se entre nós houvesse huma classe intermediaria algum tanto illustrada, que não possuisse escravos mas que não, fosse miseravel e dependente, facil seria então formar hum Jury que punisse as violencias e crimes dos senhores, facil seria achar testemunhas e mesmo accusadores: porem huma tal classe não existe; porque dos individuos que a ella pertencem momentaneamente, huns em breve alcanção meios de entrarem na dos proprietarios, e outros vegetão toda a vida na mais profunda miseria e estupidez.

A' vista d'isto confesso ingenuamente não sei quaes sejão os meios de melhorar a sorte d'esta infeliz raça; porque a vontade do senhor he para o escravo mais continua, mais extensa e mais forte, que toda a boa vontade ou os bons desejos da authoridade publica; porque finalmente a vontade do senhor he para o escravo huma Lei tão poderosa, que ella basta para paralysar todas as outras, as da Religião, as da moral e as do governo.

Se porem a authoridade publica tomasse hum partido decisivo para conseguir o melhoramento da condição dos escravos, obrigando-os e a seus senhores ao exacto cumprimento dos deveres e obrigações, que a todos impõe a Religião e as Leis que promulgassem, isto seria hum grande passo para a abolição da escravidão. Se com effeito, tendo-se em vistas o que a religião ordena, os individuos d'esta raça fossem tratados com caridade e misericordia pelos individuos da raça dominante, e esta soubesse respeitar os laços de parentesco; se em virtude de regulamentos á risca cumpridos, os escravos fossem bem nutridos, vestidos e curados; se se recompensassem com hum salario qualquer os seus trabalhos e em porporção da sua actividade, intelligencia ou dexteridade; se finalmente os escravos fossem punidos por huma authoridade que os julgasse imparcialmente e com a Lei na mão, e a seus senhores igualmente quando commettessem violencias, crueldades ou lhes faltassem com o necessario ar-

bitrado pelos regulamentos; se tudo isto podesse ter lugar, então, digo, a escravidão estaria de facto abolida: d'este passo á abolição de direito, o salto seria quasi imperceptivel.

Mas d'estes beneficios deve perder-se até esperança, em quanto existirem os principios em que se basea o systhema da escravidão. Seria mesmo talvez mais prudente conservar as cousas no estado actual, deixando que sigão o seu curso natural, e reflectindo-se que de necessidade a cessação absoluta do commercio d'escravos he natural produsa bons effeitos em seu beneficio; pois que então não podendo os proprietarios substituirem novos infelizes ás victimas da sua avaresa e crueldade, deligenciarão melhor tratarem os individuos que os alimentão e cuja perda seria irreparavel. O governo que intentasse fazer huma alteração d'esta naturesa no estado actual das cousas, talvez causasse huma revolução, tanto mais funesta em hum paiz, que, como o nosso, já não contêm poucos elementos d'incendio, de dilasceração e de ruina: bem longe de merecer-lhe hum tal acto a expressão banal de *bençõe da posteridade*; chamaria contra si a sanha, o rancor e a vingança. Marchem pois os homens illustrados com perserverança sim, porem com prudencia: elles conhecem o estado da opinião, e certamente não quererão arriscar a sua Patria a huma completa ruina, pondo em pratica principios bons na verdade, divinos mesmo, mas que só podem ter applicação lentamente e com a maior circunspecção. Não digamos com esse energumeno Francez: pereção nossas Colonias, mas salvem-se os principios.

A' philantropica idéa do melhoramento da sorte dos escravos, e consequentemente a da sua emancipação gradual, deve pois referir-se ao futuro para que se evitem os perigos reaes, que podem e mesmo devem sobrevir. Penso que as medidas por mim enunciadas, ou outras que se adoptem em seu lugar, serão hum grande passo para esta obra immortal. *

* *Vide, entre outros projectos, o que vem addido á representação derigida á Assembléa Geral Constituinte, pelo Dr. J. B. d'Andrade, impresso em Pariz, em* 1825.

Se houvesse huma vontade firme de formar hum Jury ou tribunal imparcial, especialmente encárregado de julgar e punir as malvadesas dos senhores, e proteger os escravos contra as suas violencias, huma Lei prohibiria que os individuos admittidos á Magistratura possuissem escravos por pretexto algum: seria esta huma condicção explicita para occupar o emprego de Magistrado. Estes Magistrados reunidos aos Ecclesiasticos, que por Lei devião não possuir o seu semelhante a titulo d'escravo, formarião hum Jury, composto do Magistrado ou

Cuide o governo em formar colonias na Africa com os escravos que fôr libertando; e coadjuvem-no os particulares patriotas e illustrados, formando sociedades de libertação, que vão pouco a pouco desemtupindo as Cidades d'esse montão de entes mizeraveis, que só servem para tornal-as em aggregados de sanzalas, em taperas immundas. A idéa de marcar hum prazo para a abolição total da escravidão, referindo-se a huma epocha apartada e que provavelmente só alcançará a segunda geração da raça dominante não trará comsigo os perigos de huma revolta fatal ao paiz e a todas as raças: huma medida cujos resultados só podem alcançar os netos dos actuaes proprietarios, não irritará o seu egoismo: com tanto que possão exercitar em toda a sua plenitude o poder arbitrario a que estão acostumados d'esde a infancia, pouco lhes importará que os filhos de seus filhos soffrão ou gozem.

Mas em quanto esta nova Era não chega, cuidemos d'esde ja nos meios de supprir-mos os braços que devem ser exportados e os que a morte decima todos os dias, substituindo-os por braços livres da mesma raça que nós outros. Ninguem ignora que alguns Estados da Europa contem huma população muito além da que o territorio pode nutrir, e que entregue á maior mizeria só aspira a emigrar para huma nova Patria, aonde ache meios de melhorar a sua sorte. Abramos os braços a esta população indigente; franqueêmo-lhes as nossas terras incultas, demo-lhes huma nova Patria assegurando-lhes as vantajens de que gozão nossos proprios compatriotas; formemos Colonias de gente laborioza e util, e, em breve periodo, nós veremos entre nós esse phenomeno que todas as Nações contemplão com admiração e inveja, de hum paiz que quazi sahindo das faxas da infancia, tem conseguido dobrar todos os vinte annos a sua população, e que hoje compete em industria, civilização e riquezas com as mais poderozas Nações do globo!

Felizmente a respeito d'estas Colonizações estrangeiras nós só temos exemplos a seguir. Chamemos, como os Americanos do Norte, os individuos da mesma raça dos conquistadores, mas que não tenhão os seus prejuizos; empreguemos meios analogos aos que uzarão, para attrahirmos ao nosso paiz trabalhadores Europeos. O Brasil possue terras immensas que nunca receberão cultura, e que são susceptiveis de produzirem todas as substancias que a natureza faz crescer em diversas partes do globo, como a experiencia nos mestra todos os dias. Muitas de nossas Provincias estão ainda, por assim dizer, desertas e incultas, entre-

Magistrados do lugar e dos Ecclesiasticos domeciliados no mesmo lugar. Hum tal tribunal seria sem duvida imparcial, porque estaria livre de toda a influencia.

tanto que seus habitantes são accusados de falta de actividade e de desprezarem a industria. Ora, não se pode duvidar da força do exemplo, e portanto que a Colonisação de homens laboriosos deixasse de dar huma fortissima impulsão á actividade dos actuaes habitantes livres. Necessariamente aconteceria que, ou esta população se tornaria activa e laboriosa, ou se conservaria estacionaria em seu crescimento. N'este ultimo caso o paiz se povoaria então de individuos originados d'estas Colonisações, que conservarião os habitos e os costumes de seus ascendentes; porque a parte industriosa da população he a que multiplica com mais rapidez, a que conserva mais tempo os costumes primitivos e a que degenera mais tarde. E além de todas estas vantajens, a emigração de trabalhadores Europeos teria immediatamente sobre a população actual huma influencia inapreciavel; isto he, a fuzão das raças e o seu cruzamento: vantajens indicadas pela propria natureza, porque á muito tempo se observa que as raças milhorão em breve periodo cruzando-se humas com outras castas.

Duas são as maneiras com que podem formar-se estas Colonias, ou pelo governo ou por empresas particulares. * As despesas que o Estado fiser com a formação d'estas Colonisações, bem longe de ser reputado como dinheiro perdido, deve ao contrario ser considerado como hum capital que necessariamente renderá hum grande juro para o futuro; porque, quer ellas prosperem reunidas, quer não, os individuos importados devem infallivelmente concorrer para o augmento das producções, e portanto directa ou indirectamente o Estado haverá d'elles por meio dos impostos, as quantias que dispendeu; e quando mesmo o capital desembolçado possa por hypothese considerar-se como perdido, a consi-

* *A segunda condicção do programma, que forma o objecto d'este* 4.º *Capitulo, quer que se expendão sómente os meios por os quaes se podem mandar vir colonos por conta dos particulares* (*Vide a Introducção*). *Esta condicção dá a entender que ainda nós temos em lembrança os máus resultados das Colonias mandadas vir pelo governo tranzacto. Porem note-se quão infeliz não foi aquelle Governo em todas as operações que incetou, rezultado do seu desleixo, e incuria. Mais isto nos não deve servir de exemplo para abandonar-mos huma idéa que o interesse do paiz reclama instantemente: tomem-se medidas adequadas, e ellas terão bons rezultados. Demais convem notar que a despeito de huma pessima administração, algumas d'estas colonias prosperão hoje. Deve tambem observar-se appoio da minha opinião, o genio pouco em prehendedor dos nossos particulares, e que elles prefiriráõ sempre os escravos.*

deração do augmento de huma população homogenêa, compensa tudo.

Em nossa opinião, as bazes com que devem formar-se estas Colonizaçoes por conta do Estado, podem ser firmadas em condicções vantajosas para os Colonos; isto he, o goso da mais plena liberdade civil e religioza, e a segurança das propriedades garantida pelas nossas instituições a todos os Cidadãos. O governo deve dar a cada familia que vier estabelecer-se no imperio, huma porção de terras devolutas, ou adquirir-lhes a propriedade comprando-as a seus possuidores actuaes; deve demais ajudal-os com hum subsidio, que os livre da indigencia no primeiro anno depois da sua chegada; e fornecer-lhes habitações e os instrumentos necessarios de lavoura; exigindo com tudo que elles trabalhem de preferencia com os que se uzão na Europa, especialmente o arado e a Charrua, prohibindo-lhes expressamente comprem ou admittão escravos nas suas plantações, ou que alienem as terras que lhes forão dadas.

Para que o Estado se embolse das quantias que dispendeo, logo que estas Colonias forem tomando alguma estabelidade, se estabelecerá hum leve imposto sobre cada familia, que hirá crescendo lentamente e em rellação ás posses de cada Chefe de familia e ao genero de trabalho que tiver adoptado. Isto será hum excellente ensaio da theoria dos impostos territoriaes, que todos os Publicistas proclamão como o melhor e o mais justo. Quanto ao regimen d'estas Colonias, permetir-se-lhe-ha se governem municipalmente como entenderem, formando até á segunda geração huma especie de governo patriarchal, sem que o Governo lhe estabeleça Intendentes, Directores, ou Protectores, ou antes, que elle mesmo faça estas vezes sem intermediarios. A experiencia nos deve ter convencido de que taes cargos, bem longe de darem a protecção que se teve em vistas, os individuos que os exercem olhão mais para os seus interesses, e são quasi sempre a causa da ruina da colonia e dispersão dos Colonos.

Caso aconteça que os Colonos professem huma religião differente da nossa, ser-lhe-ha permittido o seu livre exercicio nas povoações que formarem ou nas suas plantações, sem que os individuos de hum culto extranho os possão hir perturbar no exercicio de seus actos religiosos.

Finalmente deve deixar-se a seu arbitrio a plena disposição do seu tempo, o livre exercicio das suas idéas e vontades: obrem como entenderem, governem-se como julgarem melhor; mas trabalhem, produsão e prosperem, eis o que deve desejar-se.

O deffeito e o escólho dos governos he quererem sempre governar muito. Parece que o instante em que não governão, mandão ou dispõe da vontade dos outros, he tempo perdido. Se os homens não são simples machinas, que só se mechem quando as movem mãos extranhas, deixem-lhes faser o uzo que julgarem a proposito das suas faculdades. Os go-

vernos só forão instituidos como as molas reaes, que fazem parar os os movimentos perniciosos dos membros sociaes huns contra os outros, mas nunca os movimentos livres e uteis da maquina social.

Deve ter-se notado que só fallei em liberdade civil e religiosa, sem indicar os direitos politicos que os Colonos pódem exercer em virtude de cartas de naturalisação. Mas hum semelhante previlegio seria pernicioso para elles e para a sua Patria. Não conhecendo as circunstancias do paiz nem os individuos, ás facções ou partidos empregarião todas as seducções para comprarem os seus votos; d'isto resultaria que a facção, que mais meios tivesse á sua disposição, faria representar as suas opiniões nas Assembléas Legislativas e outros lugares d'Eleição popular, e não maioria da opinião Nacional ou Provincial; o que certamente seria hum gravissimo mal. Relativamente aos Colonos, as quantias com que comprassem os seus votos lhes faria perder o amor ao trabalho e adquirir vicios perniciosos para elles e nocivos á Sociedade; de mais chamarião contra si o odio e a sanha das facções vencidas, e talvez a sua ruina completa se alguma d'estas facções conseguisse vencer por sua vez: devem portanto restringir-se as suas prerogativas politicas, á eleição de seus magistrados municipaes.

Convem agora examinar a que partes da Europa se devem hir buscar estes Colonos por conta do Estado, e em que lugares devem estabelecer-se as Colonias. Penso que de todos os paizes da Europa, os que nos podem fornecer maior nnmero de Colonos laboriosos e menos cheios de prejuizos, são a Suissa e huma parte dos Estados da Allemanha, as Canarias e as Ilhas dos Açores. Mas, as primeiras d'estas regiões nos podem fornecer os Colonos por conta do Estado, e as segundas os colonos importados por especulações particulares.

As rasões em que me firmo para fazer esta destincção são óbvias; isto he, são fundadas não na conformidade de lingoagem, costumes e religião dos primeiros para comnosco, e entidade d'estas mesmas circunstancias, relativamente aos segundos. Estes ultimos devem logo entrar em immediato contracto com os particulares, os outros formarão assossiações isoladas, onde podem exercer livremente a sua religião, e manter seus habitos patrios, a que o homem não renuncia senão depois de longo contacto com outros de costumes differentes. Estas rasões, que aqui vão apenas indicadas, bastarão para convencer a todos os bons espiritos de que ellas são bem fundadas. Quanto ás colonisações por conta dos particulares, devemos inteiramente seguir o que se pratica nos Estados-Unidos. Os agentes Consulares, nos differentes lugares da Europa, fazem annunciar convenientemente, que tantos Navios devem partir da America com o destino de virem buscar á aquelles portos os individuos

ou familias, que quizerem emigrar. A quem convem o partido, vem dar o seu nome; e logo que chegão os transportes se embarcão n'elles, e partem com suas famillias para a America. Logo que os Navios chegão ao lugar do seu destino, os commandantes fazem annunciar nos jornaes, que conduzem tantas pessoas, de tal idade, sexo e profissão, as quaes entregarão a quem lhes pague a passajem, as comedorias e o mais que dispenderão. Os proprietarios de bens ruraes ou fabris, ou artistas de todo o genero, que tem percisão de gente que os ajudem nos trabalhos que exercem, vão pagar o estipulado a bordo, e depois se apresentão com elles perante o juiz privativo de taes transações, e alli se obrigão, hum a dar-lhes hum jornal certo, dedusindo-se d'elle as despesas do transporte, que pagou, as da comida e vestuario, e os outros a servil-o por tantos annos bem e fielmente. As queixas de huns e outros são julgadas por hum Jury, e punidas as infracções do contracto por meio de multas, na forma do mesmo contracto, e que revertem a favor do proprietario ou dos *engajados* conforme o lado de quem se acha a justiça.

Os jornaes arbitrados, conforme a habilidade de cada hum e a especie de serviço a que se destinão, se devidem em duas partes desiguaes; a maior he para a amortisação das despesas feitas ou que deve fazer o especulador (porque alem das despesas do transporte, as da comida, vestuario e curativo são igualmente fixadas no contracto), e a menor pertence ao individuo ou ao chefe da famillia emigrada. Esta parte do jornal, junta a outras economias que pódem fazer por certos trabalhos particulares, e ás quantias que adquirem pela venda dos productos que obtem em hum dia que costuma dar-se-lhe livre para trabalharem por sua conta, os põe em hum certo numero d'annos ao alcance de comprarem terras, ou adoptarem huma profissão qualquer, huma vez que estes emigrados tenhão alguma industria e hum verdadeiro amor ao trabalho. Foi assim que nossos coterranêos conseguirão augmentar a sua população livre, de huma maneira tão espantosa e de que não ha exemplo em Nação alguma. Imitemos o que praticou e ainda hoje pratica esta Nação illustrada e talvez em hum periodo mais breve nós a excedamos. Faça o nosso governo contractos com os governos das Nações respectivas, relativamente a estas emigrações; cumpra religiosamente o que prometer aos seus Colonos, e faça cumprir á risca os ajustes que entre si fizerem os particulares e os individuos que tiverem mandado buscar, e não faltarão braços livres que cultivem nossos campos, que exerção as proffissões necessarias á vida civil, e que supprão os serviços domesticos, ora exercidos por escravos brutos e immoraes.

Os particulares devem estar ao facto do quanto são laboriosos e uteis os

habitantes dos Açores, Se nós temos hoje alguma população amigado trabulho, economica e morigerada, he a que descende dos habitantes d'estas Ilhas, que antigamente emigravão em grande numero para o Brasil. * A respeito dos habitantes das Canarias, quem conhece alguma cousa dos nossos vesinhos das Republicas do Sul, sabe que elles prestarão e prestão alli os mesmos serviços que os insulares dos Açores entre nós. " Para bem apprecial-os, dizHumboldt, † não basta observal-os na sua Patria aonde fortes embaraços se oppoem ao desenvolvimento da industria; he necessario estudal-os nas Steppes da Provincia de Caracas, sobre Andes, nas planicies ardentes das Philippinas, em toda a parte onde, isolados em regiões inhabitadas, tem tido occasião de desenvolverem essa energia e essa actividade, que são as verdadeiras riquesas de hum Colono. ,,

Hum prejuizo mui vulgarisado parece oppôr-se ao estabelecimento de Colonos vindos do Norte da Europa; isto he, que o clima sendo inteiramente opposto ao que estão acostumados os individuos nascidos naquellas regiões, poucos serviços poderão prestar, e tanto mais porque os nossos generos de cultura exigem laboriosos e aturados trabalhos, e huma certa pratica que só pode adquirir-se depois de longo exercicio. Este prejuizo nasce, como todos os outros, de falta de reflexaõ; mas convem combatel-o, o que he certamente mui facil. Refflicta-se que, de todas as creaturas, o homem he a que mais facilmente se acostuma a toda a sorte de climas, hum anno de residencia aturado, he sufficiente a qualquer individuo para aclimatar-se completamente. Compare-se demais a differença vantajosa que existe entre hum clima quente e outro extremamente frio, em rellaçaõ ás classes pobres. Entre mil outras vantajens que escuzo apontar, porque óbvias, a são de poder-se trabalhar todo o anno sem interrupçaõ, he decisiva a favor do primeiro. Nos climas frigidos, metade ou pelos menos o terço do anno, nem'huns trabalhos agricolas se podem emprehender, porque o estado da terra os não permitte; nos climas quentes todos os dias saõ bons, e só resta escolher as horas mais proprias do trabalho diario, para que os obreiros naõ soffraõ da ardencia do sol.

Os que estaõ inbuidos do prejuizo, que acima notamos, naõ reflectem tambem que o nosso paiz contêm em si diversos climas, dos quaes muitos, pela situaçaõ de algumas das nossas Provincias, saõ analogos aos da Europa para que estes Colonos naõ soffraõ da mudança repentina da temperatura; temperatura a que gradualmente se affazem na sua viagem da Europa para a America. Creio portanto que, tendo mesmo

* *Só tempo do Vice-Reinado do Marquez de Lavradio, vierão para o Brasil* 20,000 *casaes de Açoristas.*

† *Alexandre de Humboldt,* Viagens á *regiões Equinoxiaes. T.* 1.°

attenção a este prejuiso, as Provincias de Santa Catharina, Rio Grande do Sul, Minas e S. Paulo, são as mais proprias para estas colonisações, que devem ser feitas nos lugares os mais centraes para que d'elles affluão para as outras Provincias, á medida que forem multiplicando as gerações.

Não se reflexiona tambem na fertillidade do sólo, e o quanto ella mitigará os trabalhos feitos por mãos livres e com intelligencia. Mas conceda-se (o que nego com o author nacional, que por vezes temos citado *) que com effeito a gente livre no Brasil não possa com tantos trabalhos aturados da lavoura, como na Europa; mas, pergunto, se produzindo as sementeiras de todo o genero duzentos e mais por hum, entretanto que nos Paizes meridionaes da Europa, que passão pelos mais ferteis, hum grão apenas produz quarenta, para que se necessitão trabalhos tão aturados? A naturesa foi liberal de todos os bens que nos são necessarios, mas quer que os adquiramos pelo trabalho. A terra he esteril se nossas mãos a não fecundão; e por a ordem estabelecida para a producção dos fructos, este trabalho se leve, porem deve ser continuo.

O extremo frio e o extremo calor se tocão em hum ponto, como todos os extremos. O frio excessivo prohibe ao homem toda a especie de trabalho agricola; concordo em que o extremo calor faça o mesmo effeito; mas entre hum e outro a differença he consideravel: hum inverno rigoroso inhibe absolutamente os trabalhos da agricultura; entre nós o mais intenso verão só póde em rigor privar o lavrador de algumas horas de trabalho em certos dias.

O clima, dizem ainda, he insalubre; mas esta opinião he tão errada como a antecedente, nem creio que voga a respeito das Provincias que apontamos; relativamente ás outras, esta pertendida insalubridade não provêm do clima senão em parte, e essa mesma se corrigirá esgotando-se os charcos immundos que actualmente as occupão, tornando-se as florestas menos densas, e tantas outras causas, que o cultivo e a popula-

* *Este author appresenta hum facto que convem não perder de vistas, quando se reflectir sobre os males que entre nós tem causado a introducção dos escravos. Segundo elle, a Provincia de S. Paulo, antes da creação dos Engenhos, tinha pouquissimos escravos, e todavia crescia annualmente em povoação e agricultura, e sustentava de muitos variados generos, as Provincias maritimas e interiores. E hoje! o atraso e a pobresa daquella excellente e rica Provincia são bem patentes. A população livre pereceu quasi toda nas planicies do Uruguay e Prata, á força de continuos recrutamentos, e esta população foi substituida por escravos; d'esde então tudo foi em decadencia.*

ção farão desapparecer. Para desvanecer huma tal opinião bastaria notar-se que a America Septentrional era e he ainda mais insalubre que o Brasil, e entretanto ninguem dirá que a gente livre da Europa não póde alli formar colonias. Esta ultima parte do mundo era mesmo muito mais insalubre que a America inteira, antes que huma numerosa população fizesse remover as causas existentes de certas enfermidades; digo certas enfermidades, porque alli ainda reinão de vez em quando contagios assoladores, como na America Septemtrional, o que não acontece entre nós. Nem as tempestades horriveis das Antilhas, a febre amarella e outros contagios que soffrem estas Ilhas e huma parte da America Septentrional, nem os terremotos e volcões que assolão huma boa parte do nosso continente tem lugar no Brasil: ora este beneficio compensa bem alguns inconvenientes de que não está exempto paiz algum que eu saiba.

Não vejo demais que hum Europeo soffra muito do clima, se he temperante; e as nossas Provincias; mesmo as mais quentes, offerecem tantos exemplos de longavidade, como as mais frigidas regiões. Quantos d'estes filhos da Europa, não tem vivido nó Brasil, ganhando a subsistencia com a enchada na mão ? Se algum prejuizo se devesse formar a tal respeito, era certamente o contrario do vulgar; isto he, que hum Europeo he mais proprio para aturar com robustez os nossos trabalhos de lavoura do que hum negro; senão compare-se o serviço que faz hum branco, trabalhando com a enchada, e o que faz hum negro, empregado no mesmo serviço; senão compare-se a mortandade dos escravos em rellação á dos homens livres. A população livre tem augmentado pouco ou muito, mas sempre augmenta; a população escrava he necessario que constantemente se recrute na Affrica para conservar se no mesmo pé, e assim mesmo a importação não chega, por muito avultada que seja, para compensar o numero dos individuos que perecem annualmente. Que o digão os nossos Fazendeiros, que empregão huma boa parte das suas rendas na acquisição de novos escravos, para supprirem as muitas dezenas que a terra come annualmente. Se isto fosse bem considerado, deveria então estabelecer-se em principio, que o clima do Brasil he contrario á constituição dos habitantes da Affrica; que estes nunca podem acclimatar-se, porque morrem logo que chegão ou passados poucos annos; finalmente que elle he fatal a toda a sua raça, por ella não deixa prôle. Hum semelhante prejuizo (se o he) seria ao menos tirado da experiencia constante. Quanto aos Europeos elles vivem longos annos, seja qual fôr a naturesa dos trabalhos em que se empreguem, e deixão extensa geração. Se a nosso respeito ha rasão de queixar-nos do clima, isto he devido aos nossos habitos de molesa,

aos vicios, e a hum modo de viver contrario á natureza; culpemo-nos portanto, e não ao clima.

Disse em outra parte que, a considerar-se a differença vantajoza que ha entre os trabalhos que prestão braços livres e os que realmente prestão os escravos, e sobre tudo á economia que provêm do uzo das maquinas, toda a população escrava do Brasil, podia ser supprida por metade ou hum terço de homens livres. Já vimos que hum braço livre trabalhava por tres escravos e com dobrada intelligencia e dexteridade; consideremos agora a economia de forças uzando das maquinas, que aliás só podem ser bem manejadas por mãos livres.

Não se espere huma detalhada descripção das maquinas em uzo nos paizes mais adiantados que o nosso, pelo simples facto de serem cultivados por homens livres, que a necessidade tem tornado industriósos; 1.° porque huma tal descripção excederia muito aos limites d'esta memoria, e se achão em qualquer Encyclopedia que todos podem consultar; 2.° porque a maior parte d'estas maquinas não tem applicação aos nossos generos agricultados, ao menos antes que sejão corrigidas e adoptadas ás necessidades da nossa Lavoura. Reduzir-me-hei portanto a dar huma idéa simples das maquinas mais conhecidas e que podem ter uzo entre nós, o Arado e a Charrua, instrumentos ainda não adoptados, graças ao nosso desleixo inexplicavel. *

* *Seria facil mandarem-se alguns homens intelligentes examinarem nos outros paizes os methodos da cultura, e que de lá trouxessem modelos das maquinas applicaveis aos generos de lavoura que já possuimos e aos que podem naturalisar-se no nosso solo, sua manipulação, e as maquinas mais uteis para as conducções e transportes, quer nos campos, quer nas Cidades. A despesa que se fizesse com taes homens e com a acquisição de taes modelos, creio ser huma consideração mui secundaria, e excuso entrar nos detalhes das vantagens que d'isto nos proveria, para convencer os bons espiritos. Excuso mesmo citar o exemplo das outras Nações que tem armado expedicções custosas com o unico fito d'estender o dominio dos conhecimentos humanos; ou finalmente, entre mil outros exemplos, citar o do governo Francez, que enviou o celebre Charles Dupin, com grande dispendio, para examinar os processos usados na Gram-Bretanha, na cultura das terras, trabalhos manufactureiros e outros. Certamente ninguem dirá que nós estamos mais adiantados que a França, ou que não necessitamos conhecer o que nos outros paizes ha de bom e util. Nossos vesinhos, os Americanos do Norte, podem já fornecer-nos muitas maquinas applicaveis ás nossas precisões de todo o genero. Entre ellas citarei como as mais uteis.*

Nos trabalhos da Agricultura, as maquinas só podem supprir os braços até hum certo ponto e em circunstancias determinadas; semear, limpar e colher, só pode ser feito por braços humanos; mas lavrar, transportar, separ os grãos, moêl-os &c., he n'isto que o uzo das maquinas pode supprir inteiramente o emprego das forças humanas. Todos conhecem (ao menos de nome) o Arádo e seus uzos; mas nem todos sabem que hum só d'estes instrumentos pode supprir os braços de 20 homens, que, com outras tantas enchadas, apenas revolvem a superficie da terra; e que este instrumento, applicavel ás planicies e ás alturas, pode ser movido por meio de hum só boi ou cavallo, e dirigido por hum unico conductor; que, finalmente, faz mais serviço em hum dia que 20 enchadas, com muito maior perfeição, custa mais barato e he de facil construcção. A Charrua he hum outro instrumento, ainda mais util e que poupa mais braços. Para a acquizição d'esta maquina ja não percisamos hir mendigar a paizes extrangeiros; nós ja possuimos modelos de huma tão util maquina, fructo do genio inventor de hum dos nossos compatriotas: fallo da Charrua do senhor Anacleto Fragoso de Rhodes, ja experimentada por muitos dos nossos Lavradores, e que suppre o trabalho de 60 escravos,

1. *Os moinhos de grãos*, d'Evans, *de Philadelphia, inventados em* 1790. *Este maquinismo, movido por agoa, he o mais completo possivel. D'esde o lançamento do grão (trigo, milho, arrôz, ou qualquer outro) no moinho, até ao seu ensacamento e deposito nos armazens, tudo he feito sem soccorro de braços humanos.*
2. *A maquina devida a Miller e Whitney, do Estado de Conecticut, para separar o algodão do caroço. Esta maquina limpa mais de mil libras por hora.*
3. *A maquina de Luccas, da Carolina do Sul, para separar o arrôz da casca. Esta maquina, movida por agoa, dá* 20 *barricas d'arrôz descascado por hora.*
4. *A maquina de Neale, do mesmo Estado, para separar os grãos da casca.*
5. *A maquina de Midleton, do mesmo Estado, para limpar o trigo, e tambem empregada para descascar arrôz; e outra do mesmo inventor para cortar o trigo, o qual, como todos sabem dá excellentemente em algumas das nossas Provincias, mas que outros generos mais lucrosos fizerão abandonar, ou antes por ser hum genero que os negros não se agentão a cultivar.*
6. *A maquina de serrar e moer por meio d'agoa, de M. A. Henry, do Estado de New-York. A roda principal d'esta maquina faz cinco revoluções ou giros por minuto.*

sendo apenas movida por huma junta de bois e dirigida por dois conductores. Herão estes os inventos que devião ser premiados, para animar e excitar os nossos talentos; se elles fossem devidamente recompensados, nós veriamos nascer de improviso huma multidão de genios, que a falta d'incentivos e de meios fazem vegetar na inercia; estrangeiros, nacionaes todos porfiarião a inventar maquinas, tanto mais uteis em huma epocha em que tudo tende a expelir do nosso paiz os braços de raça Africana. Sem recompensas e sem emulação, em poucos annos nós vimos nascer sómente na Provincia do Rio de Janeiro, muitos inventos uteis, entre os quaes merecem especial menção as maquinas dos senhores Mattos, Fragozo de Rhodes, e as do senhor Scheult.

As d'este ultimo inventor, que felizmente estão debaixo das vistas de huma das mais uteis Sociedades do Imperio, * e que promettem huma avultada recompensa a seu author se executarem metade sómente do que ellas indicão, darão certamente hum grande impulso a hum de nossos generos de mais difficil manipulação.

7. *A maquina denominada* Palent-Harvester, *a qual por meio de hum só cavallo, corta o trigo, o bate e o limpa com a maior celeridade possivel. Calcula-se que dois cavallos, e hum homem para os conduzir, trabalhão perfeitamente em hum dia o producto de* 25 acres *de terra, com menos da metade da despesa, por huma só vez, que pelos meios ordinarios.*
8. *A maquina de Culver, do Estado de Conecticut, para limpar os tanques, e tirar as barras ou bancos d'areia, que se formão nas embocaduras dos rios.*
9. *As barcas movidas por cavallos, do Coronel Stevens, do Estado de New-York, destinadas ás conducções nos estreitos e de grandes correntes.*
10. *A machina de Meas e Walpole, do Estado de New-Jampshire, a mais util que se conheça para construir os carros de conducção, furar &c.*

N. B. A haver necessidade de conservar a enchada para certos terrenos, como serras, lugares pedregosos e estreitos &c., he então melhor substituil-a pela pá de cavar usada com grande vantajem em algumas partes da Europa. (Vide, sobre as vantajens d'este instrumento e seu uso, o Diccionario d'Agricultura, publicado por ordem da Academia das Sciencias de Lisboa, obra mui propria a ser vulgarisada entre nós.)

* *A sociedade Auxiliadora da Industria Nacional. Os serviços que tem prestado e presta esta sociedade de homens illustrados, são bem*

A invenção d'estas maquinas no nosso proprio paiz, mostrão que a falta de braços Africanos, bem longe de ser hum grande mal, ao contrario será hum novo meio de prosperidade aguçando o engenho e dezenvolvendo a industria.

A adopção do vapor aos Engenhos, ja tem dado hum grande melhoramento á manipulação do assucar; e se a este meio, que só deve ser empregado nos lugares aonde não poder achar-se abundancia d'agoas, se reunir as forças que presta este fluido quando he applicado como motor (o que ja acontece entre nós, mas sem que o saibamos bem aproveitar), e que ao mesmo tempo pode fazer girar muitos outros maquinismos sem dispendio de combustivel e sem o emprego de animaes e de homens, á economia de tempo e á maior perfeição que produzem. Os alambiques Inglezes já adoptados pelos mais illustrados dos nossos proprietarios, e finalmente os bons effeitos que em breve se esperão da invenção do senhor Scheult; pode calcular-se d'esde já a que ponto de barateza chegarão os nossos assucares, e a grande quantidade que poderemos exportar e consumir sem temermos a concorrencia dos assucares da India.

Das grandes vantagens que resultão do uso das maquinas, já á muito deverião estar persuadidos os nossos agricultores, e mesmo devem saber que se algumas não possuissem, poucos passos darião e só poderião obter os generos em bruto: excuso apontar o maquinismo que moê a cana e muitos outros; mas citarei em particular huma maquina mui simples, devida a hum Paulista cujo nome ignoro, e que poupa aos nossos agricultores do caffé huma infinidade de braços, cuidados e despesas. Esta maquina a que chamão *Monjollos*, consiste unicamente em hum martello adoptado a huma alavanca simples e movida pela agoa que cahe verticalmente de huma calha, ou posta em acção por hum só individuo. Antes da invenção de huma maquina tão simples erão necessarios muitos pilões onde soccavão laboriosamente muitas desenas d'escravos, para obter-se em hum dia metade do grão separado da casca, do que hoje se obtem quasi sem trabalho no mesmo espaço de tempo. Isto os deveria ter convencido da necessidade de fazerem algumas despesas na acquisição de maquinas apropriadas ás suas precisões, e de apurarem o seu espirito na invenção de novos maquinismos ou no aperfeiçoamento dos actuaes.

patentes; póde talvez ser reputada a mais util, porque o seu fito he sómente o verdadeiro bem de toda a assossiação. Se em todos os lugares houvessem sociedades d'esta naturesa, se toda a gente illustrada do Brasil formasse assossiações semelhantes, eu creio que argumentariamos menos e as nossas cousas marcharião melhor.

Mas não he sómente a vulgarisação das maquinas o que deve exigir todos os nossos cuidados, os melhores methodos do cultivo e roteação das terras, o aperfeiçoamento dos generos existentes, a adopção de novos, e finalmente tudo quanto diz respeito a sciencia agronomica, devem igualmente merecer a nossa attenção. A formação de sociedades normaes de agricultura, produsiria entre nós os mesmos beneficios que as sossiações semelhantes tem produsido nos paizes onde se achão estabelicidas. Ellas contribuirião efficazmente não só para o melhor cultivo das terras, indagando e experimentando os processos mais vantajosos e as estações proprias para as plantações de certas especies, como vulgarisarião o cultivo de tantos generos exoticos, ensinando os locaes mais proprios para a sua plantação, os meios de cultival-os, e os processos da sua manipulação. Todos sabem que o Brasil contendo em si diversos climas, he susceptivel de admittir no seu solo todos os generos do mundo. Esta opinião não he fundada em conjecturas, pois que ninguem póde ignorar que muitas das nossas Provincias dão os Cereaes da Europa, outras os generos da Asia, e que quasi todas dão simultaneamente todos os generos que se cultivão nas duas grandes devisões da America. Todas estas especies já estão experimentadas e como aclimatadas no Brasil, e só necessitão dar-se-lhe o desenvolvimento proprio para que entre nós se realise esse systhema Chinez, em que tanto se tem fallado mas que entendo differentemente quanto á applicação; isto he, que nós podemos possuir no nosso paiz tudo quanto se acha espalhado na superficie do globo, não para nos isolarmos das outras Nações formando hum povo inteiramente estranho aos outros, mas para fazermos partilhar a todos os nossos semelhantes os beneficios que a naturesa prodigalisou ao nosso paiz, e das nossas riquesas, fructos do nosso amor ao trabalho e á industria; como finalmente hum nucleo de commercio e relações amigaveis. Se a tantos generos vegetaes, mineraes e animaes, que já existem, conseguir-mos reunir os cereaes da Europa, as especiarias da Asia, as gommas e outros generos da Africa, que futuro prospero não deve appresentar aos olhos de nossos vindouros, mais felizes do que nós, a sua Patria, que apenas conta alguns annos d'existencia como Nação! De nós depende deixar-mos este bello legado á vossa posteridade, concorrendo com todas as nossas forças para honrarmos e aperfeiçoarmos a primeira das artes; o que não poderemos fazer em toda a sua plenitude em quanto tiver-mos tão grande numero d'escravos, porque então os nossos prejuisos nos faráõ sempre consideral-a como só digna de mãos viz. Os bens que produz a agricultura são vesiveis; para os povos mais adiantatados que nós, ella he hum *grande meio;* mas para nós ella he o *meio unico.* A abundancia dos bens da terra, o commercio, as verdadeiras e

sólidas riquesas não podem existir sem a agricultura. Seus effeitos se extendem ao moral como ao phisico: os povos não agricultores são feroses e barbaros; ella adoça os costumes, torna a guerra e as dissensões menos frequentes e menos calamitosas: hoje, como sempre, a Nação a mais livre, a mais poderosa e a mais rica, he a mais agricola. Se a Inglaterra e a França, na Europa, e os Estados-Unidos, na America, são as Nações as mais poderosas e florescentes do globo, isto he devido a protecção esclarecida que os seus governos prestão á agricultura, e ao interesse que tomão os particulares nos seus progressos.* Nos Estados-Unidos sobretudo, onde os espiritos, livres de hum sem numero de prejuizos, são eminentemente emprehendedores e laboriosos, todos se dirigem para o bem publico, sem o qual o bem particular não póde existir; alli a agricultura tem feito espantosos progressos e apôz ella as artes, as manufacturas e as sciencias; alli não só as velhas rotinas tem sido despresadas e substituidas por outras vesivelmente mais vantajosas, como se tem estabelecido sociedades normaes para a vulgarisação das riquesas vegetaes tanto indigenas como exoticas e seu aperfeiçoamento, melhor pratica da roteação e cultivo das terras, experimentos dos locaes appropriados e dos estrumes applicados ás especies novas. D'esta fórma, elles tem conseguido introduzirem no seu sollo muitos e diversos generos para que o payz parecia não ser proprio; elles tem combatido a terra, o clima e domado a naturesa que apparentemente lhes era contraria. * Imitemos a estes

* *Os nossos vesinhos da America do Norte, tem vencido a naturesa algumas vezes madrasta ao agricultor, pelos seus constantes exforços; nem o clima, nem os inconvenientes do sollo os tem feito abandonar ou despresar tal genero de cultura, que se julgaria não produzir o paiz. Citarei a este respeito hum só exemplo, porque elle tem a maior affenidade com as nossas cousas e mostra a necessidade absoluta da formação de sociedades de agronomicos illustradas e sobretudo preserverantes. No Estado de Tenessée se tinha por muitas vezes experimentado o cultivô do Trigo, porem sempre debalde, e finalmente estabeleceu-se a idéa de que o solo não era proprio para a producção d'este cereal. Logo que n'aquelle Estado se formou huma sociedade de agricultura normal, lembrão-se alguns dos seus membros, de que talvez a fortidão e a gordura do terreno fosse o obstaculo o mais natural da não producçaõ do trigo. Em consequencia d'esta idéa escolheraõ hum terreno, e depois de varias experiencias se conheceu que, sómente quando o terreno tivesse soffrido tres colheitas de fumo, algodaõ e milho, he que se tornava proprio para a plantaçaõ do trigo. Esta experiencia, vulgarisada pelos jornaes da Sociedade, animou a todos os Lavradores, e*

nossos coterraneos; e se tiver-mos tanto patriotismo e tanta preserverança, em breve pouco teremos a invejar-lhes.

Tratemos como elles d'expelirmos do nosso sollo e do seio do nosso paiz essa praga da escravatura, unica causa do nosso atraso, porque ella he a unica da nossa inercia; instituamos sociedades normaes de agricultura, que esclareção nossos lavradores sobre as melhores theorias e praticas da sciencia agronomica. Estas sociedades já acharião muitos conhecimentos positivos, que só necessitão modificações. Não se pense que as obras escriptas na Europa pouco podem servir para o aperfeiçoamento da nossa agricultura; he huma illusão. Ainda que os generos agricultados na Europa deffirão dos que actualmente cultivamos, com tudo o que lá convêm sobre as praticas do cultivo, roteação, estrumes, irrigações, e em geral tudo o que diz respeito aos methodos ruraes e domesticos, convem igualmente ao nosso paiz. Depende de nós aproveitar-mos o que a experiencia tem ensinado na Europa, e da nossa parte fazer-mos novas experiencias sobre a cultura dos nossos generos peculiares; demais, a maior parte dos generos da Europa dão excellente em algumas das nossas Provincias e talvez em todas se se tentar a sua introducção applicando-lhe os meios convenientes. Portanto tudo quanto lá se tem escripto nos póde e deve servir.

Muitos homens tem observado que a escravidão domestica oppõe obstaculos quasi invenciveis á adopção e uso das machinas; em primeiro lugar, não he possivel conseguir-se dos escravos que bem as manejem ou as não deteriorem em pouco tempo; em segundo lugar os proprietarios achão mais commodo empregarem as forças brutas dos seus escravos, despresando o auxilio que a arte faz prestar ás maquinas; terceiro, final-

terras já reputadas exaustas continuarão a produzir excellente trigo, hum dos vegetaes que menos a esterelisa.

Porque, á imitação d'isto, não experimentaremos sobre terras já fracas pelo cultivo de huma substancia que absorve mais depressa a maior parte dos seus vegetaes, como a cana, se o trigo não daria bem, ou mesmo depois de tres ou quatro colheitas de milho e feijão? A planta que produz o chá, naturalmente dá bem em terras ja exaustas; e esta opinião não he conjectural, porque na China não podem deixar de ser fraquissimas, as terras e comtudo póde dizer-se que este Imperio he a patria do chá. Quanto ao trigo, independentemente d'esta circunstancia, póde conjecturar-se que elle daria excellentemente nas nossas Provincias, mesmo n'aquellas cujo clima he o mais quente, pois que elle produz excellentemente no Egypto, cujo clima he identico, e mesmo em quasi toda a Asia.

mente, achão mais barato ter hum escravo que huma parelha de animaes, cuja nutrição lhes custaria mais caro,não calculando a differença dos preços, nem a naturesa e o valor dos serviços. Causa riso vêr nas ruas da Capital, a mais polida Cidade e a mais adiantada do Imperio, trinta ou quarenta escravos condusindo em grande algasarra outros tantos fardos ás cabeças, quando hum só carro puxado por huma ou duas parelhas de bestas, faria o mesmo serviço com dobrada celeridade e metade da despesa! Causa nojo vêr huma enorme e informe zorra levar, em quatro ou cinco horas, e a pouca distancia, huma unica pipa, que dez ou dôse negros arrastão penosamente por cima de calçadas mal construidas, destruindo de continuo as ruas e ameaçando estropiar os viandantes, quando hum carro convenientemente construido poderia levar seis ou oito d'estas pipas em alguns minutos e com dobrada celeridade a grandes distancias! Quem pela primeira vez observar hum semelhante espectaculo, nos considerará como hum povo ignorante e sem a menor idea do que he util ou commodo; e ainda mais se confirmará n'esta idéa, quando conhecer que obramos d'esta sorte contra nossos interesses e contra exemplos. Com effeito compare-se o capital empregado em tantos escravos, e o que custaria huma maquina e huma ou duas parelhas de animaes dirigidos por hum ou dois conductores livres, e ver-se-há a differença que ha contra os proprietarios. Calcule-se o custo de oito ou dèz escravos e da bruta maquina que arrastão; meta-se em linha de conta o sustento, o curativo e o vestuario d'estes escravos, as horas que perdem, e veja-se a quanto isto deve montar no fim de hum anno; calcule-se ao depois quanto importaria a acquisição de hum carro bem construido, os animaes para o puxarem e o salario de hum ou dois conductores; desconte-se as despesas que se poupão e os muitos transportes que se podem fazer em hum tempo dado; subtrahia-se esta segunda parcella da primeira, e se conhecerá claramente a economia que resultaria do uso destas maquinas tão economica e tão commodas, sem fallar em muitas outras circunstancias que immediatamente se appresentão ao espirito. Ora, se nós desconhecessemos estas maquinas, ou fossemos obrigados a hir buscal-as a paizes estranhos, esta nossa cegueira teria alguma desculpa; porem possuir no seio do paiz muitos modelos, graças a industria estrangeira, vêr de continuo os serviços que prestão, conhecer portanto a sua utilidade e economia, e com tudo preservar nas antigas rotinas, he teima singular, he preferir accintemente o mal ao bem! Nós que imitamos servilmente todas as frioleiras estrangeiras, lançamos para longe de nós como exotismos indignos do espirito de Nacionalidade, tudo quantó os outros povos nos appresentão de bom e digno de imitação!

No mesmo caso estamos a respeito dos trabalhos de mineração, Huma

grande companhia estrangeira tira hoje do seio de terras já abandonadas como estereis, riquesas consideraveis. De duas cousas deveria ter persuadido aos nosos mineiros o grande succeso d'esta companhia; a primeira e talvez a mais importante he, que, para taes trabalhos, dependentes de muita intelligencia, os homens livres são mais proprios que os escravos; a segunda, que o uso das maquinas proprias, evita enormes trabalhos, grandes riscos, e produz sem comparação mais interesses. Infelizmente parece que estas considerações não tem occorrido aos nossos mineiros; porque apesar de ser vesivel ao mais estupido a vantajem dos methodos que empregão estes estrangeiros, as antigas rotinas seguem sempre o seu trilho e talvez sejão preferidas. * Quem lhes embarga que observem, estudem e imitem taes progressos? A não ser a preguiça ou a cegueira, não posso advinhar o motivo: n'este caso o raciocinio he huma arma sem gume; porque se o exemplo não persuade, como o fará palavras?

Poder-se-hia propôr, para o adiantamento e progressos da mineração, alguns meios, porem todos dependentes da persuasão da necessidade de novos methodos da parte dos que se occupão n'este ramo, e da firme resolução da parte do governo em fazer adoptar taes methodos. Mas nem huma nem outra cousa talvez possa ter lugar, se se attender á cegueira dos particulares, e ás condescendencias e nimio escrupulo dos que governão. O Estado póde mandar estudar alguns individuos a arte das minas, nos lugares onde ella se acha mais adiantada; póde mandar buscar modelos de maquinas e gentes que as saibão manejar: porem, che-

* *Esta ultima e inexplicavel circunstancia não he hyperbolica, se com effeito he verdade, que alguns homens dos que servirão nas lavras do Gongo-Choco, tendo-se offerecido a alguns dos nossos mineiros, estes os não quizerão aceitar, tratando com despreso os processos praticados pelos Inglezes. A hum que aceitou, tendo-lhe o mineiro proposto a construcção de hum forte engradamento ou caixilhada, para evitar-se o desabamento das terras e sepultar, como por centenares de vezes tem acontecido, huma infinidade de escravos, o dono da lavra recusou immediatamente sob pretexto da grande despesa e tempo que levaria a construir esta obra; preferindo assim, para poupar algum dispendio, o vêr sepultado de huma só vez hum grande numero dos seus semelhantes, que lhe enterrarião maior quantias, do que as que poderia adquirir em muitos annos de aturados trabalhos, se achasse huma rica mina. Alem d'este risco, tão ordinario que ja não faz impressão, como seguir huma veia profunda sem segurar as terras? Huma vez perdida a direcção, eis perdidos grandes trabalhos e enormes dispendios.*

gão estes habeis Metalurgistas, estas maquinas e estes mestres mineiros; o que acontecerá a meu vêr, he o que a experiencia tem sempre mostrado: os modelos apodrecem em hum armazem; os Mestres tomão outro officio ou voltão outra vez para o seu paiz; o que estudou Mineralogia, o que apprendeu a arte das Minas, se transforma em Financeiro ou em Diplomata; e finalmente se os modelos de maquinas chegão ao paiz do ouro, ninguem faz caso d'elles, ninguem os imita: eis por tanto grandes despesas perdidas, e a fasenda publica onerada com a acquisição de cousas inuteis. O governo poderia contractar com as companhias, que se quizessem estabelecer para os trabalhos das lavras, a admissão de Nacionaes que apprendessem com os Mestres mineiros, vindos da Europa, os methodos lá usados e o manejo das maquinas; estes Nacionaes deverião ser os futuros mestres das nossas lavras metalicas, * obrigando o governo aos proprietarios mais consideraveis a admittil-os para guiarem os trabalhos das suas minas, d'ando-lhe estes proprietarios a sexta ou a oitava partedos metaes que extrahissem da terra. As vantajens de huma tal medida são patentes, pois que os proprietarios e em geral o paiz muito lucrarião; em primeiro lugar a quantidade do oiro seria muito maior, para o que efficazmente concorria o mestre mineiro, que n'isto acharia o seu interesse; em segundo lugar, tomando-se as precauções convenientes da arte, se evitaria a perda de hum sem numero de vidas que a terra sepulta annualmente, e poder-se-hião seguir as veias fertcis; em terceiro lugar, finalmente, o Estado lucraria duplamente em ter maior numero

* *O Brasil possue hoje em effectivo trabalho huma mina de ferro e muitas d'oiro; mas acabão agora de descobrir-se minas de prata, estanho e cobre. Provavelmente as Provincias metalicas de Goyaz, Matto-Grosso e Minas-Geraes, contem em seu seio todos os metaes preciosos; por que as substancias do reino mineral quasi sempre se achão reunidas no mesmo terreno. He demais commum opinião de que o Brasil inteiro he metalico. Como a antiga mina e fabrica de S. João d'Ipanema, vão restaurar-se, indicarei trez maquinas que podem dar muitas vantajens tanto aos interesses da fabrica, como aos particulares; ellas são:* 1.° *a maquina de fazer pregos, de Perkins, de Newbury-Port, nos Estados-Unidos, que fabrica em hum dia* 2000.000 *pregos.* 2.° *a maquina de Dourd, de Boston, a qual por meio de huma só operação produz hum parafuso perfeito.* 3.° *A maquina que ja citamos de Mead e Walpole, do Estado de New-Hampshire, para a construcção dos carros, furar &c. Ou finalmente, suppondo que no interior haja alguma industria fabril, citarei a maquina de Chittendon, do Estado de Conecticut, que faz em huma hora* 36.000 *dentes dos instrumentos de cardar.*

de homens habeis e fazer crescer as suas rendas na proporção da mais avultada porção de metaes, que necessariamente deve extrahir-se.

He debaixo d'estes principios, ou outros mais acertados que pessoas ao facto d'estes trabalhos apresentarem, que a mineração deve progredir e prosperar.

Agora que apresentei essas taes e quaes medidas, devo enunciar a minha opinião particular sobre hum ramo d'industria, que de todos os tempos tem occupado a mais interessante das nossas Provincias. Como esta minha opinião he contraria a geralmente recebida, só a apresento a medo procurando esconder-me à sombra de authoridades respeitaveis.

A minha opinião he que nenhum ramo d'industria deve ser despresado; mas tambem penso se deve fazer distincção entre os differentes trabalhos que os governos tem de obrigação protegerem: porque, entre estes ramos de industria humana, huns tem por fim a satisfação de necessidades reaes, e outros o goso de necessidades ficticias, algumas vezes perniciosas. N'este ultimo caso considero os trabalhos da mineração do ouro, embora se diga que com elle se obtem tudo quanto he necessario, util, ou commodo. São os effeitos moraes que se devem considerar em tudo; e se algumas vezes o homem d'Estado tolera certos inconvenientes nascidos do exercicio de tal ramo industrial, ao menos nunca o deve proteger directamente.

A experiencia constante e nunca desmentida nos mostra, que as Nações as mais ricas em minas d'ouro são realmente as mais pobres, se com elle pertendem obter tudo o que necessitão; que huma Nação industriosa absorve em pouco tempo todo o ouro das outras, dando-lhe em troco quasi sempre, não coisas uteis ou necessarias, mas teteias e trapos. Em confirmação d'estas verdades, se não quizesse citar exemplos estranhos, bastaria perguntar: aonde estão tantos e tantos centenares de milhões que o Brasil tem tirado do seu seio d'esde o estabelecimento das primeiras colonisações? Aonde existe o ouro que annualmente se extrahe?

Em paizes apartados do nosso, os que ignorarem o andamento das nossas coisas não poderão certamente acreditar que na terra do oiro e dos diamantes os metaes preciosos são tão raros como a industria; que o imperio auriphero e diamantino se acha redusido a ter por moeda corrente, cobre falso introdusido por estrangeiros e papel desacreditado!

Que o diga a Provincia de Minas: senão fôra essa tal ou qual industria desenvolvida por seus habitantes, certamente lhe teria acontecido a cathastrophe dos infelizes habitantes do paiz dos diamantes, que morrem de fome no centro de riquesas ficticias.

A meu vêr, em hum paiz novo, a extracção das minas deveria ser precedida pelo estabelecimento sob bases solidas, de hum systhema de

industria manufactureira e agricola: a mesma naturesa das coisas indicão esta precedencia; porque sendo o oiro simplesmente o intermedio dos objectos de troca entre *cousas* necessarias, a creação e producção d'estas *cousas* deve anteceder-lhe. Taes trabalhos sómente deverião ser emprehendidos como hum meio de empregar capitaes paralysados e huma população superabundante; mas nunca como hum genero unico para dar-se em troca por mil outros. Se de dois povos vesinhos, hum sustentar e vestir o outro, e est'outro só cuidar em tirar ouro com grandes trabalhos e dispendios, qual ficará miseravel mais depressa? O primeiro trabalha sobre cousas que a naturesa nunca nega e que só dependem do trabalho manual e intellectual; o segundo exerce as suas forças sobre cousas que a mesma naturesa esconde com cuidado e por fim nega, por mais trabalhos que se emprehendão, por mais atilado que seja o espirito humano.

Seria mui curioso saber-se a quanto monta o valor do ouro estrahido annualmente, e utillissima a comparação d'este valor com o de qualquer outro ramo de trabalho, na Provincia de Minas: huma tal comparação seria huma nova prova, da opinião da gente illustrada, de que as minas não fazem ricos os seus possuidores; * penso mesmo que os nossos donos

* *Se com effeito as minas fizessem ricos os seus possuidores, no mundo não haverião homens mais ricos, nem lugar mais oppulento que a Provincia de Minas. Mas se o contrario succede, não he pura declamação o que havemos dito. Reflicta-se sobre as seguintes passagens que vamos extractar, tiradas de hum escriptor pouco conhecido, mas que parece estar bem ao facto das cousas do Brasil.*

— O producto annual das nossas minas em tempo de nossos avôs, era de mais de 20 milhões de crusados: veja-se se estes crusados hoje se achão no Brasil. E as peças que forão para Lisboa? O ouro registado d'esde o descobrimento das Minas do Brasil até 1775, e levado á Europa sobe a 400 milhões de peças. Tambem estas peças desapparecerão: e aonde estão? Como se carregarão em navios estrangeiros, não se sabe o caminho que levarão. Onde estão as minas d'ouro de Jaraguá, as primeiras descobertas no Brasil, e as de Cantagallo pelos grimperos de Minas-Geraes? Das Minas de Santa Rita e Guaraçaba, apenas póde estrahir-se huma onça d'ouro (em 1820): o rio Pumba, á muito não produz; a famosa Fazenda do Capitão Ferreira e as lavras da Virginia estão esgotadas; igual sorte corre o Rio das Mortes, que era auriphero: Villa-Rica (ouro-preto) perdeu até a esperança de ter ouro, assim como dos Rios Chingon, Araguaya, Tapuios e outros mais longe. Só Villa-Rica dava annualmente 3 milhões de quinto.

de lavouras auripheras não são mais ricos, nem estão menos individados que os nossos senhores d'Engenho. Hum sabio Americano affirma com documentos, que só o commercio d'algodão, nos Estados-Unidos, he tres vezes mais importante e de maior valor, que o producto de todas as Minas do Mexico e Perú; e o celebre Humbold diz, que de tres especies de metaes, que se tirão das minas da Nova-Hespanha, o ouro

O que resta agora de tantas riquesas, principalmente depois da introducção de tantos escravos? Miseria, indigencia, pobresa. *A maior parte dos mineiros vivem nos bosques; as suas casas são construidas de ramos d'arvores cobertas com folhas de palmeira; a sua cama he a erva secca; não se occupão de agricultura, nem de manufacturas: contentão-se em andarem nus, e subsistirem de raizes e fructas silvestres.. e são estes os mesmos que virão n'outro tempo immenso ouro nas suas minas! ouro que desappareceu ficando só a miseria!*

— *He prodigiosa a quantidade de diamantes enviados á Europa nos primeiros tempos, isto he, nos primeiros* 20 *annos que se seguirão á descoberta das minas: dá-se por certo que excedeu a* 1.000 *onças; e sabe-se que de* 1801 *a* 1806, *o peso dos diamantes enviados ao Thesouro foi de* 115.675 *quilates. Mas onde existem estes diamantes, assim como o ouro? E as minas que os produzirão onde estão? Todas as minas de topasios, ametystas, esmeraldas, e outras pedras preciosissimas, algumas desconhecidas nos outros paizes do Universo, ou estão desamparadas, ou não lanção do seu seio mais que restos informes d'estas preciosidades. Os diamantes de Jequitinhonha, e dos diversos riachos da sua Comarca, que em tempos passados derão grande quantidade de preciosos diamantes da melhor qualidade, onde estão? Guardados nas Ilhas de...., e em outras partes. Os diamantes da Conceição, de figura octaedra, para onde forão? Que he feito das minas da corrente da Coritiba, as do Monte-Rodrigo, as de Goyaz, cujos diamantes erão celebres pela sua extraordinaria brilhantez; os de S. Gonçalo, Mandanga, Canjeca, Monteiro, Abaité, Pardo, Carolina? Tudo isto se tem trocado por chapeos, trapos e bonecas! — (Carta de hum habitante da Bahia por I. F. C. de A, Advogado, impressa em Lisboa no anno de* 1821).

Restão os do Serro do Frio e Tejuco, onde hoje seus habitantes morrem de fome e de penuria! Trocarão-se todas estas riquesas por tecidos que o paiz podia produzir, por teteas e confeitos. O tempo ja destruio tudo; mas a meseria, o desleixo e incuria ficarão de sobra. E o que he ainda mais triste, huma parte d'estas riquesas se consumirão em que? Na compra de escravos!....

torna em pouco tempo pobres os donos das lavras, a prata compensa ao menos a despesa, mas as de cobre fazem por fim ricos aos que n'ellas trabalhão com intelligencia e constancia.

Hum judicioso militar dos Estados-Unidos * observa, relativamente a hum dos Paizes mais ricos em metaes preciosos, qne onde abundão as minas d'ouro os costumes são corruptos e a população miseravel. " Quando voltamos á Lusiana (diz elle), o menos accisado reconheceu que, á medida que nos ausentavamos dos districtos auripheros, os povos tinhão mais industria e erão menos inclinados a huma vergonhosa mendicidade : assim tambem os costumes são menos corruptos na Provincia de Cahahuila, do que nas de Nova-Biscaya e Novo-Leão. — Contão-se sómente do Mexico (diz o mesmo viajante n'outro lugar) sessenta mil mendigos : que numero prodigioso deve existir em todo o Reino? He difficil conceber como no paiz o mais rico do mundo pelas suas minas de ouro e prata, que produz alem d'isso todos os objectos de primeira necessidade e mesmo a maior parte das superfluidades do luxo, hajão tantos homens a quem faltão alimentos e vestuario! Hum tal phenomeno só póde explicar-se pelas más combinações do governo, e o luxo escandaloso dos ricos. ,,

Em huma discussão de tanta importancia, não temo accumular citações e authoridades, para desenganar aquelles que pensão, que as riquesas são metaes preciosos. O ouro da America arruinou a Hespanha, o ouro do Brasil produzio o mesmo effeito em Portugal, e nem o nosso paiz, nem a America do Sul ganharão cousa alguma em arrancarem do seu seio riquesas ficticias, que bem longe de augmentarem os productos destruirão os primeiros germens da industria, e tornarão as cousas reaes e uteis quatro ou seis vezes mais caras. O celebre e profundo Condillac, faz as mais judiciosas reflexões sobre a influencia funesta da extrema abundancia de metaes preciosos relativamente á industria e bem ser dos Povos, que por hum momento se soppõe ricos e por fim cahem na mais profunda miseria. †

" Quando os Hespanhoes se virão em possessão dos tesouros do Novo-Mundo, tiverão a simplicidade de se acreditarem riquissimos; mas só o fôrão por momentos. Os generos se balanção mutuamente com a quantidade de dinheiro em circulação e se põe pouco a pouco de nivel;

* *Zebulon Montgomery Pike, Major do Exercito dos Estados-Unidos : viajem ao Novo-Mexico, nos annos de* 1705, 1806 *e* 1807.

† *Curso d'Estudos para instrucção do Principe de Parma ; — Historia moderna, Tomo* 5.°

de sorte que, se elle raro, com pouco compra-se muito; e se he commum, com muito compra-se pouco. Ora, o dinheiro era raro em toda a parte, quando os Hespanhoes acharão repentinamente muitos milhões, e parecerão no principio bastantemente ricos para poderem comprar toda a Europa; porem á medida que o dinheiro sahia do paiz, o preço dos generos subia proporcionalmente; de sorte que o seu valor pareceu ter quadruplicado no espaço de hum seculo. Estes tesouros do novo-mundo, transportados á Hespanha, fizerão crescer o luxo, mas o mal ainda foi maior, porque arruinarão a industria. A rasão he simples: pois que o dinheiro era mais commum alli, tudo tinha maior preço que nas outras partes: comprava-se por tanto de preferencia aos estrangeiros, que davão tudo mais barato. Os artistas por consequecia não podendo mais viverem de seus officios, sahião do reino e as manufacturas extinguião-se. O ouro e a prata só entravão de passajem no Reino. Com effeito notou-se que tinhão entrado mais de quatro mil milhões d'esde a descoberta da America em 1492 até 1595; entretanto apenas restavão duzentos milhões comprehendendo as baixelas e tudo quanto era feito d'ouro ou prata. A Hespanha era portanto no fim do 16.º seculo, hum dos menos ricos paizes da Europa. Na verdade sempre chegavão novos tezouros, mas tambem sahião logo; porque o dinheiro aflue necessariamente para os lugares onde existem as verdadeiras riquesas, isto he, as cousas que se consomem e reproduzem para consumir-se de novo. O dinheiro devia mesmo sahir com maior abundancia de hum para outro anno; pois que, á medida que se tornava mais commum, os generos se hião tornando cada vez mais caros. Com effeito ainda que, d'esde 1595, chegassem á Hespanha ao menos de 12 a 15 milhões annuaes, apenas havião cem em circulação em 1724 e ainda assim era necessario incluir todas as riquesas das Igrejas. As cousas forão seguindo tal caminho, que, no principio do 17.º seculo, o povo da Hespanha era o mais pobre a Europa, porque ja não existia commercio, manufacturas, e agricultura definhava-se. Entretanto os impostos continuavão os mesmos, e a difficuldade de os pagar augmentava a miseria publica. Viáõ-se nos campos centenares de lavradores que, sem vestidos, expostos a todas as injurias do ar, só se alimentavão d'agoa e mau pão. Aquelles que ainda tinhão alguma industria e podião ganhar a vida, soffrião só todo o peso dos impostos e se desgostavão insensivelmente de hum trabalho de que se lhes roubavão todos os fructos. A mendicidade veio a ser hum modo de vida, hum estado: achava-se excellente viver á custa do publico, e de nada ter a fazer porque assim nada se paguva. A miseria despovoava insensivelmente os campos; porque as famillias pobres extinguião-se, e outras se tornavão pobres para extinguir-se igualmente. Foi assim que

as Indias Occidentaes sem tornarem a Europa rica, impobrecerão a Hespanha; porque o seu ouro e a sua prata arruinarão a agricultura, as manufacturas, o commercio, e a despovoarão pelas numerosas Colonias que emigrarão. Nas foi sómente nos Estados-Geraes ou Cortes de Hespanha, em 1719 que se conheceu toda a extensão do mal: pelos relatorios appresentados n'esta memoravel reunião, conheceu-se evidentemente que todas as rendas do Estado estavão empenhadas, desertos os trabalhos da agricultura, a industria anihilada, e que a mesma casa real só subsistia d'impostos sobre o clero, não restando a mais pequena somma para as despesas do governo. ,,

, Este quadro abreviado, mas energico e verdadeiro, he huma resenha das causas do estado de atraso em que se achão as duas Nações da Europa, que só procurarão descobrir e conquistar para acharem ouro, e completarem assim a sua ruina sem sensivel melhoramento dos paizes conquistados. Relativamente ao nosso paiz, a sêde do ouro, que excluio toda outra idéa nos descobridores, teve ainda mais funestos resultados que os olhos vêm melhor, que a palavra não póde explicar.

Deixemos pois livre, como está, o exercicio d'este ramo d'industria; mas o Estado não deve protegel-o como aos outros, cujos fins são a satisfação de necessidades reaes; deixemos ás Companhias estrangeiras os trabalhos e os cuidados de arrancarem do seio da terra essas riquesas de que não sabemos aproveitar-nos, e que de certo são perdidas para nós: os nossos mineiros que apprendão com ellas os methodos e processos que se usão na Europa; mas que isto seja feito á sua custa, sem que o Estado dispenda hum só real: apprendão pois se quizerem, ou arruinem-se a seu salvo. As verdadeiras minas de hum Povo são a industria agricola, manufactureira e artistica; com ella se podem obter todos os metaes preciosos que girão no mundo; sem ella, todo o ouro que existe ou possa descobrir-se, he huma verdadeira pobresa e huma causa permanente de corrupção, d'immoralidade e de mercia. Estes principios são á muito tempo *lugares-communs*, repetidos todos os dias por homens illustrados; mas, por serem principios sediços, não devem deixar de proclamar-se de continuo, sobretudo a hum povo novo, a vêr se elles fazem effeito em seu beneficio.

Mas, a meu vêr, o que deve ser efficazmente protegido e favorecido por todos os meios e maneiras que estão a alcance do governo, he a industria manufactureira: todas as despesas e sacrificios que huma Nação fizer n'este ramo, redundará em seu immediato beneficio; elle fará augmentar sua agricultura; dará novo incentivo ao seu commercio; fará nascer ou aperfeiçoará as artes de necessidade e de luxo; moralisará a população, e ao mesmo tempo lhe proporcionará novos meios d'existencia e de trabalho.

Permitta-se-me que, excedendo os limites d'esta memoria, appresente alguns detalhes sobre este ramo de occupação, sem duvida hum dos mais vitaes em todo o sentido.

Todas as artes de primeira necessidade estão comprehendidas em duas grandes divisões; as que nos fornecem os meios de provermos á nossa subsistencia, e as que nos põe a abrigo da inclemencia das estações e outros accidentes exteriores. Estas duas especies d'artes são essensialmente necessarias para a conservação da vida, e o homem he involuntariamente e energicamente condusido a exercel-as, pelas necessidades urgentes da naturesa mesmo no estado o mais selvagem e o menos cultivado que possa imaginar-se.

O primeiro passo que dá hum Povo, que começa a passar da barbaridade para hum certo estado de civilisação, he cultivar a terra; o segundo he inventar os meios (e estes já exigem huma rasão mais apurada) de subtrahir-se aos incommodos do seu clima, vestindo-se e construhindo habitações abrigadas: assim, á medida que vai dando novos passos na carreira da civilisação, apura as artes que ja conhece, ou imita a que se usão em paizes mais adiantados; e d'isto nascem as artes de gosto ou de luxo, que são o effeito da imitação sugerida pelas invenções uteis das outras Nações, que tem feito mais progressos na civilisação.

A agricultura he considerada por hum engenhoso escriptor * como a regra que deve servir para bem julgar da civilisação de hum Povo; mas esta regra só póde servir a respeito de hum estado grosseiro de civilisação, e não se a applicarmos ao que hoje se intende por civilisação, isto he, o exercicio de todas as artes, todas as sciencias, em huma palavra, a iudustria em todo o genero. Então esta regra se deve mudar n'esta outra: para conhecer o estado de civilisação de hum povo, he necessario indagar se elle possue industria fabril, porque ella está intimamente ligada ao conhecimento e effectivo exercicio de todas as artes e sciencias, entrando n'estas a agricultura, porque sem ella o paiz não póde produzir as substancias primas, nem tão pouco poderão haver objectos de mutua permutação.

Appliquemos estes principios ao nosso estado de cousas, e vejamos se a justo titulo nós podemos chamar civilisados.

Para isto, lance-se os olhos sobre toda a extensão do Brasil, e veja-se qual he o ramo de industria fabril que prospera no nosso paiz. Possuidores de quasi todas as materias primas, nós não possuimos huma unica fabrica que não elangueça em breve ou morra d'inação! Este simples

* *Poyvre, viajens de hum Philosopho. Consulte-se Ricardson e Robertson.*

consideração diz mais que muitos volumes. Vejamos agora se este pessimo estado de cousas procede do nosso desleixo, ou de alguma impossibilidade natural.

He opinião corrente, e talvez acintemente propalada, de que o Brasil não póde tão cedo possuir manufacturas; mas se perguntarmos as razões em que se funda semelhante absurdo, ninguem poderá responder.

Porque huma Nação não póde estabelecer manufacturas no seu territorio? Provavelmente só duas causas influirão para esta impossibilidade, a absoluta penuria de braços e de substancias primas. Mas esta ultima falta parece não ser irremediavel, porque os paizes, que actualmente possuem maior numero de manufacturas, são justamente aquelles que absolutamente não tem materias primas no seu territorio, ou que ao muito possuem huma ou duas substancias em pouca quantidade; por exemplo a Inglaterra, a Hollanda, a Belgica; entretanto que nestes paizes, assim como em quasi todos os da Europa, se manufacturão as materias primas, que lhes vem da Asia, da Africa ou da America.

Huma rasão, apparentemente especiosa, póde dar-se d'este phenomeno. Nos climas favorecidos pela natureza quanto á producção e abundancia das substancias alimentarias, a maquina humana se conserva sem grandes exforços. Ora, sendo fraco o aguilhão das necessidades, consequentemente a industria, que depende da sua importunidade, só se exerce sobre hum pequeno numero de objectos os mais necessarios e ao mesmo tempo os mais simples. Em as regiões menos favorecidas, este espirito d'invenção e industria he muito mais activo, e leva os homens muito mais longe na applicação das artes ás commodidades da vida; e por consequencia em hum espaço de tempo igual, elle sobe a hum maior grau de perfeição, que entre os habitantes das regiões situadas nos tropicos, que facilmente alcanção satisfazer as necessidades naturaes e preferem huma simples inação ás commodidades obtidas pelo trabalho. Este argumento he mais de especulação do que de pratica, porque não he tirado da experiencia nem tão pouco he geral. Bem favorecidos são certos paizes da Asia, e com tudo a industria lá tem chegado ao seu auge; bem pouco favorecidos são certos paizes do mundo (mesmo da Europa) e comtudo são como os selvagens tão pouco industriosos. Póde objectar-se que isto só tem lugar n'aquelles em que a população he avultada, e nos quaes a população tem feito grandes progressos. Este ultimo argumento he verdadeiro, e he por isso mesmo que devemos fazer todos os nossos exforços para que o espirito d'industria, que tende a satisfazer a segunda necessidade da vida, se propague entre nós, se com effeito queremos ter população correspondente á extensão do nosso territorio, se finalmente queremos fazer rapidos progressos na carreira da civilisação.

Nem os braços nem as materias primas nos faltão, para que possamos satisfazer todas as nossas necessidades n'este ramo. Quinze substancias indigenas crescem espontaneamente no nosso territorio, sem que d'ellas nos saibamos aproveitar, estando alias todas experimentadas como proprias para o fabrico dos objectos necessarios á navegação e tecidos de toda a especie; e o nosso solo he demais apropriado para a cultura de todas as substancias exoticas empregadas nas manufacturas, e possue todas as materias de tinturaria. *

Não he pois por falta de producções abundantes, que nós não podemos possuir fabricas.

Examinemos agora se he a falta de braços o que nos priva de que ao menos não façamos alguns ensaios manufactureiros.

Temos nós huma população livre, que ao menos excede á metade da população total?

Quaes são os empregos que atualmente exercem os individuos que a compõe?

Para cabalmente responder a estas questões, he necessario examinar esta outra. He hum mal ou bem, huma grande população, quando não ha meios de occupar a todos os membros da Sociedade em trabalhos uteis, que lhes assegure meios de subsistencia e concorrão para o engrandecimento e prosperidade do Estado?

Esta questão tras comsigo mesma a sua resposta. Com effeito ella se reduz a saber, se hum estado composto de miseraveis, de mendigos e ociosos, merece o nome de Nação, se ella póde prosperar, crescer, ou mesmo manter-se como Potencia independente, livre e civilisada. Não tem portanto demonstração este principio, porque elle he de simples intuição e salta aos olhos do mais ignorante; nem tão pouco este outro, evidentemente demonstrado pelos Publicistas: que a população só augmenta quando acha trabalhos de que subsista: principio alias tirado da ordem natural, pois que hum individuo cessa de procrear logo que cessa de produzir.

Bem se vê portanto que a nossa população não póde augmentar se

* *Leão-se as obras Botanicas do Dr. Manoel Arruda da Camara, e as viajens de Koster. Quando mesmo não tivessemos senão huma unica substancia prima,* o algodão, *elle só bastaria para o estabelecimento de hum sem numero de manufacturas.*

Quanto ás outras substancias empregadas nas manufacturas, o linho *dá excellentemente nas nossas Provincias do Sul,* a seda *todos dizem ser indigena no Norte, e se não temos* lam, *não he certamente por falta de terreno que não temos abundancia d'animaes lanigeros.*

achar embaraços á sua multiplicação na má organisação da Sociedade, e que ao contrario diminuirá se a actual não achar meios de subsistir.

Mas, temos nós huma população ja não pouco avultada, e quaes são as occupações que exerce?

Basta lançar os olhos para as nossas Cidades e povoações concentradas e consultar esses taes ou quaes elementos estatisticos que possuimos, para claramente conhecer-se se nós temos ou não huma população livre avultada; da mesma maneira, o homem o menos illustrado, mas que olhar para as cousas com as luzes do simples bom senso e sem prejuisos, conhecerá que, para os meios que a nossa associação offerece, ja a nossa população superabunda. E em que ha de ella occupar-se? O Commercio, d'esde as mais altas especulações do negociante até aos mais pequenos detalhes do mascate, tudo he exercido por estrangeiros; a navegação he igualmente previlegio dos estrangeiros, assim como as artes; a agricultura, as artes grosseiras, o serviço domestico e outros, he monopolio dos senhores d'escravos: o que resta pois aos individuos livres, não proprietarios? Não sei; porque as armas, as letras, e os empregos publicos, apenas pódem occupar alguns centos, e porque demais, para exercer estas occupações, he necessario possuir bens, ou ter, por meio das familias, certa consideração na sociedade.

He esta a terceira ou quarta vez que repito estas tristes verdades, e continuo a insistir, por estar persuadido que, encarando os males face a face, sem nos dessimular-mos a sua intensidade, he o unico meio de achar-lhes remedios. Que os patriotas de senso, pezem bem estas observações e hum sem numero de outras, que sem duvida se lhe devem apresentar ao espirito e tratem de dar cura aos males de que está prenhe o futuro.

Hum outro obstaculo imaginario ao estabelicimento das manufacturas, he a caresa da mão d'obra. Como competir com os generos das outras Nações (dizem os que adoptão sem exame esta opinião), se a carestia dos nossos não permittirá a concorrencia? Para desvanecer este prejuiso, tão fatal para nós, basta considerar que estas Nações, com quem se pertende não poderemos sustentar a concorrencia, tirão do nosso paiz as materias primas, e depois nos vem vender estas mesmas materias ja manufacturadas. Mas, d'esde a primeira compra do genero em bruto, até á ultima venda do genero fabricado, por exemplo, o algodão, quantas despesas e quantos lucros não he necessario meter em conta? o que não acontecerá se for fabricado no paiz e vendido no paiz. Não corresponderão estas grandes despesas á differença da mão d'obra? Sem duvida, e superabundantemente. *

* *Reflicta-se sobre o seguinte exemplo, e calcule-se por quantas mãos*

Alguem dirá que a baratesa da mão d'obra provem da baratesa dos jornaes. Talvez; mas não consta que os jornaes dos individuos habeis, empregados nas manufacturas, seja mesquinho como parece suppor-se. Consulte-se a este respeito as muitas obras de estatistica e d'Economia politica, que se tem escripto, e se verá que os jornaes dos obreiros fabricantes equivale e mesmo excede ao que se chama hum bom jornal entre nós. As citações serião ociosas para os que tem lido estas obras; e para os que as não conhecem, basta reflectirem na caresa dos generos alimentarios, que forçadamente deve haver nos paizes ricos e que influem necessariamente sobre os preços dos jornaes. Nos paizes manufactureiros, que não possuem substancias primas, não he nas porções vendidas a retalho, que os fabricantes lucrão, mas na grande quantidade que exportão. Huma pessa de fasenda, por exemplo, dará hum lucro mui deminuto em relação ás despesas; porem muitos milhares de pessas produzirão hum avultado ganho sommando parcellas, mesquinhas á primeira vista, mas que reunidas compensão e recompensão superabundantemente ao manufactureiro.

Mas, o ponto capital he dar meios d'emprego á população livre, sem o que ella não poderá subsistir nem multiplicar-se; ou se com effeito, a despeito de todos os tropeços, ella crescer, então deve ser reputada co-

tem de passar hum genero antes que chegue ao derradeiro consumidor, quantos lucros tem de dar, e quantas despesas tem a fazer.

O algodão *comprado aqui, sem contar huma multidão de operações de, menor monta, tem de pagar os seguintes Direitos e dar os seguintes lucros:*
Direitos de sahida do genero em bruto;
Direitos d'entrada, no porto do seu destino;
Direitos de sahida, do genero manufacturado;
Direitos d'entrada fabricado, no porto do seu destino.

Lucros. — *O lucro do negociante, que enviou o genero em bruto, no que entrão as despesas do frete &c.;*
Os lucros do segundo, terceiro ou mais compradores, em primeira, segunda ou mais mãos;
O lucro do manufactureiro, que mete em conta a compra das substancias de tingir, a mão d'obra, o costeio da fabrica, direitos internos &c.;
O lucro do negociante que comprou o genero manufacturado, no que vai incluido o frete, consignação, &c.

A quanto montarão todas estas despesas, em relação ás que faria o mesmo genero comprado no paiz, n'elle manufacturado e vendido? Talvez a 200 *e mais por cento. Todas as despesas, para o manufactureiro nacional se reduzirião ás despesas da fabricação e aos direitos internos.*

mo huma verdadeira praga. Lêa-se e reflicta-se, sobre os grandes males que causa huma grande população desempregada, as obras do economista *Malthus*: hum grande numero de individuos condemnados forçadamente á ociosidade, he hum aggregado de feras esphaimadas, que se devorarão humas ás outras. Considere-se a que vicios senão acha entregue a nossa população proletaria; vicios que lhe hão sido communicados pelos escravos, e pela forçada inação a que a tem condemnado tres seculos d'erros, d'egoismo e desmasel-o. Estes vicios tem crescido com o augmento da mesma classe, e basta citar o torpe vicio da embriaguez, hoje tão geral quanto era raro antigamente, e que mesmo se vai communicando a classes mais elevadas.

Ora, se nós ja temos população condemnada ao ocio por falta de emprego, he evidente que ella não he certamente a causa de não podermos possuir manufacturas; e tanto mais, pois que não he necessario grande numero d'individuos para faser mover hum estabelecimento semelhante, quando as maquinas podem supprir mais dos dois terços das forças humanas, e que nos trabalhos em que ellas são indispensaveis, podem ser suppridas por braços incapazes de qualquer outro serviço. Lêa-se a excellente obra do celebre *Charles Dupin*, sobre a industria da Gram-Bretanha. As tres partes que compõe este poderoso imperio, contão apenas huma população de quinse a deseceis milhões de habitantes, da qual somente hum terço se emprega nas fabricas; entretanto o uzo das maquinas supre os braços de mais de vinte milhões d'homens, e o producto annual que sahe d'estas manufacturas pode vestir mais de trezentos milhões de individuos. He pela perfeição das suas maquinas que a Inglaterra sustenta o mais possante collosso que se tem visto, que gosa da primazia entre todas as Nações da terra, cobre os mares com os seus navios, e faz face a despezas equivalentes ao rendimento de todas as potencias do Universo. *

* Awkerigt, *de Londres, foi o inventor d'essa famosa maquina de fiar algodão, hoje huma das mais uteis e importantes que possue a Inglaterra. Este mecanismo aperfeiçoado pelo decurso do tempo, he tão poderoso, que, com o trabalho de huma só mulher, fia mais promptamente, com mais igualdade e finura, do que o poderião fazer* 200 *mulheres com rocas, fusos ou rodas. Charles Dupin faz, a respeito da introducção e vulgarisação das maquinas, as mais importantes reflexões. " Se alguem (diz elle), póde considerar como hum flagello para hum paiz, e sobretudo para os operarios, os aperfeiçoamentos que diminuem a mão d'obra em huma fabrica, quão criminosos não são os inventores das maquinas, cujo trabalho compensa na Gram-Bretanha*

Alem da economia de braços e perfeição dos generos industriaes, que provem unicamente do uzo das maquinas, nas manufacturas se empregão toda a qualidade de pessoas grandes, pequenas, homens, mulheres, coixos, cegos e estropiados. Quando se não conhecesse alguma outra vantajem das fabricas, bastava somente a de occupar e dar meios de subsistencia a todos os membros pobres da sociedade, em seu proveito e da associação a quem só servem de pezo: os pequenos pela sua insufficiencia são a oppressão dos Pais pobres; os velhos, os cegos, os estropiados, as mulheres, precizão de quem os sustente, e todos juntos formão hum corpo inutil e pezado ao Estado, entretanto que, empregados nas manufacturas, ganharão o seu sustento, evitando assim a oppressão que cauzão e se tornão uteis supprindo os lugares dos individuos habeis e bem constituidos, que podem ser empregados em trabalhos mais pesados.

Tudo pois nos incita a promover-mos o estabelecimento das manufacturas, se queremos ter população e sobre tudo população morigerada, se queremos ser verdadeiramente livres e independentes, se queremos finalmente escapar á vorajem das revoluções. E para quando esperaremos?

A industria fabril não pode desenvolver-se entre nós sem grandes sacrificios pecuniarios da parte do Estado; sacrificios na verdade de momento, porque o mesmo Estado obterá em breves annos interesses avultados e a Nação prosperidade interna, que he a unica segura e

o de 20 milhões de braços! Porem note-se que a Gram-Bretanha, antes da invenção d'estas maquinas, apenas podia empregar e sustentar tres milhões d'homens industriosos de todas as classes, quando actualmente sustenta lautamente dez milhões d'individuos, que vivem somente da sua industria fabril: não só elles tem o necessario, mas o superfluo. Note-se mais, que pelo unico effeito das maquinas de tecer e fiar o algodão, a Gram-Bretanha vende aos estrangeiros fasendas e tecidos de todas as especies no valor de quasi tresentos milhões (de crusados); e que pela invenção e uso dos officios mecanicos, postos em acção pelo vapor, ella exporta o valor de cem milhões em laneficios. Os operarios opposerão no principio todo o furor da ignorancia á introducção d'estas maquinas; porem finalmente reconhecerão, que, bem longe de lhes serem nocivas, estas maquinas só servião para augmentar-lhes a prosperidade. Foi assim que a Inglaterra em 60 annos excedeu em industria e riquesas a todas as Nações; e que huma Ilha que apenas conta 16 milhões de habitantes pôde conquistar paizes cuja população excede a 140 milhões de Cidadãos, subditos, e tributarios, isto he a sexta parte da população do nosso globo.

verdadeira. As circunstancias do paiz não permitem aos particulares emprehendão especulações d'este genero, quando devem temer a concorrencia estrangeira; concorrencia que certamente não poderáõ sustentar se não tiverem huma decidida protecção do publico e do Estado. Mas do publico não deve esperar-se esta protecção, porque cada hum vai comprar os generos que necessita a quem lh'os dá mais baratos.

He portanto o governo quem deve animar e mesmo emprehender taes especulações, e para isto todos os sacrificios devem ser reputados mesquinhos tendo-se em vistas os interesses futuros, a grandesa e a prosperidade da Nação.

Não se espere que estes bens nasção como por milagre; he applicando os meios, he com sacrificios, que se conseguiráõ tão grandes beneficios. Ora, não poderá ou não deverá fazer hum governo illustrado, a favor de hum povo livre e civilizado, o que tem feito a favor de hum Povo simi-barbaro, hum despota estrangeiro! *

Não devo occultar, que, appresentando esta idéa, vou contra maximas reputadas infalliveis e as unicas, segundo alguns pensão, que podem praticar-se com vantajem de todos. Mas estas maximas peçáo por absolutas; creio mesmo que ellas são de simples theoria, porque as não vejo praticar em parte alguma. — Que os governos não devem exercer

* *Os que tem lido, sabem que quero fallar do famoso Mohammed-Aly, Pacha do Egypto d'esse grande homem, ainda que Despota, a quem a antiga Patria dos conhecimentos humanos, vai dever o renascimento. Mohammed-Aly he Albanez e não Egypciaco, e comtudo tem feito a favor do paiz que governa no centro da ignorancia e do fanatismo Musulmano, o que naõ tem feito muitos governos, sem nenhum d'estes grandes estorvos, ou mesmo imaginado fazer a prol de suas Patrias. Naõ fallando nos trabalhos d'esse grande homem, para vulgarisar a civilisaçaõ e as luzes entre hum Povo acabrunhado por governos estrangeiros e estupidos, á desoito seculos; só direi que tem estabelecido hum sem numero de manufacturas com grandes sacrificios pecuniarios mandando vir da Europa Mestres e maquinas, e que a despeito de todos os embaraços, que lhe tem appresentado os prejuisos, a inercia hereditaria da população, e mais ainda a cobiça estrangeira, com tudo isto, estas manufacturas tem prosperado; conseguindo assim este homem raro introduzir a industria em hum paiz barbarisado á força, e sobretudo occupar milhares de braços que até então só servião para perpetuar a anarchia, a confusão, a ignorancia e a tyrania.*

Oxalá este exemplo nos inverganhe! Oxalá elle produza no espirito dos que governão o desejo d'imital-o!

por sua conta ramó algum d'industria, porque isto seria hum verdadeiro monopolio em prejuizo dos particulares; — que não devem dar protecção a tal ou tal genero de trabalho, para que os outros não soffrão; — finalmente, que o melhor meio de apurar e aperfeiçoar a industria he deixar exercel-a à vontade de cada hum, e ser o mais economico possivel comprando os generos necessarios onde mais barato os achar, sejão estrangeiros ou nacionaes: eis maximas proclamadas como infalliveis, mas que não tem applicação real em parte alguma, e que certamente são funestas ás nações novas, aonde tudo está ainda por nascer, onde não ha industria nem concorrencia.

Certamente se os Ministros da famoza Elizabeth, se Pedro o Grande, e tantos outros Ministros ou Chefes das Nações, hoje manufactureiras, tivessem seguido á risca estas maximas, nem a Gram-Bretanha, nem a Russia, ou qualquer outro paiz, possuirião fabricas. Parece que, ao contrario de tudo o mais os preceitos se estabelecerão diversamente das praticas anteriores, conhecidamente boas pela experiencia. Ora, se os Corpos Legislativos de França, Belgica, Hollanda, Inglaterra e Estados-Unidos não votassem annualmente grandes sommas para animarem tal ou tal ramo de industria, faserem nascer hum que não existia, ou mesmo para tornar-se indigeno hum genero exotico, poderia dizer-se que os governos d'estas Nações livres põe em pratica as maximas proclamadas pelos seus publicistas. Mas o contrario succede, e todas as nações manufactureiras não só começarão por formarem modelos de fabricas por conta do Estado, conservando o monopolio por muitos annos; porem mesmo ainda hoje procurão manter hum monopolio nacional depois que conseguirão vulgarizar a industria, empregando a respeito das outras nações meios que muitas vezes a moral desapprova. Quantos sacrificios não tem feito a Inglaterra, vendendo os seus generos manufacturados por baixissimo preço para assim arruinar as fabricas das outras nações, ou comprando estas fabricas por altissimo preço para extinguilas, sugeitando-se o Estado a hum enorme dispendio para saldar as percas dos particulares? Esta politica he bem conhecida, e tem sido sempre vantajosa para a nação que a emprega, com grande detrimento das outras nações. Que importa perder quinze ou vinte por cento em certos generos por espaço de hum ou dois annos, quando, cessando a concorrencia, pode ganhar-se quarenta ou cincoenta por tempo indifinido?

Vê-se pois que estas maximas ou forão hum aborto do cerebro de alguns publicistas de gabinete, ou são accintemente e maliciosamente proclamadas para augmentarem a ignorancia ou conivencia dos que até hoje tem pessimamente dirigido os destinos de certas nações que parecem condemnadas a hum eterno torpor. Quando mesmo ellas fossem verda-

deiras, por serem bazeadas em huma esclarecida experiencia, não podem ter com tudo applicação a huma Nação, nova em tudo e que de tudo carece. Como explicar-se por exemplo, a maxima — *que os governos não devem proteger tal ou tal ramo industrial de preferencia aos outros* — a respeito de huma Nação que não possue industria alguma, onde tudo jaz em embrião, onde os poucos meios dos particulares lhes não permitte especulações dispendiosas sem certeza de lucros? Huma semelhante maxima seria tão funesta quanto redicula na boca dos nossos homens de Estado; e tanto mais, pois que a Nação conserva ainda tres ou quatro monopolios, certamente mais absurdos.

O nosso governo parece começar a dar a estas maximas infelizes o seu devido apreço, e a julgar que os grandes rendimentos das alfandegas d'importação, não constituem riquesa nacional, mas que ao contrario indicão o seu estado de atraso, a pobresa e a falta d'industria publica. Os Ministros do governo geral já não pensão como os seus antecessores, que trabalhar e adquirir bens reaes para disperdiçal-os dando-os em troca por generos que o paiz póde produzir com superabundancia, seja hum estado prospero; já começão a suppor que dar meios aos nacionaes de viverem de seus trabalhos, he preferivel a alimentar o luxo e as riquesas dos estrangeiros; finalmente já julgão do seu rigoroso dever facultar á população os caminhos da industria, da morigeração, e, em huma palavra, da verdadeira civilisação. *

Todos os homens nos devem merecer amisade, seja qual for a região que os tiver visto nascer, e esta amisade para manter-se entre Nações apartadas necessita o laço do commercio; mas o commercio deve ser huma permutação ou troca entre cousas equivalentes, isto he, entre cousas que o paiz produz por outras que não póde produzir; alias, haverá sómente miseria de hum lado e cppulencia de outro. O commercio estrangeiro he sem duvida vantajoso, deve ser mantido e protegido, mas istò não deve embaraçar de maneira alguma que nós não tenhamos em nossa propria casa tudo quanto for necessario á satisfação de todas as precisões urgentes e imperiosas, no numero das quaes entra a de vestir-nos; necessidade quasi tão urgente como a dos alimentos em huma sociedade civilisada, e que não deve estar á mercê das nações apartadas, que mil accidentes podem privar de vir vender-nos os productos da sua industria. Entre hum sem numero de hypothezes, que podem verificar-se a cada momento, appresentarei só huma. Supponhamos huma guerra com huma Nação estrangeira forte em marinha, e que os nossos Portos sejão activamente

* *Vide os relatorios dos Srs. Ministros, appresentados a Assembléa geral no corrente anno* (1834).

bloqueados; se o bloqueio durar mais de dous annos, parte da população ficará nua, e o resto só conseguirá cobrir-se a peso d'ouro; nossos generos por falta d'exportação apodrecerão nos armasens; tudo ficará em miseria profunda, porque o mesmo commercio interno quasi cessará; a Nação não terá meio algum de fazer face ás despesas da guerra, porque as rendas (ao menos os quatro quintos) consistem em direitos d'importação, que a mesma guerra fará cessar immediatamente, e que continuarão mesquinhas por espaço de muitos annos de paz, pois que a falta de exportações arruinará infallivelmente a maior parte dos lavradores. * Então como pagar a essas numerosas cohortes d'empregados, pensionistas e tantas outras sanguexugas do Estado, que á semelhança dos zangões comem todo o mel sem produzirem huma só gota? Hoje com os olhos fitos nas barras espião com ancia o pavilhão estrangeiro, que lhes traz a subsistencia; amanhã talvez olhem debalde: só verão o pavilhão inimigo, a miseria e a nudez no interior do paiz, a vergonha e o ludibrio da nação no exterior! Tal he sempre o espectaculo que appresenta huma associação sem industria, e que funda as suas rendas não na prosperidade interna, mas que espera dos estrangeiros tudo quanto podia ter no seu territorio, e que portanto d'elles depende absolutamente.

* *Esta hypothese já foi realidade para os Americanos do Norte nas duas guerras que sustentarão com a Gram-Bretanha, principalmente na segunda, quando ainda estavão frescas as feridas recebidas na porfiada luta da Independencia. Tão activo foi o bloqueio, que todas as communicações externas cessarão totalmente, e o governo da União foi obrigado a lançar hum embargo nos seus proprios navios, que apenas sahião erão logo capturados. Então se os Americanos não tivessem hum animo emprehendedor e preseverante terião cahido na mais profunda miseria, mas foi n'essa crise desastrosa que a industria manufactureira começou a desenvolver-se, e tem hoje tomado tal auge, que a America do Norte já compete com a mesma Gram-Bretanha. Note-se que n'essa epocha os Americanos se achavão em piores circumstancias que o Brasil; as suas rendas erão mesquinhas, e a sua população inferior á nossa, tendo demais a combater o clima e numerosas nações de selvagens assanhadas pelos Inglezes. Comtudo, tal foi o patriotismo e as acertadas medidas do seu governo, que d'esta guerra, que parecia dever aniquilar a Republica, sahio a America livre e triumphante, contendo já no seu proprio seio os preciosos germens de huma industria que espanta e causa inveja ás outras Nações. Foi n'essa epocha que se inventarão a maior parte das maquinas usadas nas suas manufacturas, e das quaes poderiamos mandar buscar modelos, se tentassemos imital-os.*

Huma outra consideração não secundaria se apresenta. Os generos que damos em troco aos estrangeiros não são de primeira necessidade, entretanto que, os que elles nos trazem ja não podemos passar sem elles. Ora se os nossos generos perderem a sua voga, ou houverem outros lugares que os possão vender mais perfeitos ou mais baratos (como ja vai acontecendo com o algodão e anil dos Estados-Unidos, e com o assucar da India) que daremos nós em troco?

Suppondo que todos se achão penetrados d'estas verdades, indaguemos em breves linhas o que havemos mister para obtermos hum beneficio que nos porá ao abrigo da guerra e dos ventos, independentes de nações longiquas, e que facultará a população hum sem numero de meios de trabalho e subsistencia honesta, ao Estado rendas certas, á Nação prosperidade indestructivel. Creio que, em ultima analyze, o que nos falta em primeiro lugar he *vontade:* com *vontade e preverança* tudo se consegue; e se alguns sacrificios são necessarios, qual o bem que se consegue n'este mundo sem sacrificios? Mas em que consistem estes sacrificios? Nós temos as materias primas, as substancias proprias a tingir, população superabundante nas Cidades e povoações concentradas; o que nos falta pois? *Maquinas e Mestres.* Mande pois o governo buscar aos paizes estrangeiros estes agentes, que nos faltão; estabeleça fabricas por sua conta ou anime negociantes abastados a que tentem esta empresa por meio de companhias, conserve o monopolio ou conceda previlegios limitados, até que as maquinas se vulgarisem e estas escolas normaes tenhão educado hum grande numero de artistas habeis, que sirvão de Mestres ás fabricas que os particulares queirão estabelecer; extingua então as suas, para salvar a accusação do monopolio; mas monopolise sempre a industria nacional, isto he, compre sempre aos nacionaes tudo quanto for preciso aos seus arcenaes e outros estabelecimentos, mesmo mais caro do que os estrangeiros nos podem vender os seus generos. O nome de *Patria*, senão he hum nome vão, quer dizer preferencia e protecção em tudo e por tudo aos membros da mesma familia, aos subditos do Estado: sem a pratica d'este principio o nome de Cidadão he huma palavra irrisoria, hum verdadeiro contra-senso.

Se as manufacturas sahem no principio ordinarias e caras, não se deve por isso esmorecer; com a continuação ellas se aperfeiçoarão. Procurem-se Mestres habeis, ainda a custo de grandes salarios, porque taes sacrificios virão a produzir avultados lucros: os mestres promptificão discipulos que ao depois os substituem por ordenados mais modicos, e á medida que o numero das fabricas fôr multipliplicando, estas igualmente com o tempo se hirão aperfeiçoando e portanto augmentando os

seus productos, que porporcionalmente se hirão tornando mais baratos em rasão da quantidade e da concorrencia.

Seja o Estado constante no seu projecto, que o resultado lhe será sempre vantajoso; revistão-se os Cidadãos de hum verdadeiro espirito patriotico, que logo as manufacturas estrangeiras lhe não parecerão melhores nem mais baratas que as suas. Meia dusia de grandes empregados de menos, huma grande Fragata desarmada, tantas outras despesas inuteis e muitas vezes perniciosas, sendo applicadas a este grande ramo d'industria, produzirão em poucos annos beneficios incalculaveis, dando subsistencia e meios honestos de trabalho a milhares de familias. *

Mas não pensem os possuidores d'escravos, que o estabelecimento das manufacturas seja mais hum artigo de renda para os seus capitaes empregados em carne humana. Os escravos devem ser absolutamente excluidos d'estes trabalhos; 1.°, porque elles devem ser considerados unicamente como hum grande meio d'occupar os homens livres; 2.°, por que a acquisição d'escravos absorveria avultados capitaes, que pouco produzirião; 3.°, pela inabilidade dos negros para todo o serviço que exige a menor porção d'intelligencia.

Todos os escravos reunidos, pondo-se em obra toda a intelligencia e dexteridade de que são capazes, não conseguirião fabricar hum bom alfinete, como energicamente se exprime o judicioso publicista que pela ultima vez citamos. Duas das principaes causas dos progressos que em nossos dias tem feito as artes e as sciencias (diz elle) são a devisão das occupações, e o uso das maquinas: ora a escravidão domestica he hum obstaculo invencivel a esta divisão e a este uso. Taes progressos tem feito em nossos dias as artes, e as occupações que ellas exigem tem sido de tal sorte divididas, que o individuo cujas necessidades fossem as mais limitadas, não póde esperar satisfazel-as sem o concurso de muitos centenares de pessoas. Adam Smitt observa, que a fabricação de hum só alfinete exige a cooperação immediata de desoito ou vinte individuos; se se accressentar a este numero os individuos que fabricarão os instru-

* *Lembro, como hum ensaio que póde já tentar-se, o estabelecimento de teares d'algodão nas casas de correcção. A devisão dos trabalhos em grande numero de officinas he difficultosa em extremo e certamente mui dispendiosa; o que não acontecerá se os presos se occuparem em hum só trabalho, que podem executar reunidos em hum só local, e para o qual todos serão proprios a toda a hora do dia e da noite, seja qual fôr o estado do seu phisico ou o grau da sua intelligencia. Os presos são occupados em trabalhos manufactureiros, em quasi todos os paizes que possuem hum regimen philantropico de casas de correcção e penitencia.*

mentos e as maquinas necessarias aos obreiros ; os que tirarão o metal da mina e lhe derão as diversas preparações convenientes, achar-se-há em resultado hum numero immenso de braços. Este numero será ainda maior, se se calcular a quantidade de mãos que concorrem para a producção do tecido o mais commum, desde aquelle que fornece a materia prima até ao que vende a mercadoria ao consumidor: ora, entre esta multidão de operações, ha sómente hum limitadissimo numero que possa ser executado por escravos.

Finalmente, a escravidão offerece obstaculos taes á multiplicaçaõ das riquesas, á creaçaõ de novos agentes de prosperidade, de subsistencia e trabalhos proveitosos á massa da populaçaõ, que, se os Povos entre os quaes ella se acha estabelecida naõ tivessem communicaçaõ com as Nações livres e industriosas, em poucos annos desceriaõ hum grau da escala da civilisaçaõ mais baixo que os negros do centro da Africa: as suas casas seriaõ barracas ou sanzalas de palha ; seus vestidos pelles de animaes ; e por instrumentos de agricultura teriaõ alguns ramos d'arvores, ossos, ou pedras.

FIM.

MATERIAS

CONTIDAS

NOS QUATRO CAPITULOS.

CAPITULO I.

Odiosidade do commercio de entes humanos.

Comparaçaõ entre as Piratarias dos Barbarescos, e as dos contrabandistas de Africanos.

Crimes commettidos pelos importadores d'escravos.

Sophismas com que os apologistas do commercio d'escravos costumão cohonestar a sua sede de riquezas.

Refutaçaõ de tão miseraveis sophismas.

A convicçaõ não he a arma que deve empregar-se contra os contrabandistas, mas sim Leis rigorosas

A que preço e por que preço são obtidos os escravos na Africa.

Acasos horriveis a que estão sugeitas aś victimas; alguns exemplos.

Expectaculo hediondo da venda de escravos, e doloroso aspecto de hum ente humano reduzido á escravidão.

Pretextos de que se valem os contrabandistas para introduzir-nos impunemente huma semelhante praga.

INDIFFERENÇA das authoridades e dos cidadãos a respeito da introducção dos escravos, contra seus proprios interesses e segurança.

REFUTAÇAÕ do sophisma o mais especioso dos apologistas.

REZENHA dos males que causa a existencia e o commercio de escravos.

CAPITULO II.

FUNESTOS effeitos do systema da escravidão em geral: examinão-se os mesmos effeitos entre os descendentes dos Colonos Europeos de todas as Nações, particularmente nos Estados do Sul da America Unida; Contradicção entre os principios e a pratica do Povo que se diz o mais livre.

INFLUENCIA dos principios em que se funda o systema de escravidão,

— Sobre o caracter dos possuidores d'escravos;

— Sobre os costumes publicos;

— Sobre as faculdades intellectuaes dos senhores em todas as Nações que possuem escravos;

— Sobre a Religião.

INFLUENCIA dos castigos e da falta de caridade e misericordia, sobre o caracter e os habitos dos possuidores de escravos.

RESULTADOS d'estas funestas influencias, relativamente ao espirito de liberdade e de civilisação.

PERIGOS que corre a Liberdade em hum paiz dividido em possuidores e possuidos, ou em *oppressores* e *opprimidos*.

CARACTERES atrozes da guerra civil entre hum Povo dividido em classes extremas e subdividido em muitas castas inimigas.

PERIGOS que corre a independencia da Nação, no caso de huma invasão estrangeira.

FINALMENTE, a existencia da escravidão domestica se oppõe a todos os melhoramentos que tentar hum governo illustrado e Patriotico.

CAPITULO III.

INFLUENCIA da escravidão sobre o espirito e industrial, por tanto sobre a producção e o crescimento das riquezas publicas, relativamente aos senhores e escravos.

EFFEITOS da mesma influencia sobre a classe livre não proprietaria.

DIFFICULDADE, ou antes impossibilidade, de formar-se huma classe media nos paizes d'escravatura.

NEM a classe dos senhores, nem a dos escravos, e ainda menos a dos proletarios podem concorrer para a producção, accumulação e conservação das riquezas publicas e particulares. —Exame das causas deste phenomeno relativamente a todos os paizes d'escravos, particularmente nos Estados Sul da America Unida, onde devem hir buscar-se os melhores exemplos.

INFLUENCIA da escravidão sobre a população.

A AGRICULTURA he a unica arte cultivada nos paizes de escravos. Breve exame do estado desta arte nas Colonias formadas pelos Europeos na America, particularmente nos Estados Sul da America Unida e Brasil.

O EMPREGO dos escravos, como trabalhadores, dá somente prejuizos, por mais miseravelmente que vivão seus senhores e por mais especulações que façáo para que seus escravos nada consumão.

DETALHES sobre as vantagens do emprego de jornaleiros livres, sobre os trabalhos e lucros que dão os escravos.

CALCULOS detalhados das despezas, percas e lucros que dão os escravos empregados em qualquer especie de trabalho.

CAPITULO IV.

A ESCRAVIDAÕ domestica sendo a causa unica do nosso atrazo, deve ser abolida.

PERIGOS apparentes de huma tal operação ; estes perigos são imaginarios.

MEIOS lentos, mas seguros, de conseguir-se esta abolição sem grande abalo da assossiação.

NAÕ convêm conservar no paiz hum grande numero de libertos ; mas estabelecel-os como colonos na Africa ; meios de estabelecer estas colonias.

POREM antes desta epocha, devem approveitar-se estes taes e quaes braços dos escravos, applicando-os somente aos trabalhos da agricultura.

MEIOS de hir removendo os escravos das cidades para os campos.

A DIFFICULDADE não he conseguir huma tal remoção, porêm melhorar a sorte dos actuaes escravos.

SE com effeito se tem em vistas povoar o Brasil e cultival-o com braços livres, deve desde já tratar-se de formar Colonias de gente que emigre da Europa.

VANTAGENS inapreciaveis destas Colonisações.

MEIOS que devem empregar-se para formar Colonias de gente livre da Europa, quer por conta do Estado, quer por emprezas particulares.

BAZES em que devem firmar-se as colonisações por conta do Estado, igualmente vantajosas para os colonos e o mesmo Estado.

A QUE partes da Europa se devem hir buscar os colonos; distincção entre os lugares a que devem hir buscar-se colonos por conta do Estado, e aquelles d'onde devem vir colonos por emprezas particulares: — razão desta distincção.

QUANTO ás colonisações por conta dos particulares, devemos seguir o que se praticou na America do Norte. — Exposição dos meios que empregarão nossos coterraneos nos Estados-Unidos.

OS HABITANTES das Ilhas dos Açôres e Canarias são os mais proprios para estas colonisações ou trabalhos particulares.

OS HABITANTES da Suissa e do Norte da Allemanha devem ser preferidos para as colonias do Estado.—Prejuizos fundados no clima, contra a colonisação da gente do Norte da Europa; refutação destes prejuizos.

ECONOMIA de braços que resulta do uso das maquinas; — quaes são as maquinas de que podemos tirar maiores vantagens; — maquinas que devemos usar, inventadas entre nós, e algumas de que podemos mandar buscar modelos a paiz estrangeiro.

O MELHOR methodo de cultivo, e em geral todos os processos de agricultura usados nos paizes mais adiantados, devem merecer a nossa attenção e serem adopta-

dos pelos nossos lavradores. — A vulgarisação dos processos uteis só pódem vir ao Brasil por meio de *Sociedades de agricultura normal.*

Causas que se oppõe ao uso das maquinas nos paizes d'escravatura.

Breve demonstração das vantagens e interesses que terião os nossos proprietarios substituindo as forças da arte, ás forças brutas de seus escravos.

Observações sobre os trabalhos de mineração. — Estes trabalhos são pouco productivos e muito dispendiosos. — Medidas para aperfeiçoar o trabalho das minas, admetindo-se Mestres habeis, que tivessem apprendido os processos e o manejo das maquinas de que usão os estrangeiros.— Os trabalhos de mineração não devem merecer tanta protecção como os outros ramos d'industria ; — rasões d'esta opinião.

O ramo de industria, que mais deve ser protegido e animado depois da agricultura, são os trabalhos manufactureiros.

Facilidade de estabelecer entre nós muitas e diversas fabricas; — meios de conseguir este estabelecimento; — vistas sobre a necessidade imperiosa de hum semelhante estabelecimento, e suas vantajens inapreciaveis.

Rio de Janeiro, — Typ. Commercial Fluminense. — 1837.

RIO DE JANEIRO.

TYPOG. COMMERCIAL FLUMINENSE,

DE B. E. SURIGUE

Rue des Ourives, n. 40.

3 2044 019 955 533

RIO DE JANEIRO.

TYPOG. COMMERCIAL FLUMINENSE,

DE A. P. NUNEZ.

Rua dos Ourives n. 45.